



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura
Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 3283 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



NÓS E A GENTE EM SALVADOR: CONFRONTO ENTRE DUAS DÉCADAS

por

CARINA SAMPAIO NASCIMENTO

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marcela Moura Torres Paim

**SALVADOR
2013**



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 3283 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



NÓS E A GENTE EM SALVADOR: CONFRONTO ENTRE DUAS DÉCADAS

por

CARINA SAMPAIO NASCIMENTO

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marcela Moura Torres Paim

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

SALVADOR
2013

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Nascimento, Carina Sampaio.

Nós e A gente em Salvador: confronto entre duas décadas / por Carina Sampaio
Nascimento. - 2013.
128 f. : il.

Inclui anexos.

Orientadora: Profª Drª Marcela Moura Torres Paim.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador,
2013.

1. Língua portuguesa - Pronome - Salvador (BA). 2. Língua portuguesa - Brasil -
Variação. 3. Sociolinguística. I. Paim, Marcela Moura Torres. II. Universidade Federal da
Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 469.5

CDU - 811.134.3'367.626

Dedico este trabalho a Waldete Sampaio (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter iluminado meu caminho.

A Osciol, Raquel e Antonio, pelo incentivo e abdicação.

A Marcelo, com quem compartilho minhas alegrias e angústias.

À Prof^a. Dr^a. Marcela Moura Torres Paim, amiga, orientadora, pelo apoio incomensurável, pelo permanente encorajamento e disponibilidade dispensada toda semana.

À Prof^a. Dr^a. Jacyra Andrade Mota, pela atenção e contribuição dispensada nessa jornada.

À Prof^a, Dr^a. Norma Lopes, pela colaboração e pelas orientações prestadas.

A Laura Almeida, pelo estímulo constante.

A Amanda dos Reis, pela contribuição acerca do programa *GoldVarb*.

A Sandra Carneiro de Oliveira, pela atenção e discussão acerca da investigação.

A Gilza, pela entrevista concedida.

Aos colegas de Instituto de Letras, da UFBA, pelo companheirismo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA, pela excelência dos seus professores, pesquisadores e colaboradores.

"No anonimato do a gente o homem se desresponsabiliza
perante suas ocupações e seu existir passa a ser ditado
pela publicidade impessoal".

Martin Heidegger

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo sobre a variação, no português brasileiro, dos pronomes de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*, em posição de sujeito, identificando tanto os fatores sociais, quanto os ambientes linguísticos que os condicionam na fala de informantes da primeira e da terceira faixa etária dos inquiridos do Projeto Norma Linguística Urbana Culta da cidade de Salvador (Projeto NURC-SSA) do tipo DID-Diálogos entre Informante e Documentador com o objetivo de descrever os padrões reais de uso na comunicação oral, adotados por indivíduos portadores de nível superior da cidade de Salvador, dos anos setenta, confrontados com dados dos anos noventa. Apresentam-se considerações sobre a trajetória do pronome *a gente* e investigam-se, em seguida, as contribuições de gramáticos e linguistas acerca desses pronomes. A análise empírica tem por base dados de vinte e quatro inquiridos, examinados numa perspectiva sociolinguística, submetidos ao programa *GoldVarb/2001*, buscando-se evidenciar a relação entre as categorias *nós* e *a gente* e os fatores linguísticos, como preenchimento do sujeito, nível de referencialidade, paralelismo discursivo, tempo e modo verbal, tipo de oração, tipo de verbo, tipo de texto e classificação da frase, e extralinguísticos, como gênero, faixa etária e década da gravação do inquirido, que pudessem influenciar no comportamento linguístico do falante. A partir da análise realizada, observou-se que: a) o uso de *a gente* vem crescendo no Português do Brasil; b) os fatores linguísticos, preenchimento do sujeito, nível de referencialidade, classificação da frase, e os extralinguísticos considerados exercem influência na escolha do recurso de que o falante se vale para representar o pronome de primeira pessoa do plural no Projeto NURC-SSA.

PALAVRAS-CHAVE: *Nós* e *a gente*; Norma Urbana Culta; Sociolinguística.

ABSTRACT

This work presents a study about the variation, in Brazilian Portuguese, of the first plural person pronoun, *nós* and *a gente*, in noun position, identifying the social factors as well as the linguistic environment that condition them in the speech of informants at the first and third age in the inquiries of the Project *Norma Linguística Urbana Culta NURC/Salvador* type DID-Diálogos (dialogues) between informant and researchers which aims to describe the real pattern of use in oral communication adopted by people who are graduated in Salvador city since the seventies against data of the nineties. It presents considerations about the trajectory of the pronoun *a gente* and investigates after the contributions of Grammarians and linguists about these pronouns. The empiric analysis has as a base data of twenty four inquiries examined in a sociolinguistic perspective, submitted to the program *GoldVarb/2001*, looking for evidence the relation between the category *nós* and *a gente* and the linguistic factors as the filling of the noun and level of referentiality, discursive parallelism, tense and verb flexion, type of phrase, type of verb, type of text and sentence classification and extra linguistics, like genre, age, decade of the recording of the inquiry, that could have an influence in the speaker linguistic behavior. From the analysis done, it was observed that: a) the use of *a gente* has increased in Portuguese spoken in Brazil; b) the linguistic factors filling the noun, level of referentiality, sentence classification and the extra linguistics considered have an influence in the choice of the resource which the speaker uses to represent the pronoun of the first plural person in the project NURC/SSA.

Key words: *Nós* and *a gente*; Cult Urban Rule; Sociolinguistic.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Forma do pronome de primeira pessoa do plural no Projeto NURC-SSA	52
Tabela 2 – O uso de <i>nós</i> no <i>corpus</i> do Projeto NURC-SSA segundo o preenchimento do sujeito	55
Tabela 3 – O uso de <i>nós</i> no <i>corpus</i> do Projeto NURC-SSA segundo o nível de referencialidade	57
Tabela 4 – O uso de <i>nós</i> no <i>corpus</i> do Projeto NURC-SSA segundo a polaridade da frase	58
Tabela 5 – O uso de <i>nós</i> no <i>corpus</i> do Projeto NURC-SSA segundo o paralelismo discursivo	60
Tabela 6 – O uso de <i>nós</i> no <i>corpus</i> do Projeto NURC-SSA segundo o <i>tempo e modo verbal</i>	61
Tabela 7 – O uso de <i>nós</i> no <i>corpus</i> do Projeto NURC-SSA segundo o <i>tipo de oração</i>	62
Tabela 8 – O uso de <i>nós</i> no <i>corpus</i> do Projeto NURC-SSA segundo o <i>tipo de verbo</i>	62
Tabela 9 – O uso de <i>nós</i> no <i>corpus</i> do Projeto NURC-SSA segundo o <i>tipo de texto</i>	63
Tabela 10 – O uso de <i>nós</i> no <i>corpus</i> do Projeto NURC-SSA segundo o gênero	64
Tabela 11 – O uso de <i>nós</i> no <i>corpus</i> do Projeto NURC-SSA segundo a faixa etária	65
Tabela 12 – O uso de <i>nós</i> no <i>corpus</i> do Projeto NURC-SSA segundo a <i>década da gravação do inquérito</i>	67
Tabela 13 – O uso de <i>nós</i> no <i>corpus</i> do Projeto NURC-SSA segundo o efeito do gênero e <i>década de gravação</i> no uso de <i>nós</i>	68
Tabela 14 – O uso de <i>nós</i> no <i>corpus</i> do Projeto NURC-SSA segundo o efeito da <i>faixa etária e década de gravação</i>	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Amostra da década de 70	38
Quadro 02	Amostra da década de 90	38
Quadro 03	Chave de codificação da variável linguística paralelismo discursivo	53

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1 Distribuição da forma do pronome de primeira pessoa do plural no Projeto NURC-SSA 52
- Gráfico 2 O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o preenchimento do sujeito 55
- Gráfico 3 O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o nível de referencialidade 57
- Gráfico 4 O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo a classificação da frase 59
- Gráfico 5 O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o gênero 65
- Gráfico 6 O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo a faixa etária 66
- Gráfico 7 O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo a década da gravação do inquérito 67
- Gráfico 8 O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o efeito do gênero e década de gravação 69
- Gráfico 9 O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o efeito da faixa etária e década de gravação 70

LISTA DE SIGLAS

DID	Diálogos entre Informantes e Documentador.
H1	Homem faixa 1.
H3	Homem faixa 3.
INF	Informante.
M1	Mulher faixa 1.
M3	Mulher faixa 3.
NURC	Projeto Norma Linguística Urbana Culta.
P3	3ª pessoa.
P4	4ª pessoa.
PB	Português Brasileiro.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
	ESTABELECENDO UM PONTO DE PARTIDA	15
	O ENCAMINHAMENTO DA PESQUISA	16
1	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DO A <i>GENTE</i>	19
2	A VARIAÇÃO DE <i>NÓS</i> E A <i>GENTE</i> CONFORME A VISÃO DOS DICIONÁRIOS, DA GRAMÁTICA E DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	26
2.1	VISÃO DOS DICIONÁRIOS	26
2.2	VISÃO DA GRAMÁTICA	27
2.3	ESTUDOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	29
3	CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	36
3.1	O <i>CORPUS</i>	36
3.2	SUPORTE QUANTITATIVO	39
3.3	DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS CONSIDERADAS	40
3.3.1	Variáveis linguísticas	41
3.3.1.1	<i>Nível de referencialidade</i>	42
3.3.1.2	<i>Paralelismo Discursivo</i>	42
3.3.1.3	<i>Tempo e modo verbal</i>	44
3.3.1.3.1	Modo indicativo	45
3.3.1.3.2	Modo subjuntivo	45
3.3.1.3.3	Formas nominais	46
3.3.1.4	<i>Tipo de oração</i>	46
3.3.1.4.1	Oração absoluta	47
3.3.1.4.2	Oração principal	47
3.3.1.4.3	Oração coordenada	47
3.3.1.4.4	Oração subordinada	47
3.3.1.5	<i>Tipo de verbo</i>	47
3.3.1.5.1	Verbo de ligação	47
3.3.1.5.2	Verbo transitivo	48

3.3.1.5.3	Verbo intransitivo	48
3.3.1.6	<i>Tipo de texto</i>	48
3.3.1.6.1	Texto narrativo	48
3.3.1.6.2	Texto descritivo	48
3.3.1.6.3	Texto argumentativo	48
3.3.1.7	<i>Polaridade da frase</i>	49
3.3.1.7.1	Afirmativa	49
3.3.1.7.2	Negativa	49
3.3.1.7.3	Interrogativa	49
3.3.1.7.4	Explicativa	49
3.3.2	Variáveis extralinguísticas	50
3.3.2.1	<i>Gênero</i>	50
3.3.2.2	<i>Faixa etária</i>	50
3.3.2.3	<i>Década</i>	51
4	REVELAÇÃO DOS DADOS	52
4.1	AS CATEGORIAS <i>NÓS</i> E A <i>GENTE</i> E AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	55
4.2	AS CATEGORIAS <i>NÓS</i> E A <i>GENTE</i> E AS VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS	64
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
	REFERÊNCIAS	75
	ANEXO A - LEVANTAMENTO DAS OCORRÊNCIAS ENCONTRADAS	80
	ANEXO B – CHAVE DE CODIFICAÇÃO	127

INTRODUÇÃO

ESTABELECENDO UM PONTO DE PARTIDA

Este trabalho apresenta um estudo sobre o processo de variação e mudança proveniente da inclusão de *a gente* no sistema pronominal do português do Brasil, na posição de sujeito referente a primeira pessoa do plural, com base na análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos, recolhidos de inquéritos do Projeto Norma Linguística Urbana Culta da cidade de Salvador (Projeto NURC/SSA).

A origem da palavra *gente* surge do substantivo feminino latino *gens gentis*, o qual era empregado para designar o coletivo. Atualmente, o termo *gente*, antecedido de artigo definido feminino, é aplicado como pronome de primeira pessoa do plural. Apesar de a forma *a gente* não ser nomeada pela Gramática Normativa como um pronome, não se pode negar que sua forma pronominal é usada pelos falantes.

Entre o século XVI e início do século XIX, já apareciam na fala ocorrências de *a gente*, contudo de forma menos frequente em relação aos dados atuais. O fenômeno linguístico que é caracterizado pela alternância de *nós* e *a gente* representando a primeira pessoa do plural, tornou-se progressivo no que diz respeito à ocorrência dessa variante. Este fato mostra que a descrição da língua portuguesa é um trabalho contínuo e distante de ser concluído, já que a mudança ocorre quando o falante encontra ambiente propício ao seu uso.

Por essa razão, Omena (1996) afirma que:

a necessidade de, na 1ª pessoa do discurso no plural, contrapor uma referência precisa a uma imprecisa foi talvez o que deu origem ao uso de *a gente*, substituindo *nós*, dando início a uma variação que está em vias de se completar em determinados contextos, em que *a gente* está perdendo o traço de indefinição; alterna-se com *nós*, em outros, com maior ou menor probabilidade; mas ainda não atingiu certos pontos da estrutura. (OMENA, 1996, p. 190).

As investigações realizadas por Omena (1986;1996), Menon (1995), Lopes (1999) revelaram que a substituição de *nós* por *a gente* faz parte de um processo de mudança integrado no *continuum* da gramaticalização de *a gente*.

Com base na gramática normativa de Bechara (2001), Faraco e Moura (2003), não foi possível observar diferenças de abordagem no que tange à apresentação dos pronomes pessoais.

Assim, Bechara (2001, p.166) menciona que o substantivo *gente*, precedido do artigo *a*, em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa.

Em ambos os casos, o verbo fica na 3ª pessoa do singular. No mesmo pensamento, Faraco e Moura (2003, p. 287) afirmam com vistas preconceituosas “a norma culta da língua tende a rejeitar essas construções, comuns da fala coloquial”.

Em suma, as gramáticas analisadas não acompanham a dinâmica da língua corrente, por conta disso pode-se notar uma apresentação incoerente e frágil que não condiz com o crescente uso da forma *a gente*.

Por este motivo, a pesquisa visa compreender de que maneira se estabelece o processo variacional representado pela alternância dos pronomes *nós* e *a gente* na norma culta urbana dos anos setenta comparados com informantes dos anos noventa.

O ENCAMINHAMENTO DA PESQUISA

Esta investigação compreende-se pelo fato de que a gramaticalização de *a gente* ocorre a partir de mudanças inter-relacionadas que conservariam a concepção de unidirecionalidade da gramaticalização. Estudos realizados por Omena (1986), Lopes (1993) e Lemos Monteiro (2002) consideram *a gente* como uma variante legítima do pronome *nós*, além disso foi possível mapear o percurso histórico do processo de gramaticalização de *a gente*. Segundo dados revelados por Omena (1986), há indícios de uso do *a gente* do início no século XVII, nomeada como fase embrionária do processo de gramaticalização e mais tarde a chegada fase de transição, concebida no século XIX.

A gramaticalização de *a gente*, todavia, pode estar ligada a distintos estágios, devido a um grupo de mudanças correlacionadas: (a) fixação da locução *a gente*, (b) uso de *a gente* com significado genérico; (c) inserção de *a gente* no quadro pronominal, em variação com *nós*, com significado específico.

Este trabalho configura-se como um aprofundamento da discussão da alternância dos pronomes *nós* e *a gente* na norma culta urbana a partir de um enfoque centrado na Sociolinguística de falantes da primeira e da terceira faixas etárias da cidade de Salvador, na atividade comunicativa falada.

Assim, o estudo das formas do pronome de primeira pessoa do plural no Projeto NURC-SSA ganha especificidade através de seus desdobramentos:

- a) de modo a situar a pesquisa diante do conhecimento da área, o Capítulo 1 trata das abordagens das questões sobre gramaticalização;
- b) seguindo uma indicação proposta para os preparativos da análise do *corpus* – a necessidade de aprofundar as discussões sobre *nós* e *a gente* – examinam-se, no Capítulo 2, o que dizem os dicionários, as discussões de gramáticos acerca dessas formas e de alguns estudos já realizados da sociolinguística variacionista;
- c) dedicado às considerações metodológicas trabalhadas, o Capítulo 3 esclarecerá os passos seguidos no empreendimento desta pesquisa;
- d) Com o intuito de apresentar a revelação dos dados levantados, o Capítulo 4 examina os dados de vinte e quatro inquiridos, numa perspectiva sociolinguística, submetidos ao programa *GoldVarb/ 2001*, buscando-se evidenciar a relação entre as categorias *nós* e *a gente* e os fatores linguísticos e extralinguísticos.

Pretende-se, a partir da observação e análise do atual quadro de alternância *nós* e *a gente* no português culto, responder às seguintes hipóteses norteadoras:

Hipóteses gerais:

- 1) a consolidação de *a gente* como pronome pessoal reto no Português Brasileiro (PB) integra um processo de gramaticalização em curso;
- 2) o percentual de *a gente* na posição de sujeito é superior ao de *nós*;
- 3) o uso de *a gente* é linguisticamente motivado;
- 4) o uso do pronome *a gente* é fundamentado por condições sociais dos informantes do português culto do Projeto NURC/SSA.

Hipóteses específicas:

- 1) os falantes das faixas etárias mais jovens preferem o uso de *a gente*;
- 2) as mulheres utilizam mais *a gente* do que os homens;
- 3) ao confrontar os dois *corpora*, dos anos setenta e dos anos noventa, acredita-se apresentar um crescente do uso do *a gente* nos anos noventa;

4) os paralelismos discursivos serão maiores quanto mais similares forem os elementos precedentes.

Torna-se explícito que a investigação tem caráter teórico e prático que adota procedimentos linguísticos colocados em pauta pela análise empírica.

Busca-se, desta forma, agregar às pesquisas já realizadas mais informações acerca do uso de *nós* e *a gente* no português na norma culta por meio do estudo comparativo entre décadas.

1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DO A *GENTE*

Pesquisas relacionadas ao processo de gramaticalização focalizam os textos de Lehmann (1985), Croft (1990), Traugott; Heine (1991), Castilho (1997), entre outros, os quais apresentam teorias diversas para explanação deste processo.

Observa-se que a gramaticalização é considerada um tipo de mudança linguística, além disso é vista, segundo Gonçalves; Lima-Hernandes; Casseb-Galvão e Carvalho (2007), como paradigma que busca compreender como as formas gramaticais surgem e como são usadas.

Castilho (1997, p. 57-60) propõe três grandes processos de constituição da língua que desencadeariam, simultaneamente, em item lexical: a gramaticalização, a semanticização (alteração semântica por que passam os itens em sua utilização gramatical ou discursiva) e a discursivização (uso discursivamente relevante de itens lexicais). A gramaticalização é compreendida por Meillet (1965) como um processo *continuum* a partir da possibilidade de fases relacionadas à passagem de um elemento lexical para gramatical.

Ao tratar de gramaticalização, há diferentes pontos de vista para explicar o processo. Croft (1990, p. 230) afirma que “a gramaticalização é um processo através do qual determinados itens lexicais tornam-se morfemas gramaticais, é unidirecional e cíclico”. Hopper e Traugott (1993, p.126) compreendem que a gramaticalização é unidirecional, uma vez que a mudança gradual na gramaticalização é irreversível.

Castilho (1997) atribui a segmentação do processo em multissistemas, assim a língua é compreendida como sistema complexo integrado, cujas categorias estão nucleadas à volta do discurso, da gramática, da semântica e do léxico.

Heine (2003, p. 579) observa que a gramaticalização pode ser melhor explicada a partir do detalhamento de quatro mecanismos inter-relacionados e que intensificariam a ideia de unidirecionalidade: redução semântica; generalização em outros contextos; perda das características morfossintáticas próprias à origem das formas e redução fonética.

Segundo Gonçalves; Lima-Hernandes; Casseb-Galvão e Carvalho (2007), o princípio da unidirecionalidade pode ser investigado por meio de atuação dos vários mecanismos, partes constitutivas do fenômeno de gramaticalização que, no sentido lato, podem também ser entendidos como suas causas ou motivações.

Labov (1972) considera que o princípio da heterogeneidade ordenada e sistemática pode ser constatado em todos os níveis linguísticos em todas as línguas naturais, o que não exclui, em hipótese alguma, a existência de regras categóricas.

O processo de gramaticalização está relacionado ao processo *continuum* defendido por Meillet (1965) trata-se de um conceito de heterogeneidade, de mudança. A heterogeneidade organizada, no modelo proposto por Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (1972) aproxima da gramaticalização aos processos linguísticos de variação e mudança. Assim pensando, a valorização do elemento social arraigado à mudança linguística torna-se considerável, já que nem todas as mudanças têm o mesmo tipo de difusão e configuração social.

Para Castilho (1997, p. 55), “a gramaticalização é um processo contínuo, pois radica numa propriedade das línguas naturais, que é a sua permanente criatividade, muitas vezes motivada por necessidades sociais”.

A conceituação de gramaticalização defendida por Hopper; Traugott (1993, p. 124) remete a um processo linguístico tanto diacrônico quanto sincrônico. A tratar de “camadas” consideram que os processos sincrônicos da gramaticalização os quais favorecem para algum domínio. As camadas novas que se apresentam sucessivamente coexistiriam com as camadas mais antigas, e que não seriam eliminadas. É exemplo de coexistência, o emprego da forma *a gente*, em variação com a forma *nós*, uma vez que o pronome *a gente* procede do item lexical *gente*, passa a concorrer com o pronome *nós*, sem que o substantivo tenha sido excluído.

Sobre o processo de gramaticalização Castilho (1997, p.55), ao referir-se à continuidade das inovações linguísticas, apresenta dois domínios: o domínio das escolhas e o das determinações. Em relação ao domínio das escolhas, variadas formas linguísticas se manifestam e o falante faz a sua opção a partir dos objetivos discursivos. Já no domínio das determinações, as próprias estruturas linguísticas incumbem-se de limitar as escolhas do falante.

Ao tratar da gramaticalização de *a gente*, os dois domínios mencionados por Castilho são considerados, pelo uso variável das formas *a gente* e *nós* (domínio das escolhas) e como na função de sujeito (domínio das determinações). Castilho (1997, p. 31-32) acrescenta de forma mais esmiuçada o conceito de gramaticalização, o processo abarcando a mudança relacionada à forma *a gente*: *gente* (subst.) > *a gente* (pron. indef.) > *a gente* ~ *a'ente* (pron. pess.).

Entendo por gramaticalização o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (=recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização externa. (...) Num sentido mais amplo, a gramaticalização é a codificação de categorias cognitivas sem formas lingüísticas, aí incluídas a percepção de mundo pelas diferentes culturas, o processo da informação, etc. (CASTILHO 1997, p. 31-32)

O processo de gramaticalização inicia com o emprego de *a gente* como pronome indefinido, nos discursos de referência genérica, estendendo-se como pronome pessoal específico. Em outra etapa, nota-se a sua própria redução fonológica para a *'ente ~ 'ente*.

Estudos de Zilles (2002) sobre a gramaticalização de *a gente* no PB revelam a recategorização de *a gente* como pronome pessoal e redução fonológica da forma para *a'ente*. Por esse motivo, é preciso compreender que o processo de continuidade, unidirecionalidade é cíclico e está relacionado à gramaticalização que não acontece de forma categórica, mas resulta de um processo de variação. Dessa forma, tanto a base dos processos de gramaticalização como as condições lingüísticas estariam associadas a motivos sociais e não se restringiriam a aspectos somente gramaticais.

O substantivo *gente*, para Lopes (1999, p.7), tanto no singular como no plural, se difunde até século XV. Já no século XVI, o singular prevalece e a forma plural deixa de ser empregada. Menon (1994, p.192-193) trata o uso de *a gente* em que o substantivo *gente* se expressa sempre com significado plural e/ou coletivo, o estudo é realizado em fragmentos de textos dos séculos XIII - A Demanda do Santo Graal, XV - Crônica de Dom Pedro I, século XVI - passagens da literatura portuguesa da Crestomatia Arcaica – Nunes 1967.

Outro ponto discutido por Lopes (1999, p. 8) diz respeito à concordância de *a gente* relacionada ao número gramatical, a qual acredita que esta forma foi usada no período do português arcaico para a impessoalidade do sujeito.

Lopes (1999, p.85) compreende que as características formais e semânticas de gênero, atreladas ao substantivo *gente*, são mudadas devido ao processo de gramaticalização. O traço formal de gênero no substantivo não mostrava a descrição semântica de gênero, já que a forma sintática no feminino não informaria o sexo do referente. O gênero semântico de *a gente* se torna subespecificado, pois formas pronominais como eu, tu/você, ele/ela unem-se com adjetivos no masculino e/ou no feminino, a depender do sexo do referente.

Mostra-se, com isso, que nos textos arcaicos havia uma variabilidade de concordância relacionada a *gente*, em número e gênero, o que permite entender que esta existência estava atrelada ao *continuum* linguístico e conseqüentemente tenderia a gramaticalização do *a gente*.

Ao tratar-se do estudo diacrônico do sistema de tratamento do processo de gramaticalização do *a gente* no sistema pronominal do português, Lopes (1999) observa a alternância de *nós* e *a gente* como processo de mudança em tempo real de longa duração, do período arcaico ao contemporâneo.

A partir desse estudo, tem-se um conjunto de dados que possibilita entender como fatores sociais e internos podem se unir para desencadear mudanças na língua. Nesta perspectiva, verifica-se presença de um acervo empírico notável para as abordagens teóricas.

É por esse motivo que se considera que o processo de gramaticalização inicia com o uso de *a gente* como pronome indefinido, nos contextos de referência genérica, propagando-se a outros contextos, como pronome pessoal específico.

Mattos e Silva (1989, p. 231-232) considera que a palavra homem, como indicador de indeterminação do sujeito, “cobre a distribuição de um pronome sujeito” tendo como um referente indeterminado, masculino ou feminino, singular ou plural. Para Dias (1953), o “homem” e “pessoa” equivaliam, “até certo ponto”, ao *on* francês.

Ha-de dizer-se ‘até certo ponto’, por isso que taes expressões tem uso muito mais restricto, sendo que o seu emprego só tem lugar, por via de regra, quando se falla do que acontece geralmente. (DIAS 1953, p. 94)

Observa-se que o autor mostra o valor generalizante referente ao *on* francês, a partir do processo de gramaticalização de nome > pronome. Vasconcellos (1959, p.61) aborda a evolução lat. *homine* > *on*, a partir do que nomeou de “pronome substantivo”. Amaral (1955, p.73) afirma que variantes usadas para a primeira pessoa do plural, sobre o estudo do dialeto caipira paulista: “a gente, una pessoa (ambas correspondentes ao francês *on*)”.

Nunes (1967, p. 265) já mostra timidamente a utilização de *a gente* com valor de indeterminação do sujeito: “No povo o vocábulo gente tem valor colectivo, valendo pelos pronomes eu e tu ou ele, nos casos em que a língua culta usa nós”. Inicialmente de característica indeterminada o *a gente* tende a obter traços determinados.

Almeida (1982, p. 174) aborda o uso de *a gente* como pronome, explicando que “deve-se escrever *a gente* com os elementos separados”. Bechara (2001, p. 96) explica que “o substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa”. Faraco e Moura (2003, p. 287) abordam de forma superficial “expressão *a gente*” utilizada na linguagem coloquial, enfatizando também que “a norma culta tende a rejeitar essas construções, comuns na fala coloquial”. Neves (2003, p. 469-470) explica, como os demais autores, que *a gente* é empregado como pronome pessoal na linguagem coloquial. E exemplifica em relação ao uso popular em relação à realização da concordância plural com *a gente*: “a gente vai ficar juntos”.

Schmitz (2004) realiza uma análise mais detalhada sobre os diversos usos da forma *a gente*, em seu trabalho descritivo na Revista Hispania, p. 639-644, set/1973, intitulado “A flexibilidade lingüística de *a gente* no português”. Ele observa que a forma *a gente* é tratada nas gramáticas como pronome de tratamento ou pronome indefinido e muitas vezes como “parte popular da fala, pronunciada somente pela ‘boca do povo’ e, portanto, não importante” (p. 639). Muitas vezes, como já foi citado, a forma *a gente* nem é mencionada nas gramáticas.

Schmitz (2004, p.640) traz ainda que muitos gramáticos entendem que o uso de *a gente* é realizado por falantes de baixa escolaridade, não aborda a amplitude das possibilidades de realizações. A palavra *a gente* é, no entanto, usada por ambos os falantes do português, escolarizados e não-escolarizados, em ocasiões semiformais como informais; *a gente* é usado por falantes de todas as classes sociais.

Nascentes (1953) realiza um estudo dialetológico sobre o linguajar carioca, e agrega informações sobre o uso de *a gente*. Faz observações sobre a sua utilização nas “classes incultas”, mostra como exemplo: “a gente vamos hoje” (p. 170), o qual explica a caracterização a forma *a gente* como um pronome pessoal.

Em relação ao exemplo citado “a gente vamos hoje” o falante, ao escolher *a gente* em lugar do pronome *nós*, apesar de excluir a concordância formal, deixa explícita a concordância semântica: “...a pessoa que está falando tem em mente a sua pessoa e as mais”. Esse entendimento traz a ideia de que o uso de *a gente* carrega o valor de um pronome pessoal.

Ao observar que os pronomes “eu” e “tu” são os que indicam categoria de “pessoa”, entende-se que a forma ampliada *a gente* poderia ter distintos graus de pessoalização, pois o “eu” é constitutivo de *a gente*. Benveniste (1988, p. 256) explica

que traços relacionados à unicidade e à subjetividade próprias ao “eu” impossibilitariam uma simples pluralização, em que *a gente* (~ *nós*) equivaleria ao plural de “eu”.

O processo de pluralização relacionado à primeira pessoa não pode ser inserido de forma simétrica ao que acontece com a terceira pessoa, pois tem como característica a ausência do “eu” e “tu”, por estar do “eu-tu”. O pronome *a gente* trata-se de um plural que deve ser entendido como “eu” agregado a uma ou mais pessoas, no qual o ouvinte pode ou não estar inserido. Portanto, *a gente* não é plural de “eu”, entretanto agrega uma referência a “eu”. Torna-se plural, já que inclui o “eu” e interlocutor ou o “eu” e outra(s) pessoa(s). O pronome *a gente* não é uma soma de eu + eu (+eu...), mas de eu + tu (+tu...) ou de eu + ele (s) (+ele(s)...) ou eu + tu + ele(s) (+ele(s)).

Em relação à tipologia semântica do sujeito, Lopes (1999, p. 405) destaca o sujeito em três referentes: (a) eu + *não-eu*, (b) eu + *não-pessoa* e (c) eu + *não-eu* + *não-pessoa*, quando a referência genérica atinge um grau maior de indeterminação e a forma *a gente* pode ser facilmente substituída por construções com o clítico “-se”. A autora exemplifica:

(a) *eu* + *não-eu*

(01) "O que *nós* chamamos, aqui, a brisa, que vem da terra...vem da terra propriamente não, da cidade, vamos dizer, aqui onde *nós* estamos, vem da Barra Avenida para o... para Mar Grande." (Inquérito 135, Salvador)

(b) *eu* + ‘*não-pessoa*’

(02) LOCUTOR:

- Está assaltando, né. Em frente à minha casa assaltaram as pequenas...

DOCUMENTADOR:

- ...Nessa área de assalto, por exemplo, como é que você chama o ato, o ato de tirar alguma coisa que não é da pessoa que está tomando?

LOCUTOR:

- Hoje mesmo *nós* falamos disso. Eu chamo de roubo.

DOCUMENTADOR:

- Hum. Você chama de roubo sempre?

LOCUTOR:

- Roubo sempre. A minha colega estava perguntando... E ela não saberia usar se era roubo ou furto. Eu não, eu também não, não sei direito como *a gente* usa, mas eu nunca uso furto. Eu sempre uso roubo."

(c) *eu+ não-eu + não-pessoa*

(03) "Então a única preocupação que um brasileiro normal, assim... um padrão de vida razoável tem, é com, é com a estética. Não engordar demais. Mas se *a gente* está comendo as proteínas certas ou não, *a gente* não sabe."

No capítulo seguinte são discutidas algumas considerações dos dicionários e das gramáticas acerca do tema em estudo, bem como as contribuições da Sociolinguística Variacionista.

2 A VARIAÇÃO DE *NÓS* E A *GENTE* CONFORME A VISÃO DOS DICIONÁRIOS, DA GRAMÁTICA E DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Neste capítulo, discutiremos a visão de diferentes dicionários, bem como a visão de algumas gramáticas e estudos relevantes acerca da alternância de *nós* e *a gente*, constituído pelo modelo da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG 2006).

2.1 VISÃO DOS DICIONÁRIOS

De acordo com a definição tradicional dos pronomes pessoais como aqueles que *indicam as pessoas do discurso*, verificou-se em alguns dicionários os significados e considerações acerca do tema em discussão.

Ao analisar a exposição de Figueiredo (1973 *apud* Menon, 2003, p. 190), dicionarista português, observa-se a definição de *gente* como:

“quantidade de pessoas: encontrei muita gente. População: a gente daquela terra. Habitantes de uma região. Humanidade: a gente começou em Adão? Pessoas com a mesma natureza, a mesma profissão, as mesmas idéias, as mesmas atitudes: a gente das fábricas. Força armada: o comandante tinha pouca gente. Família”.¹

No dicionário de Ferreira (1986), sobre o verbete *gente sf.*, está o registro da "forma" *a gente* significando "... a(s) pessoa(s) que fala(m): eu, nós...". Verificamos que nenhum desses dicionários mencionados, no verbete *nós*, a possibilidade de significado *a gente*.

O mesmo foi encontrado em Ximenes (2000), contudo sem exemplos. O autor define *gente sf.* “quantidade indeterminada de pessoas, que têm ou não certas características comuns; O ser humano; Pessoa; A humanidade; Povo; População”.

Houaiss (2009) define *nós* como primeira pessoa do plural, indicando *eu* mais outra ou outras pessoas; funciona como sujeito (p.ex., *nós já vamos embora*), como predicativo (p.ex., *os vencedores somos nós*) ou como complemento, precedido de preposição (p.ex., *não houve discórdia entre nós*); *a gente*. E ao final, considera também *a gente* como sinônimo, mas não se estende.

A pesquisa a esses dicionários indicou que a forma *a gente* possuía função de pronome desde a publicação mais remota de Figueiredo (1973), mas tal função não é reconhecida pelos dicionaristas consultados, além de estar limitada à fala coloquial. O mesmo espera-se encontrar nas gramáticas normativas analisadas e apresentadas na próxima seção.

2.2 VISÃO DA GRAMÁTICA

No que concerne à forma *a gente*, as gramáticas normativas apresentam diferentes menções, contudo não há expressivas divergências.

Ao discorrer sobre os pronomes pessoais, Cunha e Cintra (2007, p. 268); Infante e Nicola (1997) consideram que os pronomes desempenham funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais, servindo para representar um substantivo ou acompanhá-lo. E acrescentam que *nós* indica no colóquio quem fala em primeira pessoa do plural, considerando o *eu* como pronome singular congruente.

O uso de *a gente* é referido por Cunha e Cintra (2007, p.283) como “fórmulas de representação da 1ª pessoa, para seu uso no “colóquio normal” para substituir *nós* e também de *eu*. Afirmam que o verbo deve ficar sempre na terceira pessoa do singular, mostrando alguns exemplos na nossa literatura:

(04) Houve um momento entre nós em que *a gente* não falou. (F. Pessoa, QGO, n 270). (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 283).

(05) Você não calcula o que é *a gente* ser perseguida pelos homens. (C. dos Anjos, DR, 41) (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 283).

Ao retratarem a linguagem formal, afirmam que o pronome *nós* ganha significados especiais: o plural de modéstia e o plural de majestade. O primeiro refere-se à forma como os escritores usam em lugar da forma normal eu, para amenizar o tom impositivo e parecer que aquela ideia transmitida é também compartilhada pelos ouvintes. Já o segundo, trata-se da forma usada pelos reis de Portugal e pelos altos prelados da Igreja, com significado de poder e grandeza. Como pode ser visto no seguinte exemplo:

(06) *Nós*, Dom Fernando, pela graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve, fazemos saber... (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 284).

Bechara (2001, p.164) informa que *nós* indica *eu* mais *outra pessoa* ou *outras pessoas*, e *não-eu + eu*. Afirma que não há vários *eus* compreendidos pelo próprio *eu* que fala, já que *nós* não é multiplicação de objetos idênticos, mas a união do *eu + não-eu*.

Afirma ainda (p. 166) que o substantivo *gente*, precedido do artigo *a* em referência a um grupo de pessoa sem que se inclui a que fala, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos, o verbo fica na 3ª pessoa do singular. No mesmo pensamento, Faraco; Moura (2003, p. 287) afirmam que “A norma culta da língua tende a rejeitar esas construções, comuns da fala coloquial”.

De uma forma geral, os gramáticos abordam os pronomes pessoais como indicadores universais das três pessoas do discurso: *quem fala, com quem fala e de quem/ que se fala*, reconhecendo as formas no singular e plural. Observa-se, então, a não utilização de todas as formas nominais descritas pelos gramáticos no discurso espontâneo.

No entanto, Perini (2012) considera “os pronomes pessoais têm um comportamento gramatical peculiar e precisam ser estudados separadamente”. Por esta razão, a *Gramática do português brasileiro* reserva um capítulo apenas para o estudo das formas oblíquas e colocação pronominal, fazendo abordagem ao uso de *a gente*, o qual observa que trata-se de um uso gramaticalmente diferente de outros sintagmas nominais.

Destaca-se que nas gramáticas analisadas não há explanação pormenorizada sobre o uso de *a gente*, assim como uma análise desse fenômeno. Em relação à gramática descritiva de Moura Neves (2003, p. 469) considera que *gente* é empregado como pronome pessoal na linguagem coloquial. Especifica também que, muitas vezes, chega a fazer-se concordância plural do predicativo com *a gente*, como em “*a gente* vai ficar juntos”. É esse tipo de concordância, inclusive, que caracteriza a forma *a gente* como um pronome pessoal, uma vez que o traço plural reforça o caráter referencial, próprio da primeira pessoa do plural.

Relata Moura Neves (2003, p. 25) que a expressão *a gente* é também usada como um pronome pessoal de plural, numa referência que inclui a primeira pessoa *nós*.

Segundo a autora, apesar de o uso de *a gente* ser menos formal, ele é bastante aceito, sem estigma.

(07) Lá *a gente* deve ter a nossa casa, as nossas riquezas, porque lá não entra quem roubou na terra o que era de todos. (MOURA NEVES, 2003, p. 25).

Moura Neves (2003, p.25) atesta que no PB, a expressão *a gente* em um uso comum refere-se ao emprego de *gente*, substantivo coletivo e indica pessoas. Neste caso, a concordância é na terceira pessoa do singular e no feminino.

Pode-se verificar que as gramáticas normativas se mostraram resistentes ao tratar desta variante linguística, *a gente* não é visto pelos gramáticos como pronome pessoal de primeira pessoa, considerado de formas contraditórias em algumas gramáticas.

É relevante levantar análises e resultados de diferentes investigações acerca da variação *nós/a gente*. A próxima seção será dedicada a esse apanhado.

2.3 ESTUDOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Nesta seção será desenvolvida a revisão da literatura de trabalhos anteriores realizados sobre o tema. Tendo como pioneira a pesquisa realizada por Omena (1986), cuja investigação considerou a função sintática um aspecto relevante na variação entre *nós* e *a gente*. Nesse estudo, foram realizadas 64 entrevistas, gravadas no início da década de 1980 e divididas da seguinte forma: 48 da amostra de fala do acervo do Projeto Censo e 16 amostras do Projeto Estruturas. Este último composto de dados de fala de crianças com idades entre 7 a 14 anos, de 15 a 25 anos, de 26 a 49 anos e de 50 a 71 anos.

Sobre os projetos citados, o grupo PEUL constituiu bancos de dados representativos tanto da modalidade falada quanto da modalidade escrita. Essa preocupação traduziu-se, inicialmente, no Projeto Censo da Variação Linguística com a constituição, no período de 1980 a 1983, do banco de dados que ficou conhecido como Amostra Censo. A essa foi acrescentada uma amostra representativa da fala de crianças na faixa de 7 a 14 anos de idade, gravadas no período de 1983 a 1985.

A amostra Censo serviu de base para a constituição, no período de 1999 a 2000, de duas novas amostras que propiciam a realização de estudos da mudança em tempo real de curta duração, tanto no indivíduo como na comunidade.

Em relação ao Projeto Estruturas, projeto, constituiu uma amostra com 16 falantes na faixa de 7 a 14 anos, imprescindível para o estudo da implementação de processos de mudança. Na constituição dessa amostra, utilizou-se metodologia semelhante à da Amostra Censo, com a diferença de que as crianças entrevistadas foram contatadas e gravadas em escolas municipais do Rio de Janeiro.

Omena (1986) observa as formas pronominais com sujeitos explícitos e nas funções sintáticas de objeto direto, indireto, adjunto adverbial, adjunto adnominal, complemento nominal e predicativo do sujeito.

Como resultado, tem-se em relação ao uso de *a gente* 84% na função de adjunto adverbial, 73% na função de sujeito, e 72% na função de complemento. Observou-se um desfavorecimento para o uso na função de adjunto adnominal (*da gente*).

No nível semântico-pragmático, considera a relevância do grau de indeterminação e do número de referente. Omena (1996) revela que a probabilidade de escolha da forma *a gente* é favorável quando o antecedente for *a gente* e a referência a mesma, tendo como peso relativo 0,81 para os adultos e de 0,78 para as crianças. No entanto, o índice diminui para 0,65 para os adultos e para 0,65 para as crianças, quando se trata de um outro referente.

Ao tratar de saliência fônica, Omena (1996) destaca que as formas verbais com menor saliência aumentam a probabilidade para o uso de *a gente*. Assim, as formas verbais de P3 (3ª pessoa) e P4 (4ª pessoa) são próximas no que se refere ao infinitivo.

Omena (1986) mostra que o uso de *a gente* está relacionado à referência mais ampla e indeterminadora, com peso relativo de 0,70. Assim, ela observa que a probabilidade para o uso de *a gente* com referente determinado e grupo pequeno ficou no ponto neutro de 0,50, indicando um avanço no uso de *a gente* em situações em que a referência é determinada.

Omena (1986) verifica que “muito nitidamente a idade influencia a alternância *nós/a gente*”. As faixas etárias relacionadas às crianças (7-14 anos) e aos jovens (15-25 anos) apresentam peso relativo maior para *a gente*, mostrando o aumento do uso da forma *a gente*.

A pesquisa realizada por Lopes (1993, p. 129) investiga a alternância de *nós* e *a gente* no português culto em três regiões do país (Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador). Assim, mostrou-se que numa sequência discursiva a forma *a gente* ocorre

quando precedida de outra forma *a gente* ou verbo na 3ª pessoa do singular sem sujeito explícito. O mesmo ocorre para forma *nós*.

Outro ponto trata da diferenciação entre o emprego da forma *nós* e *a gente*, o falante usa a forma *nós* para se referir a ele mesmo e mais o interlocutor (não-eu), quando o falante amplia a referência, a forma *a gente* é mais favorável.

Há um maior favorecimento para o uso de *a gente* no discurso com a presença de tempos verbais não-marcados e presente, enquanto o futuro e o pretérito perfeito e os tempos do subjuntivo induzem para o uso do pronome *nós*.

Os falantes idosos preferem a forma *nós* e os mais jovens empregam mais a forma *a gente*. As mulheres usam mais a variante *a gente* do que os homens.

Contatou-se também que a cidade do Rio de Janeiro teve o maior número de ocorrência para o uso da forma *a gente*, já nas outras houve preferência para o pronome *nós*.

Vianna (2006) investigou a concordância de *nós* e *a gente* em estruturas predicativas, tendo como *corpus* o Projeto Censo/ PEUL, ao final verificou que o caráter genérico e indeterminado de *a gente* pode estar relacionado a um uso maior de estruturas predicativas com o masculino-singular. Ao contrário, o pronome *nós* mostra-se estável, provavelmente estimulado pelo emprego mais específico do pronome.

Em relação ao traço de gênero e número, foram identificadas as mesmas estratégias encontradas na fala entre entrevistados de menor grau de escolaridade. Sobre o traço de pessoa, a combinação com verbo em P3 é a mais frequente, sustentando os resultados acerca da língua oral.

Ao analisar a concordância verbal, verificou-se o uso de *a gente* mais favorável a concordância com formas verbais em P3, já em relação aos verbos em P4 indicou menos ocorrências.

Sobre a concordância de gênero e número, entende-se que nas estratégias de concordância no singular é mais produtivo o uso da forma *a gente*, já em estratégias de concordância no plural o uso do pronome *nós* foi mais frequente. Em relação ao número, a pesquisadora constata a hipótese da manutenção do traço formal de número [-pl] pela forma *a gente*.

As formas menos marcadas do tempo verbal promovem o emprego de *a gente*, já as formas verbais caracterizadas por mostrarem mais traços distintivos tenderiam o emprego de *nós*, confirmando em outros trabalhos variacionistas (Omena, 1986 e Lopes, 1993).

Notou-se um favorecimento da forma *a gente* quando foi observado o fator escolaridade. No entanto, em relação à concordância verbal, as estratégias de concordância com *a gente* se distanciam com o que determinam as gramáticas. Observou-se também maior produtividade das estratégias de concordância não-padrão no nível intermediário se comparado com o uso no 3º ano.

No estudo realizado por Mendes (2007), buscou-se observar o perfil da alternância do sujeito *nós* e *a gente* em Santo Antônio de Jesus, a partir de um recorte do português popular, pertencente ao corpus do Projeto Vertentes. Este está vinculado ao Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia – UFBA, a pesquisa tem-se desenvolvido em três etapas, cada uma relacionada a uma variedade do português popular. A primeira diz respeito às comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, algumas remanescentes de antigos quilombos, para identificar os efeitos históricos do contato do português com as línguas africanas na formação dessas comunidades. A segunda ao português popular do interior, para aferir os processos de difusão linguística. A terceira etapa da pesquisa de campo do Projeto Vertentes focaliza o português popular da cidade de Salvador.

Para análise, foram levantadas 1.970 ocorrências de pronomes referentes à primeira pessoa do discurso, mostrando que o uso do pronome *a gente* ultrapassou o uso do pronome *nós* na comunidade referida, obtendo o total de 93% do total de ocorrências.

Mendes (2007) propõe as seguintes variáveis explanatórias: (i) realização e posição do pronome sujeito; (ii) nível de referencialidade do pronome sujeito; (iii) tipo de oração; (iv) paralelismo discursivo; (v) saliência fônica; (vi) tipo de texto; e (vii) tipo de discurso. Contudo, o programa *VARBRUL* selecionou como fatores linguísticos mais relevantes (i) realização e posição do pronome sujeito; (ii) nível de referencialidade; (iii) paralelismo discursivo; (iv) tipo de texto; e (v) tipo de discurso.

Em relação ao encaixamento social, o *VARBRUL* considerou as variáveis faixas etárias, estada fora da comunidade e localidade, excetuando as variáveis: sexo e escolaridade, sendo consideradas irrelevantes.

Sobre à variável *realização e posição do pronome sujeito da primeira pessoa do plural*, verificou-se que a preferência pela forma *a gente* está ligada à realização fônica do pronome na sentença antes do verbo, quando o sujeito é apagado, há um desfavorecimento. Dessa forma, o *nós* torna-se favorecido, quando o sujeito é nulo. O que também foi demonstrado na análise realizada por Mendes (2007) foi a maior

probabilidade de ocorrência do pronome *a gente* realizado anteposto ao verbo e do apagamento do pronome *nós*.

A referida pesquisadora discute o resultado quanto ao nível de referência que o pronome de primeira pessoa do plural pode assumir no discurso. Ela observa que não houve correlação entre a escolha entre *a gente* e *nós* e o traço semântico [+/- específico], distanciando da afirmação de que *a gente* teria traço semântico [- específico]. O falante escolhe o *a gente*, ao tratar de referência específica, quando se refere a si mesmo, no chamado plural de modéstia, entretanto há predomínio do *nós* quando se refere a ele e outros falantes especificados.

Em relação à variável *paralelismo discursivo*, tanto o pronome *nós* quanto a forma *a gente* predominaram quando na oração anterior representava uma forma correlacionada. Mendes (2007, p. 129) afirma que o *a gente* prevalece antecedido pela mesma forma, ou quando, na oração anterior, o sujeito não está realizado e o verbo não possui o morfema *-mos*. Enquanto o pronome *nós*, quando a forma for marcada, predomina na primeira referência, ou quando antecedido por esta forma ou pela forma verbal marcada na oração anterior.

Outra variável discutida diz respeito ao *tipo de texto*, a partir do resultado observa-se que a forma *a gente* prevalece nos textos descritivos, ao passo que o pronome *nós* predomina nas narrativas. Já os textos argumentativos mostraram um contexto de neutralidade.

Ao seguir coma variável *tipo de discurso*, verifica-se que o pronome *a gente* sobressai nos discursos do próprio indivíduo. Já o pronome *nós* prevalece no discurso monitorado.

No que diz respeito ao encaixamento social, observou-se a prevalência do uso de *a gente* entre os falantes de quarenta a sessenta anos de idade, mas não se verificou o predomínio do uso do *a gente* entre os mais jovens, como constatado em outros estudos sobre o tema no português brasileiro.

Sobre a variável *estada fora da comunidade*, os dados revelaram que os falantes que viveram fora da comunidade preferem a forma *a gente*, em relação aos que nela sempre permaneceram.

Oliveira (2008) investigou a alternância entre *nós* e *a gente* na língua falada em Caibongo, comunidade afro-brasileira, cujo resultado atesta a maioria das hipóteses e ratifica que a variação de *nós* e *a gente* está ligada por fatores linguísticos e sociais. Ela identificou, na sua pesquisa, um favorecimento para o uso de *a gente* e, como se trata de

uma comunidade rural, os resultados mais frequentes foram com o verbo na forma de singular, levando a pesquisadora a acreditar que isso tenha motivado o uso cada vez maior desta variante.

Além disso, Oliveira (2008) constata maior emprego de *a gente* pelos jovens, e atribui o crescimento desta preferência por razões sociais: saídas da comunidade, viagens e exposição à mídia.

Segundo a autora, os dados também revelaram que dos dez grupos de fatores avaliados, sete foram mais significativos. O que mostra que o falante escolhendo *nós* ou *a gente* na primeira referência, a possibilidade de repetição da forma selecionada na mesma sequência é alta. Contudo, em forma isolada no discurso há possibilidade de escolher o pronome *nós*. Os usos mais indeterminados são mais propensos para os falantes empregarem *a gente*, ao passo que em contextos mais determinados e com indeterminação parcial, com referência explícita no discurso, a frequência aumenta para o uso de *nós*. Além disso, os falantes escolarizados preferem o uso de *a gente* confrontados com os não escolarizados que escolhem o uso do *nós*.

Em relação ao fator idade, nos dados da faixa 1 (25 a 35 anos), *a gente* está perto a substituir *nós*. Nas faixas 2 (36 a 55 anos) e 3 (56 anos em diante), a tendência maior é para o uso de *nós*. Curiosamente os informantes da faixa 2 usam *nós*, ao invés de serem os mais velhos. No que diz respeito ao gênero, as mulheres empregaram mais *a gente* do que os homens.

Lucchesi (2009, p. 457), em seu estudo sobre o tema com o *corpus* do Projeto Vertentes, analisa 24 entrevistas realizadas em quatro comunidades rurais afro-brasileiras na Bahia, entre 1992 a 2002, com informantes com pouca ou nenhuma escolarização, divididos por sexo e faixa etária.

Conforme pesquisa, verificam-se três variáveis linguísticas relevantes: nível de referencialidade, paralelismo discursivo e tipo de texto. Em relação ao encaixamento social, foram estudadas a faixa etária; sexo; escolarização; estada fora da comunidade e na comunidade.

No que diz respeito ao encaixamento linguístico, o resultado não difere aos resultados encontrados em outros estudos variacionistas. Sobre a referencialidade, Lucchesi (2009) confirma que a variante *a gente* é preponderante nos contextos de referência genérica, também preferida em textos argumentativos e descritivos quando o falante se refere de forma genérica ou quando o sujeito não é especificado. Já em textos narrativos, quando o contexto é mais específico, foi maior a preferência pelo *nós*.

O autor verifica também que o uso do *a gente* é mais frequente pelos jovens que possuem um pouco de escolarização. Lucchesi (2008) constata que a preferência pela forma *a gente* caracteriza uma mudança linguística de baixo para cima, comum nas variedades populares do PB. O que leva a reforçar o fato de que o contato entre línguas teria favorecido a substituição de *nós* por *a gente*.

Com base, nessa revisão de estudos realizados sobre a alternância do *nós* e *a gente* na posição de sujeito, busca-se nas próximas seções fazer uma comparação entre o que já foi estudado por outros pesquisadores e os dados levantados nesta dissertação.

Partiremos antes para as considerações metodológicas.

3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Neste capítulo, além de discorrer sobre o objetivo da investigação, informaremos o *corpus* e os dados analisados, os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos avaliados e estudados no que diz respeito à alternância do pronome *nós* e a variante *a gente* na posição de sujeito, considerando os discursos, contendo as formas explícitas e implícitas em relação ao uso de *nós* e *a gente*.

3.1 O *CORPUS*

A constituição do *corpus* de análise fundamentou-se a partir da amostra do *corpus* do Arquivo Sonoro da Fala Culta de Salvador, da Norma Linguística Urbana Culta – NURC, do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID) – situação de fala semi-espontânea, com objetivo de confrontar as décadas de 70 e 90.

O Projeto NURC teve como objetivo caracterizar a modalidade culta falada nas grandes capitais do Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife, para isso, foram organizadas gravações de falantes cultos, do sexo masculino e feminino, seguindo critérios seguros para o controle de variáveis. Assim, esse Projeto visou a estudar uma pluralidade de normas comprovadas no uso oral, norma no sentido coseriano, consentindo variações externas, sociais ou regionais, e internas, combinatórias e distribucionais.

O *corpus* levantado no país perfaz um total de mais de 2.150 horas de registros magnetofônicos, realizados na década de 70. Os arquivos são constituídos por gravações de falantes de ambos os sexos, nascidos na cidade pesquisada, com escolaridade universitária, distribuídos em três faixas etárias - de 25 a 35 anos, de 36 a 55 e 56 anos em diante. Foram gravados em três situações diferentes: 1) aulas e conferências (Elocução formal/EF); 2) diálogos informais (Diálogo entre dois locutores/D2); 3) entrevistas (Diálogo entre informante e documentador/DID). Os temas das entrevistas foram diversificados em 20 áreas semânticas.

Com intuito de analisar a mudança em curso, tornou-se necessário estabelecer um confronto entre décadas, o que difere de trabalhos realizados neste tema. Nesse sentido, foram selecionados 24 informantes, sendo 12 da década de 70 e 12 da década de 90, com a distribuição proporcional de 01 (um) inquirido de cada gênero (masculino e feminino), em média 50 minutos por entrevistas, nas faixas etárias 01 e 03, nas diversas

áreas semânticas.

Labov (1990) parte da premissa de que é possível observar mudanças por meio da análise distribucional-quantitativa de variáveis em diferentes faixas etárias. A situação observada também pode não significar mudanças na comunidade, no entanto, estabelecer um padrão de gradação etária que se repete a cada geração. A interpretação desses dados deveria, então, basear-se nos resultados obtidos em tempo real, no estudo e confronto de dois ou mais períodos discretos de tempo, através da observação dos mesmos indivíduos e/ou de indivíduos distintos. Paiva e Duarte (2006) afirmam que

O estudo da mudança em tempo real, não isento de problemas, [...] constitui um recurso imprescindível não apenas para identificar o momento de aparecimento ou morte de uma determinada variante lingüística como também verificar a regularidade na ação dos princípios que regem a variação e subjazem à implementação da mudança. (PAIVA e DUARTE, 2006, p.182)

Para desenvolver pesquisas em tempo real, há duas formas: estudo real de longa duração e estudo real de curta duração. O primeiro estudo consiste em comparar longos períodos históricos, contudo traz desvantagens no que diz respeito aos acidentes históricos, bem como dados sociais, que em grande parte não são revelados. O segundo, estudo em tempo real de curta duração, pode ser desenvolvido por meio de estudo de tendência ou de painel.

Segundo Labov (1972), o estudo de tendência se realiza pela comparação dos registros de grupos de falantes distintos e em tempos sincronicamente diferentes na mesma comunidade de fala. Ao passo que no estudo de painel é realizada a comparação entre as amostras dos mesmos informantes em dois pontos separados por um período de tempo. Como expõem as autoras, o estudo de painel nem sempre é facilmente realizável, já que necessita de um recontato e obtenção de uma amostra de fala de indivíduos já gravados há algum tempo.

O *corpus* é composto por 24 inquéritos, distribuídos nos quadros abaixo:

Quadro 01 - Amostra da década de 70

GÊNERO/ FAIXA ETÁRIA	N. INQUÉRITO	ÁREA SEMÂNTICA
H1	277	Transportes. Viagens
H1	138	A televisão.
H1	045	A cidade. O comércio.
H3	094	A cidade. O comércio.
H3	283	Sindicatos e cooperativas.
H3	179	O tempo.
M1	241	Vida social, diversões.
M1	125	Vida social, diversões.
M1	256	Clima.
M3	159	O vestuário.
M3	356	Comércio exterior. Política nacional.
M3	320	Instituições Ensino e Igreja.

Quadro 02 –Amostra da década de 90

GÊNERO/ FAIXA ETÁRIA	N. INQUÉRITO	ÁREA SEMÂNTICA
H1	006/N	Infância.
H1	009/N	Infância.
H1	19/N	Profissões.
H3	012/R	Terrenos.
H3	014/R	O vestuário.
H3	006/R	Meios de transporte.
M1	001/N	Casa.
M1	002/N	Vida social, diversões.
M1	16/N	O vestuário.
M3	005/R	Alimentação.
M3	029/N	Alimentação.
M3	013/R	A cidade.

Os quadros 01 e 02 representam as características sociais, faixa etária e gênero do informante, pertencentes aos inquéritos da década de 70 e 90. A princípio, ao selecioná-los, buscou-se identificar a área semântica que proporcionasse maior favorecimento para o aparecimento de *nós/ a gente*.

No entanto, alguns inquéritos foram substituídos, por ausência das formas em estudo ou por número reduzido de dados obtidos, devido ao direcionamento concedido pelo documentador ou a condução do discurso realizada pelo locutor. Sendo assim, foi necessário transcrever alguns áudios, bem como realizar uma nova entrevista, esta concernente à década de 90, inquérito 029/N.

3.2 SUPORTE QUANTITATIVO

O modelo teórico-metodológico empregado na pesquisa foi o da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2004; LEMOS MONTEIRO, 2002; TARALLO, 2004). Buscou-se, a partir da pesquisa bibliográfica, levantamento de dados, transcrição de entrevista – para os inquéritos que não tinham sido reproduzidos ou publicados – codificação dos dados, leitura estatística e análise dos resultados.

A fim de analisar os contextos favorecedores da alternância de *nós* e *a gente*, escolheu-se o programa estatístico *GoldVarb/2001*, modelo matemático utilizado em estudos variacionistas quantitativos. Dessa maneira, ele se adequa ao modelo postulado por Labov (1972) o qual pressupõe que motivações internas e externas em competição revelam o uso de um ou outro fenômeno linguístico. Para isso, o programa disponibiliza o peso relativo dos fatores de cada variável independente em relação à variável dependente, demonstrando a influência de cada um desses fatores sobre o uso de cada variante. O programa também seleciona o grupo de fatores por ordem de relevância, indica a probabilidade e a interatividade entre os fatores.

A interpretação dos pesos relativos de um dado fator que se revela acima de 0,5 é compreendido como favorecimento à regra; ao passo que o fator apresentado abaixo de 0,5 é entendido como desfavorecedor. E os pesos próximos de 0,5 são interpretados como neutros. Consequentemente, o programa seleciona o grupo de fatores mais significativo e que favorece uma maior interatividade entre as variáveis.

A partir dos resultados obtidos pelo programa estatístico e pesquisa bibliográfica considerada e levantada na seção anterior, buscou-se relacionar os resultados

encontrados acerca do tema de estudo, com foco na formação do português brasileiro e na construção da investigação na literatura linguística sobre o aparecimento da forma *a gente* no português do Brasil.

O estudo das variáveis linguísticas e extralinguísticas realizado neste trabalho será abordado na próxima subseção. Além disso, pretende-se a partir da estruturação das variáveis formular as interpretações referidas aos grupos de fatores relacionados à alternância de *nós* e *a gente* na posição de sujeito, pois cabe ao pesquisador a responsabilidade de entender os fatores relevantes, levantar e codificar os dados empíricos, além disso, é preciso também cruzar os resultados estatísticos com base na visão teórica da língua.

3.3 DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS CONSIDERADAS

A variável dependente, que diz respeito às múltiplas possibilidades de utilização linguística que com base nos estudos da sociolinguística variacionista levantados no capítulo anterior (Omena, 1986; 1996 e 2003; Lopes, 1993; Vianna, 2006; Mendes, 2007; Oliveira, 2008 e Lucchesi; 2009), consideram o uso do pronome *nós* e variante *a gente*. Considerando o processo de gramaticalização da forma *a gente*, propõem-se as seguintes realizações relativas à variável dependente pesquisada:

Forma *nós* explícita com o verbo na 4ª pessoa gramatical.

(08) E exatamente a expressão *quarteirão* é um conjunto de casas separadas ou divididas pelas ruas, como, por exemplo, o nosso aqui; *nós estamos* num *quarteirão*, como é frequentemente conhecido, entre o Campo Grande e aqui esta divisória, a rua João das Botas. (Inquérito N. 094, Homem, Faixa 3, Década 70).

Não houve exemplos com a realização do sujeito *nós* com verbo na 3ª pessoa gramatical, por tratar-se de falantes cultos.

Forma *nós* implícito com o verbo marcado com a desinência de 4ª pessoa gramatical.

(09) *Vamos* às lojas, às butiques, aos supermercados, às vezes em butiques, mas não essas butiques registradas, quer dizer, pessoas que vendem em casa mesmo. Creio que só. (Inquérito N. 125, Mulher, Faixa 1, Década 70).

Forma *a gente* explícita acompanhada com verbo na 3ª pessoa gramatical.

(10) *a gente* não atina nesses pequenos detalhes, mas eles atinam e atinam bem. (Inquérito N. 241, Mulher, Faixa 1, Década 70).

Forma *a gente* implícita acrescido do verbo de 3ª pessoa gramatical. Neste caso, deve-se considerar como dados quando a variável *a gente* aparecer no contexto antecedente ou subsequente.

(11) Aí *a gente dormia* hum, *saía* depois do almoço, *dormia* em Cícero Dantas, Itapicuru. (Inquérito N. 006R, Homem, Faixa 3, Década de 90).

É importante ressaltar que cada elipse referente à variável dependente é considerada uma repetição do objeto de estudo, na mesma sequência discursiva, como no exemplo (11), bem como no exemplo (12) e (13) abaixo.

(12) É, para cerimônias. Essa parte da frente, esse peitinho, vamos dizer, era pregueado, ou então de fustão e, se *nós voltarmos* ao século passado, *teríamos* cola...ah...— Como é que chama? O que foi que eu falei? (Inquérito N. 094, Homem, Faixa 3, Década 70).

(13) ... o tráfego, ou são partes onde o tráfego mais intenso se faz ou se desenvolve. Ao lado disso, *temos* as ruas propriamente ditas, seria a...a...a denominação comumente dada, e também *temos* outras às quais *damos* também outras denominações como a ...a travessa e o beco... (Inquérito N. 094, Homem, Faixa 3, Década 70).

As próximas subseções destinam-se a um maior detalhamento e descrição acerca das variáveis linguísticas e extralinguísticas.

3.3.1 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas e extralinguísticas foram consideradas a partir da sistematização teórica referente aos estudos analisados no capítulo anterior em relação ao tema de pesquisa.

O tema de estudo é analisado por variáveis independentes, ou seja, fatores de variação que condicionam a realização diversificada da variável dependente. Sendo assim, as próximas seções serão dedicadas a esses fatores.

3.3.1.1 *Nível de referencialidade*

Além do *nós* e do *a gente* assumir em o significado básico, que refere ao falante, ao receptor e/ou outro (s) falante (s), podem se caracterizar de forma genérica, dessa forma, busca-se, além de levantar a alternância de uso de *nós* e *a gente*, explicitamente ou implicitamente, é também considerar o valor difuso e indeterminado das duas formas. Considera-se também o plural de modéstia, quando o falante utiliza a 1ª pessoa do plural para se referir a si mesmo.

O modelo adotado por Lucchesi (2009, p.460) contempla quatro níveis de referencialidade, no entanto, abordam-se nessa pesquisa os três exemplos do autor.

(I) eu + (você(s)) + (ele(s)) [+ específico]. Ao se tratar do significado básico do pronome de 1ª pessoa do plural, quando inclui o falante, pessoas especificadas e o receptor.

(14) Aí *nós* foi tirá foto, *nós* tava em quadro, mas só tirô *nós* três. (Cinzento-01)

(II) eu + (você(s)) + (ele(s)) [+/- específico]. O plural de modéstia consiste no uso do pronome de 1ª pessoa do plural em detrimento da 1ª pessoa do singular, ou seja, o falante se refere a si mesmo.

(15) E *a gente*, quando teve televisão, *a gente* assistia e no ôto dia *a gente* já saía preocupado com trabalho. (Helvécia-04)

(III) eu + (você(s)) + (ele(s)) [- específico]. A indeterminação universal apoia-se no significado mais genérico, como índice de indeterminação do sujeito, quando o traço semântico é menos específico, ou seja, contempla a um universo mais amplo.

(16) Quando é bom de chuva aqui, a vez a gente faz aquelas bêrada, a vez o povo roça faz aquelas bêrada pra plantá feijão, enche de milho, inda dá. (Cinzento-09)

3.3.1.2 *Paralelismo discursivo*

Com base nos estudos realizados por Omena (1996) e Lopes (1993), como também a análise desta variável tanto para o português, bem como para outras línguas

(Scherre, 1988), acredita-se na relevância do paralelismo discursivo para análise variacionista desta pesquisa.

Omena (1986, p. 294) constata que “a probabilidade de se usar *a gente*, ao invés de *nós*, é maior quando o antecedente formal for *a gente* e a referência for igual à anterior”. Assim, há uma propensão de o falante repetir sua escolha ao longo do discurso, no interior da oração, que consiste no paralelismo formal, bem como numa sequência de orações, compreendido como paralelismo discursivo.

Para explicar esse fator, Lopes (1996, p.119) afirma que “isso nos sugere que o falante, a fim de identificar para o ouvinte o referente, necessita explicá-lo formalmente, quando faz sua primeira alusão a ele, iniciando um tópico”.

Contrariando a ideia defendida por Scherre (1988), Amaral (2003, p.129) afirma que o paralelismo é inerente à organização sintática, admite que a sequência tratada por Scherre e outros estudiosos não está adequada.

O problema parece residir na definição adotada para *seqüência*, para *série*. Em meu ponto de vista são as funções discursivas que vão determinar a exata fronteira entre *seqüências* e estas deverão, assim, passar a ter características discursivas diferentes e, logo, características formais diferentes. Numa relação de causa e consequência. E o paralelismo formal é a reunião de algumas dessas características formais diferentes. (AMARAL, 2003, p.129)

Sendo assim, foram estruturados os fatores da seguinte forma:

(1) primeira referência

(17) Eu ainda me lembro, quando eu era bem menina e que *nós precisávamos* de um médico e ele aparecia em minha casa, em nossa casa, assim... era casaca que usavam naquele tempo, imagine, em plena rua, em pleno dia. (rindo) E *nós achávamos* aquilo tão natural, nem... Hoje, é... quando eu penso, assim, é que acho aquilo (inint) esquisita, né? [...] Os homens...a...a vestimenta dos homens, mesmo assim, tem evoluído menos do que a vestimenta da mulher, porque ainda hoje, vamos dizer, um professor universitário, ou um... um homem que exerça um cargo importante, ele ainda usa calça, paletó, camisa social e gravata, embora a mocidade já esteja bem mais evoluída e creio que mais acertada, porque, com o nosso clima, não há mais lugar pra tanta roupa[...]. (Inquérito N.159, Mulher, Faixa 03, Década de 70).

A primeira referência é *nós precisávamos*[...].

(2) referência anterior feita por *a gente* ou forma verbal não marcada.

(18) essas regras que eram estabelecidas eu procurava cumprir, então eu tinha essa responsabilidade, talvez por isso, assim, às vezes *a gente eh... eh... termina* extrapolando, fugindo a regra e *é penalizado*. (Inquérito N.009/N, Mulher, Faixa 01, Década de 90).

(3) anterior feita por *nós* ou forma verbal marcada

(19) [...] o que não é específico do Brasil, também de outros países --, mas que, infelizmente, ainda não *chegamos* a isso, a uma estrutura, embora *tenhamos* um regime democrático, *tenhamos* liberdade, *tenhamos* muitas outras compensações que países totalitários não têm. (Inquérito N.356, Mulher, Faixa 03, Década de 70).

(4) referência diferente em relação a imediatamente anterior.

(20) Os outros quartos: bom, a começar da sala de som, eu imagino que seja um lugar assim bem à vontade. De preferência sem móveis, no máximo eh... uns módulos, né? Só pra pra... não só pra decorar, mas muitas vezes *a gente* está mais à vontade, mas chega mais alguém, quer sentar e tal...almofadas, não não *colocamos* carpete, né? 001 (Inquérito N. 001, Mulher, Faixa 01, Década de 90).

3.3.1.3 Tempo e modo verbal

Estudos realizados anteriormente contribuíram para a escolha do fator tempo e modo verbal. Omena (1986; 2003) constatou que o *a gente* é mais frequente com o presente e o pretérito imperfeito. E explica que muitas vezes o falante seleciona o *a gente* para deixar explícito o tempo verbal, e evitar a *ambiguidade temporal* trazida nos tempos presente e pretérito perfeito: *nós amamos* (presente) ~ *nós amamos* (pretérito perfeito), o falante tende a usar *a gente ama* ~ *a gente amou*.

Câmara Júnior (1979, p. 126) associa o uso do presente a enunciados mais generalizantes. Essa relação do tempo verbal com referente e tendência de escolha do falante, contribuem para busca de respostas referentes à escolha que os falantes cultos de Salvador fazem em relação ao tempo verbal. A partir dos resultados encontrados, propõe-se cruzar as informações com as demais variáveis, a fim de construir justificativas pertinentes para a amostra estudada.

Sendo assim, foram controlados os seguintes grupos de fatores.

3.3.1.3.1 Modo Indicativo

Presente

(21) Não. Talvez a segurança fosse um cachorro dentro de casa, né? Porque *nós temos* um cachorro, mas é um cachorro pequeno, assim, tipo cachorro de criança mesmo, que mal estranha as pessoas. Estranha, mas não é um cachorro ...talvez um cachorro, né? Que pelo espaço da casa, a casa é maior vai ter um espaço maior...inclusive, no fundo, é...da casa da gente já começa uma invasão...né? (Inquérito N. 001/N, Mulher, Faixa 1, Década 90).

Pretérito perfeito

(22) *A gente falou* em transportes haviam os carregadores. (Inquérito N. 006/R, Homem, Faixa 3, Década 90).

Pretérito imperfeito

(23) *Nós morávamos* ali no Tororó e no fundo, onde hoje é a Estação da Lapa, tinha várias hortas. (Inquérito N. 005/R, Mulher, Faixa 3, Década 90).

Futuro do presente

(24) *A gente sempre vai procurar* um lugar de frutos do mar que mais difícil a gente fazer em casa, a gente vai...procura mais, né? (Inquérito N. 002, Mulher, Faixa 1, Década 90).

Futuro do pretérito

(25) [...] Então, há também aspectos sociais aí, que *a gente também poderia* considerar. (Inquérito N. 356, Mulher, Faixa 3, Década 70).

3.3.1.3.2 Modo Subjuntivo

Presente

(26) Eu gosto de praia onde tenha uma barraca que *a gente possa* tomar uma cervejinha essa coisa toda (superp), eu não gosto de... (Inquérito N. 094, Mulher, Faixa 1, Década 90).

Pretérito imperfeito

(27) [...] Eu fico chocado, muitas vezes... na(s) repartições exigirem as pessoas entrarem com roupas mais pesadas... como se *estivéssemos* em países mais tem...de clima temperado [...]. (DID – 178, Homem, Faixa 3, Déc. 70) (Inquérito N. 14/R, Homem, Faixa 3, Década 70).

3.3.1.3.3 Formas Nominais

Infinitivo

(28) [...] Os aviões são muito vários. Eu tenho viajado, por exemplo, em avião de quatro passageiros, tem avião de doze passageiros, tem avião de cem passageiros, tem avião de trezentos passageiros, então é muito difícil *a gente descrever* o avião que é basicamente tudo igual, não é [...]. (Inquérito N. 006/R, Homem, Faixa 3, Década 90).

Particípio

(29) [...] e *a gente pendurada* de todo lado. Aqui na Bahia, por enquanto, ainda um péssimo meio de transporte (risos) [...]. (Inquérito N. 277, Homem, Faixa 1, Década 70).

Gerúndio

(30) É, acredito. É mesmo. A figura do pianista, *a gente vendo* assim por aí...o fraque eu não achava bonito, acho a casaca mais alinhada.[...] era um paletó branco, avulso, quer dizer, usado com uma calça de qualquer cor,vamos dizer, né, e mangas compridas, naturalmente, né, uma gola assim inteira, parecendo um traje de garçom. (Inquérito N. 159, Mulher, Faixa 3, Década 70).

3.3.1.4 Tipo de oração

Conforme Lopes (1993, p. 95), as orações coordenadas restringem a presença de sujeitos pronominais. Além disso, observa-se que existe maior predominância de sujeito nulo em orações coordenadas e preferência pelo sujeito pleno nas orações principais e subordinadas.

Para investigar esta variável, admite-se o seguinte grupo de fatores.

3.3.1.4.1 Oração Absoluta

(31) *A gente* pendurada de todo lado. Aqui na Bahia, por enquanto, ainda um péssimo meio de transporte (risos). (Inquérito N. 277, Homem, Faixa 1, Década 70).

3.3.1.4.2 Oração Principal

(32) [...] Quando é uma pessoa, assim, que a gente tem mais respeito, geralmente, a gente diz “Como vai o Senhor? “Como está?”. (Inquérito N. 125, Mulher, Faixa 1, Década 70).

3.3.1.4.3 Oração Coordenada

(33) Então, *nós ganhamos*, porque...os representantes dos vários países foram embora, mas a cidade ficou limpa. (Inquérito N. 004/N, Mulher, Faixa 1, Década 70).

3.3.1.4.4 Oração Subordinada

(34) O que eu gosto mais? O estilo mesmo o estilo das casas, tipo assim, aquele que lembre o passado de filmes e e... de histórias que *a gente vê*, e de livros que a gente ler, entendeu? (Inquérito N. 001, Mulher, Faixa 1, Década 90).

3.3.1.5 Tipo de verbo

Para o controle dessa variável, considerou-se o estudo realizado por Freitas e Albán (1991), as quais buscaram classificar semanticamente os verbos ou expressões verbais, verificaram também como se relacionavam as formas pronominais e os verbos.

Averiguaram-se nessa pesquisa os seguintes exemplos de verbo.

3.3.1.5.1 Verbo de Ligação.

(35) [...] *a gente era* (inint) era muita informação, não é? (Inquérito N. 001, Homem, Faixa 1, Década 90).

3.3.1.5.2 Verbo Transitivo

(36)E além da indústria, *nós já estamos* com alguns frequentando as faculdades...oh...no próprio SENAI, um fez...foi o primeiro cego brasileiro que fez o curso de eletricidade. (Inquérito N. 356, Mulher, Faixa 3, Década 70).

3.3.1.5.3 Verbo Intransitivo

(37) [...] Atualmente, meu pensamento é esse porque eu tenho filho, então eh...tem problema de assalto, essas coisas, né. E...*a gente morando* num apartamento que tem o privilégio de...ter guarita e ...o...porteiro, tudo, né? (Inquérito N. 004/N, Mulher, Faixa 1, Década 70).

3.3.1.6 Tipo de texto

O discurso estudado deriva de uma entrevista semi-espontânea, que permite ao locutor utilizar diferentes tipos de texto ao contar um acontecimento de sua vida ou da vida de outras pessoas, além de descrever um comportamento, objeto ou argumentar um ponto de vista.

3.3.1.6.1 Texto Narrativo

(38) Eu ainda me lembro, quando eu era bem menina e que *nós* precisávamos de um médico e ele aparecia em minha casa, em nossa casa, assim... era casaca que usavam naquele tempo, imagine, em plena rua, em pleno dia. (Inquérito N. 159, Mulher, Faixa 3, Década 70).

3.3.1.6.2 Texto Descritivo

(39) [...] (vo)cê vê(r) como são as coisas, então Salvador precisa de alargar suas praias e *nós* temos o banco da panela que fica bem defronte ali do farol, não é? Um banco de areia que atrapalha a navegação, inclusive todo o ...todo o marítima tem que conhecer pra entrar no porto de Salvador, senão ele encalha.(Inquérito N. 178, Homem, Faixa 3, Década 70).

3.3.1.6.3 Texto Argumentativo

(40) [...] o que não é específico do Brasil, também de outros países, mas que, infelizmente, ainda não *chegamos* a isso, a uma estrutura, embora *tenhamos* um regime democrático, *tenhamos* liberdade, *tenhamos* muitas outras compensações que países totalitários não têm, mas que *a gente* sente que ainda precisa um conjunto de coisas para que se chegue, realmente, a desfrutar esse bem-

estar, que só uma estrutura democrática pode dar, independente de o... do regime ser democrático ou ser monárquico, não é? (Inquérito N. 356, Mulher, Faixa 3, Década 70).

3.3.1.7 Polaridade da frase

Os fatores a serem analisados na amostra foram considerados, com base no tipo de discurso, Diálogo entre o Informante e o Documentador, espera-se, dessa forma, encontrar pouca ocorrência relativa às frases interrogativas e exclamativas, além disso acredita-se que existirá uma tendência para frases afirmativas e negativas. Embora não haja estudo realizado sobre essas vertentes, propõe-se a seguinte classificação.

3.3.1.7.1 Afirmativa

(41) [...] e *a gente pendurada* de todo lado. Aqui na Bahia, por enquanto, ainda um péssimo meio de transporte (risos).(Inquérito N. 277, Homem, Faixa 1, Década 70).

3.3.1.7.2 Negativa

(42) [...] E isso aí ia dificultando o cadastramento das propriedades e...e até mesmo de escrever a história territorial da cidade de Salvador, porque a meu ver está completamente perdida a essa altura, né? Porque o que não é particular de forma terminantemente registrada nos cartórios de imóveis e hipotecas, no mais *nós não sabemos* onde é que começa a particular e termina o...o do poder público, seja ele prefeitura ou estado, né? [...] (Inquérito N. 012/R, Homem, Faixa 3, Década 90).

3.3.1.7.3 Interrogativa

Em relação a esse fator previsto, não foi encontrada ocorrência.

3.3.1.7.4 Exclamativa

Em relação a esse fator previsto, não foi encontrada ocorrência.

3.3.2 Variáveis extralinguísticas

Levaram-se em conta três variáveis extralinguísticas: gênero, faixa etária e décadas. Labov (1972) afirma que “através das observações do comportamento linguístico é possível realizar estudos detalhados sobre a estrutura da estratificação em classe de uma determinada comunidade”.

Sendo assim, considera-se pertinente o estudo dessas variáveis, pois os resultados darão um direcionamento relativo à existência de diferenças linguísticas entre falantes a partir do cruzamento e análise evidenciada pelo gênero, faixa etária e décadas. O que permite também constatar ou refutar a hipótese de variação e mudança linguística.

3.3.2.1 Gênero

Nos estudos variacionistas atribui-se uma relevância em relação à divergência no comportamento linguístico das mulheres e dos homens. Omena (1986) destaca em sua pesquisa sobre a alternância das formas *nós* e *a gente*, que homens e mulheres divergem em relação às formas estudadas, dependendo do nível de escolaridade do falante. Faz-se necessário observar a variável em questão, cruzando com outras, já que mostra-se irrelevante, por vezes, quando analisada isoladamente.

Lemos Monteiro (1991) destaca o favorecimento para o uso de *a gente* entre as mulheres, destaca também que as mulheres cultas aceitam mais inovações do que os homens. O trabalho realizado anteriormente por Omena (1986) relata que na fala popular há uma tendência maior de a mulher usar o *nós* explícito.

Há bastante controvérsias nos resultados levantados, contudo, essas visões permitem entender a importância da interpretação dos dados, considerando a situação de uso, classe social, influência da mídia etc.

3.3.2.2 Faixa etária

A variável faixa etária é fundamental para revelação do comportamento linguístico dos falantes cultos, por fornecer resultados que atestem se o tema estudado está em variação estável ou em mudança linguística.

É importante considerar que cada fase da vida exige um comportamento

linguístico diferenciado, já que um jovem buscará ser mais inovador que uma pessoa de meia-idade, sendo assim o comportamento linguístico irá evidenciar essa escolha. O mesmo ocorre para os falantes de meia-idade, que por exigências sociais devido ao ingresso ao mercado de trabalho, a tendência é o maior favorecimento à forma padrão.

Segundo estudos, Omena (1986) e Lopes (1993) mostraram que a substituição de *nós* por *a gente* está acontecendo em todas as faixas etárias, embora tenha sido evidenciada uma maior frequência no grupo mais jovem.

Sendo assim, atribuem-se duas faixas para o estudo:

Faixa 1: 25 a 35 anos.

Faixa 3: 56 anos em diante.

3.3.2.3 *Década*

O trabalho visa a identificar a alternância de *nós* e *a gente* nas décadas de 70 confrontados com a década de 90. Para isso, serão consideradas as duas sincronias a fim de apreender a mudança em tempo real de curta duração (LABOV, 1994). Tendo como base o fundamento da Teoria da Variação e da Mudança Linguística proposta por Labov (1972, 1994), verificou-se as variáveis independentes, sociais e linguísticas para assim confrontar com resultados de outras pesquisas, levando em consideração a situação social das duas décadas, bem como as influências e tendências pertencentes a cada período.

4 A REVELAÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo será apresentada a análise variacionista dos resultados numéricos, obtidos através do processamento dos dados pelo programa *GoldVarb/2001*.

Entre os informantes do Projeto NURC-SSA, a alternância nas formas *nós* e *a gente*, enquanto representação de sujeito, é de uso comum, como se pode perceber plenamente a partir da análise de dados abaixo. Foram submetidos ao *GoldVarb* 554 dados, sendo 287 (51,80%) de *nós*, explícito ou não, e 267 (48,20%) de *a gente*, explícito ou não, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Forma do pronome de primeira pessoa do plural no Projeto NURC-SSA

PRONOME	N. DE OCOR./TOTAL	FREQUÊNCIA
Nós	287/554	51,80%
A gente	267/554	48,20%

Distribuíram-se as formas de primeira pessoa do plural em estudo no Gráfico 1, para melhor visualização:

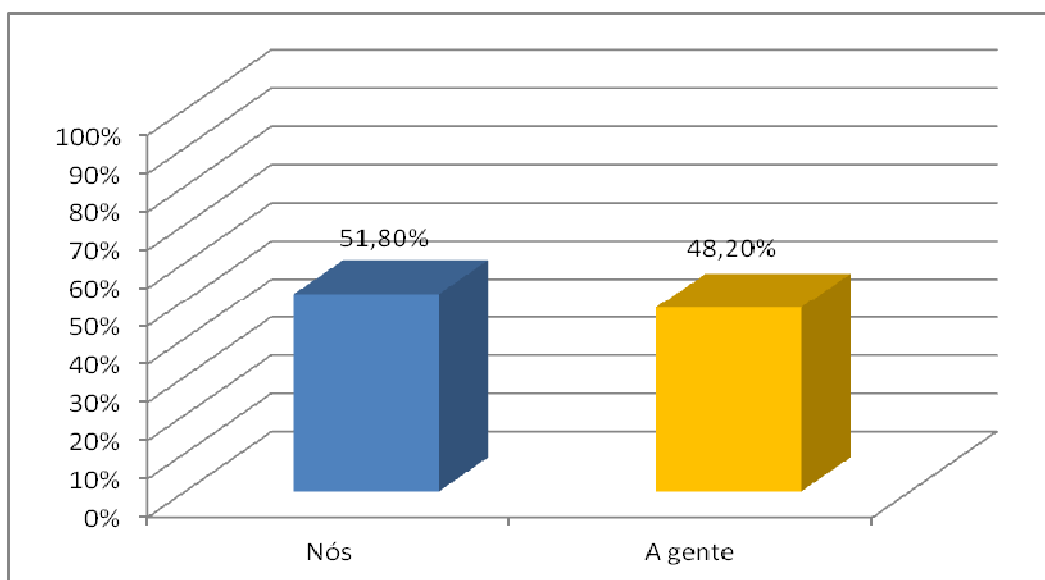


Gráfico 1 – Distribuição da forma do pronome de primeira pessoa do plural no Projeto NURC-SSA

No primeiro olhar geral, os dados evidenciam a forte concorrência entre as formas *nós* e *a gente*, enquanto representação de sujeito. Nesse sentido, as variáveis

linguísticas utilizadas para identificar os fatores da estrutura linguística que condicionam o uso das formas do pronome de primeira pessoa do plural no *corpus* em estudo foram: *preenchimento do sujeito, nível de referencialidade, paralelismo discursivo, tempo e modo verbal, tipo de oração, tipo de verbo, tipo de texto e classificação da frase*. Dentre as variáveis sociais, analisaram-se: *gênero, faixa etária e década da gravação do inquérito*.

Nas próximas seções, os fatores linguísticos e sociais que condicionam o uso das formas do pronome de primeira pessoa do plural no *corpus* em estudo serão analisados. Antes de iniciar a análise, é importante esclarecer que foram realizadas algumas rodadas com o programa *GoldVarb/2001*, adotando-se como valor de aplicação a variante *nós*.

Primeiramente, o programa excluiu as variáveis *paralelismo discursivo* e *tempo e modo verbal*, pelo fato de a variação existente não ser relevante do ponto de vista estatístico. Na tentativa de investigar o motivo da exclusão, decidiu-se modificar a chave de codificação para os fatores em causa, gerando novo arquivo de condições para a análise.

Assim, a chave da variável linguística *paralelismo discursivo* alterou-se de primeira referência (P), referência anterior feita por *a gente* ou forma verbal não marcada (A), referência anterior feita por *nós* ou forma verbal marcada (N) e referência diferente em relação a imediatamente anterior (D) para primeira referência (P), amalgamando referência anterior feita por *a gente* ou forma verbal não marcada (A) e referência anterior feita por *nós* ou forma verbal marcada (N), com a chave (i), e referência diferente em relação a imediatamente anterior (D), as referidas alterações podem ser visualizadas no quadro a seguir:

Quadro 03 – Chave de codificação da variável linguística *paralelismo discursivo*

CHAVE INICIAL	CHAVE REFORMULADA
PARALELISMO DISCURSIVO	PARALELISMO DISCURSIVO
primeira referência (P)	primeira referência (P)
referência anterior feita por <i>a gente</i> ou forma verbal não marcada (A)	Junção para chave (i)
referência anterior feita por <i>nós</i> ou forma verbal marcada (N)	
referência diferente em relação a imediatamente anterior (D)	referência diferente em relação a imediatamente anterior (D)

A chave do fator linguístico tempo e modo verbal alterou-se, excluindo o futuro do modo subjuntivo que só teve 4 ocorrências de *nós* e nenhuma de *a gente*.

Com esses ajustes, muitos grupos foram excluídos, por terem sido considerados estatisticamente irrelevantes: nível de referencialidade; paralelismo discursivo; tempo e modo verbal; tipo de oração, verbo e texto.

Devido ao alto número de exclusão, procedeu-se a nova rodada cuja diferença em relação à anterior incidiu no fator linguístico paralelismo discursivo que se alterou de três aspectos a serem observados (P, i e D) para dois: primeira referência (P) e referência diferente em relação a imediatamente anterior (D). Mesmo com essas modificações, os grupos previamente excluídos permaneceram desse modo.

A partir dessa constatação em relação ao paralelismo discursivo, procedeu-se nova rodada, sem esse grupo. Nesta rodada, o programa continuou selecionando os mesmos grupos de fatores e na mesma ordem da primeira análise, ou seja, excluíram-se, novamente, as variáveis *nível de referencialidade, tempo e modo verbal, tipo de oração, verbo e texto*.

Tendo em vista esse resultado, apresentam-se, a seguir, os valores obtidos para os cinco grupos selecionados (*Input 0,574*):

- 1º Preenchimento do sujeito;
- 2º Classificação da frase;
- 3º Gênero;
- 4º Faixa etária;
- 5º Década.

Posteriormente, foram realizadas rodadas com o intuito de cruzar os fatores sociais década de gravação do inquérito em relação ao gênero e a faixa etária para verificar, de forma mais específica, o comportamento linguístico dos informantes. Feitas essas análises, houve a revelação de que a variável linguística *nível de referencialidade* foi selecionada como relevante. Assim, nessa última rodada, foram selecionados os seis grupos abaixo (*Input 0,597 – Significância ,005*):

- 1º Preenchimento do sujeito;
- 2º Nível de referencialidade;
- 3º Classificação da frase;
- 4º Gênero;
- 5º Faixa etária;

6º Década.

Como a variante considerada aplicação foi a forma *nós*, os resultados indicados nas tabelas e nos gráficos devem ser interpretados como favorecedores ou desfavorecedores dessa variante. Apresenta-se, na primeira coluna de cada tabela, os fatores condicionantes dentro de cada grupo, seguido pelo número de dados de aplicação em relação ao total (N. DE OCOR./TOTAL), com as respectivas frequências e o peso relativo (P.R.).

4.1 AS CATEGORIAS *NÓS* E A *GENTE* E AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

O *preenchimento do sujeito* mostrou-se significativo, sendo a primeira variável selecionada nas rodadas realizadas.

Nos exemplos que seguem, os informantes utilizam o sujeito pronominal explícito e implícito:

(43) *Nós* pedimos o livro e uma pessoa encarregada, que não tem profess... não tem bibliotecária, mas tem aquelas pessoas encarregadas que trabalham na biblioteca; elas então dizem o... são os armários, né [...]. (Inquérito N. 320, Mulher, Faixa 3, Década 70).

(44) [...] *a gente* tem que chegar, tomar banho e trocar de roupa, se não não serve, porque já vem já, não é? Já vem de uma labuta... às vezes (es)tá esperando um ônibus [...]. (Inquérito N. 178, Homem, Faixa 3, Década 70).

(45) [...] que não custou nada. E *temos* vários rios que dão também navegação e que poderiam ser utilizados, mas do que são atualmente [...]. (Inquérito N. 277, Homem, Faixa 01, Década de 70).

(46) *Aí a gente dormia* hum, *saía* depois do almoço, *dormia* em Cícero Dantas, Itapicuru. (Inquérito N. 006R, Homem, Faixa 3, Década de 90).

Os resultados quantitativos podem ser vistos na Tabela e no Gráfico 2:

Tabela 2 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o preenchimento do sujeito

PREENCHIMENTO DO SUJEITO	N. DE OCOR./TOTAL	FREQUÊNCIA	P.R.
Sujeito implícito	108/115	93%	0,93
Sujeito explícito	179/439	40%	0,33
Total	554		

Significância ,005

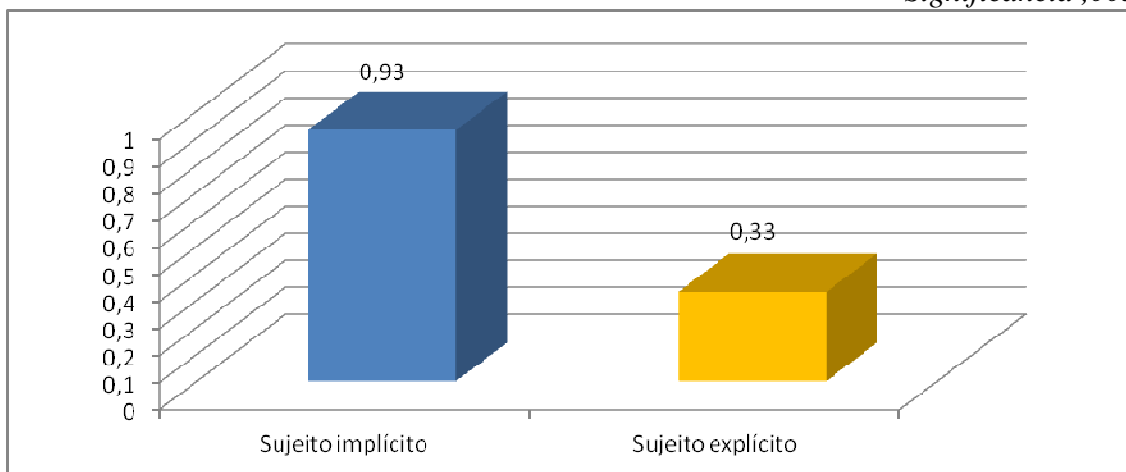


Gráfico 2 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o preenchimento do sujeito

Dos 554 dados, 439 são de sujeito explícito 40% e 115 de sujeito implícito ou nulo 93%. O peso relativo mostra, com relação ao sujeito explícito, um desfavorecimento ao uso de *nós* 0,33, enquanto o sujeito implícito favorece *nós* 0,93. Este resultado pode ser interpretado da seguinte forma: quando o verbo está flexionado, a elipse de *nós* não causa dúvida quanto ao sujeito, logo, o uso implícito indica favorecimento ao pronome *nós*. O pronome *a gente*, ao contrário, precisa vir explícito já que a flexão verbal é a mesma de outras pessoas do discurso.

O percentual de sujeito *nós* implícito é equivalente ao encontrado por Lopes (1993). É interessante notar também que Menon, Lambach e Landarin (2003) verificaram que, na linguagem dos quadrinhos, nas ocorrências com o pronome *nós* junto ao verbo, 86% eram de não-preenchimento e 14% de preenchimento. Como analisaram dados de 1950 a 1999 e da oralidade (em linguagem urbana), certamente existiam muito mais marcas de flexão verbal na concordância com *nós*, o que dispensa pronome explícito.

O *nível de referencialidade* foi o segundo fator linguístico selecionado na última rodada feita. Os resultados quantitativos dessa variável podem ser vistos na Tabela e no Gráfico 3:

Tabela 3 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o nível de referencialidade

NÍVEL DE REFERENCIALIDADE	N. DE OCOR./TOTAL	FREQUÊNCIA	P.R.
Grupo específico com falante	230/461	49%	0,55
O próprio falante	2/4	50%	0,36
Indeterminação universal	55/89	61%	0,24

Significância ,005

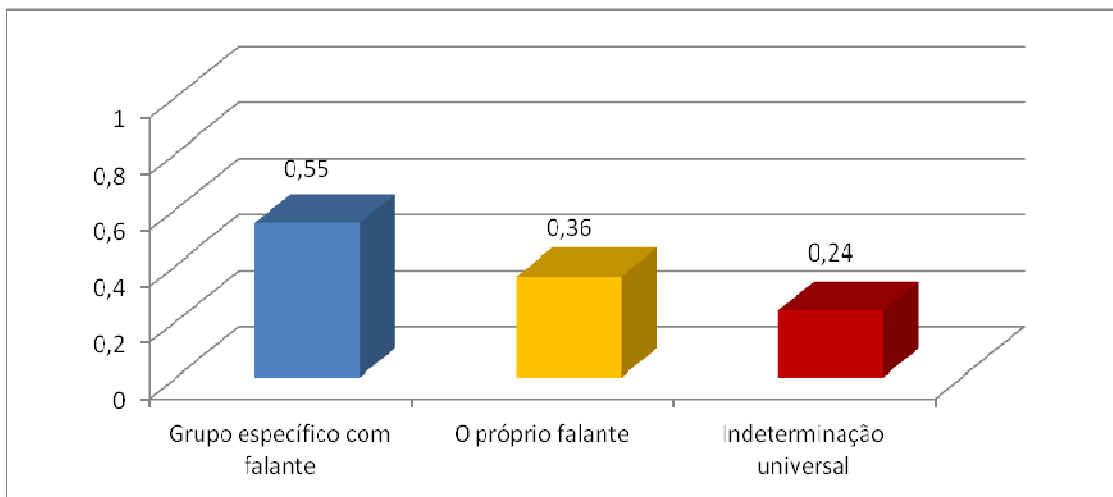


Gráfico 3 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o nível de referencialidade

Das 287 ocorrências de *nós*, 230 são mais específicas (0,55), apenas 2 são de referência ao próprio falante (0,36) e 55 configuram a indeterminação universal (0,24). Os exemplos a seguir contextualizam os dados numéricos apresentados:

(47) Não, não. Ainda na sala, antes do corredor, a mesinha com telefone... Depois do corredor, né? Tinha uma escadinha que descia uma sala, o nível de baixo... então tinha a cadeira do meu avô, a televisão... isso não era bem uma sala, aí eu não descrevo como uma sala, é como se fosse assim... fizesse parte de outra sala, que seria uma sala, mas que *nós* estudávamos, não é? (Inquérito N. 001/N, Mulher, Faixa 1, década de 90).

(48) *vamos falar* de ônibus que é mais rápido, que eu pego todo dia ônibus. (Inquérito N. 19/N, Homem, Faixa 1, década de 90).

(49) que *nós* chamamos de Deus (Inquérito N. 45, Homem, Faixa 1, década de 70).

(50) [...] A Vila do Atlântico é que o mais afastado também, né? Então é um ônibus que... todas as pessoas que tomam esse ônibus já sabem que a viagem é longa. Na... não é como um transporte que você vai na cidade. A cidade, que *a gente* fala, é descolar da... nossa casa pra ir pro centro da cidade. (Inquérito N. 004/N, Mulher, Faixa 1, década de 70).

(51) *a gente* vai falar assim. (Inquérito N. 19/N, Homem, Faixa 1, década de 90).

(52) *a gente* podia chamar de transporte, mas alguns lugares onde você chama, onde você chega sobre teleféricos [...]. (Inquérito N. 006/R, Homem, Faixa 3, década de 90).

Como se pode ver, *nós* está presente em situações que remetem a coletividade e *a gente* está nos contextos de maior indeterminação, estando também bem presente no contexto de referência específica e no contexto de referência centrada no próprio falante. Logo, no espectro semântico da forma *a gente*, o traço da especificidade também se mantém forte. Essa correlação entre a utilização de *a gente* e a referência mais genérica é geral, estando também presente nas análises variacionistas de outras variedades do português brasileiro como atestam, por exemplo, os trabalhos de Omena (1996) e Lopes (1999).

A *classificação da polaridade da frase* foi o terceiro fator linguístico selecionado nas análises. Apesar de reconhecer a existência de outras categorizações de frases, no *corpus* em estudo houve apenas ocorrências de duas categorias, por isso elaborou-se a chave bipartida: afirmativa e negativa, como ilustram os exemplos:

(53) [...] quando criança, todos de minha casa aprenderam um instrumento. *Nós* éramos quatro. (Inquérito N. 125, Mulher, Faixa 1, Década de 70).

(54) [...] Fora daí você em todas as partes anda de metrô, e foi o meio de transporte que todos *nós não* tínhamos falado. (Inquérito N. 006R, Homem, Faixa 3, Década de 90).

(55) É, acredito. É mesmo. A figura do pianista, *a gente* vendo assim por aí... o fraque eu não achava bonito, acho a casaca mais alinhada [...] era um paletó branco, avulso, quer dizer, usado com uma calça de qualquer cor, vamos dizer, né, e mangas compridas, naturalmente, né, uma gola assim inteira, parecendo um traje de garçom. (Inquérito N. 159, Mulher, Faixa 3, década de 70).

(56) As de lycra. As de lycra, eh... as que são mais próprias, justas ao corpo porque quando... se você faz um movimento tem que mostrar uma parte sua, (inint) eles pedem que a gente use sempre as... quanto mais curta melhor, porque *a gente* não vai também com ... mesmo de manga comprida pra lá porque não, não convém. (Inquérito N. 16/N Mulher, Faixa 1, década de 90).

Os resultados quantitativos figuram na Tabela e no Gráfico 4:

Tabela 4 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo a polaridade da frase

CLASSIFICAÇÃO DA FRASE	N. DE OCOR./TOTAL	FREQUÊNCIA	P.R.
Negativa	21/38	55%	0,58
Afirmativa	251/499	50%	0,47

Significância, 005

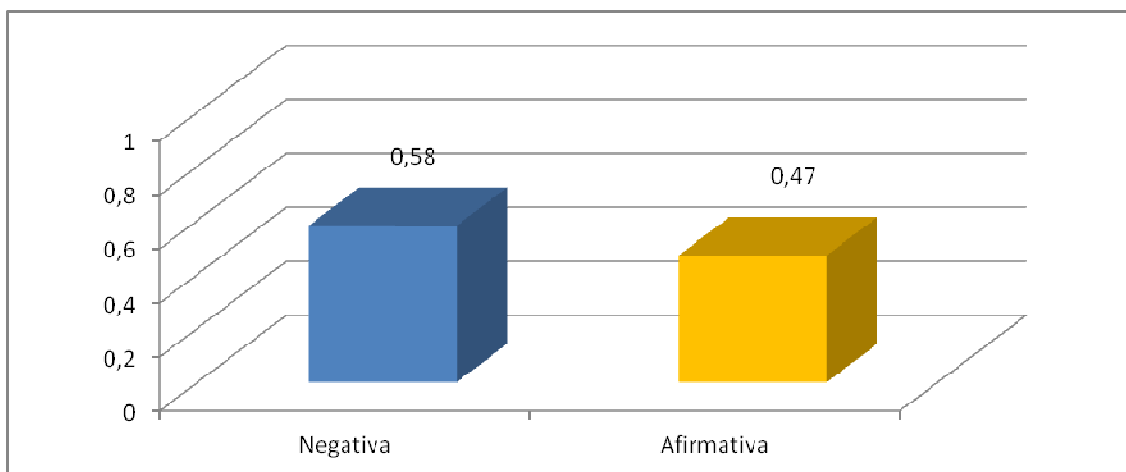


Gráfico 4 – O uso de *nós* no corpus do Projeto NURC-SSA segundo a classificação da frase

Como se pode ver, *nós* e *a gente* concorrem fortemente nas frases afirmativas e negativas.

Os grupos de fatores linguísticos *paralelismo discursivo*, *tempo e modo verbal*, *tipo de oração*, *tipo de verbo* e *tipo de texto* não foram selecionados pelo programa *GoldVarb* 2001 em nenhuma das análises. Ainda assim, algumas observações podem ser feitas.

Pelo fato de ter visualizado a importância do *paralelismo discursivo* na fase da coleta dos dados e por saber da forte influência desse fator em outros trabalhos dessa temática, achou-se pertinente recorrer ao recurso *Cross tabulation*, observando-se o comportamento do *paralelismo discursivo* com relação às demais variáveis independentes. Ao fazer esse cruzamento e estudar a interação do fator *paralelismo discursivo* com os demais fatores, com o objetivo de constatar o porquê da exclusão desse fator das rodadas realizadas, chegou-se a conclusão de que o fator em causa é categórico, pois não há variação, por isso a exclusão por parte do programa.

Esse resultado confirma a proposta de Scherre e Naro (1993, p. 2) de que “marcas levam a marcas”, pois a escolha por uma forma determinada no início da sequência discursiva propicia o desencadeamento de uma série de repetições da forma empregada na primeira referência, conforme se ilustra nos exemplos a seguir:

(57) [...] na parte comercial seriam... na zona residencial... — não somente na zona residencial como também na zona comercial, a exemplo do que existe em Salvador – bairros, bairros comerciais, que *nós podíamos* chamar ou assim denominar; como, por exemplo, *nós vemos* aqui o nosso comércio, aqui em Salvador, localizados em zonas ou

áreas que *podíamos chamar* ou denominar, se *quiséssemos*, naturalmente por extensão, bairros [...]. (Inquérito N. 094, Homem, Faixa 03, Década de 70).

(58) Olha, a gente... não, questão de... de... do cinema, *a gente* u... u... uti... eh... une o útil ao agradável, então, por exemplo, geralmente filme *a gente* assisti em *shopping* porque no mesmo espaço você tem um lugar pra tomar chope, você tem um lugar pra comer pizza, e *a gente* tem costume disso, por morar aqui, eu morei a minha vida inteira na Pituba, então *a gente* tinha essa coisa dos... filme perto de casa, então ou eu ia no... no... no Iguatemi, né, ou no Itaigara que eram cinemas próximos de casa... (Inquérito N. 002/N, Mulher, Faixa 01, Década de 90).

A Tabela 5 mostra os resultados encontrados:

Tabela 5 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o paralelismo discursivo

PARALELISMO DISCURSIVO	N. DE OCOR./TOTAL	FREQUÊNCIA
Referência igual a anterior	228/228	100%
Primeira Referência	13/24	54%
Referência diferente da anterior	47/91	51%

Conforme a Tabela 5, o uso da forma *nós* como forma antecedente numa sequência discursiva favorece o uso da mesma forma em orações posteriores, o mesmo ocorre quando se utiliza o *a gente*, constituindo, portanto, alto índice de aplicação do paralelismo discursivo.

Com relação ao *tempo e modo verbal*, é possível verificar que nos tempos do futuro do pretérito e futuro do presente, no modo indicativo, e no presente do modo subjuntivo é que se encontram maiores ocorrências de *nós* com 92%, 66% e 64%, respectivamente, como mostram os exemplos a seguir:

Futuro do pretérito no modo indicativo

(59) *Nós* não queríamos o arroz. (Inquérito N. 006/R, Homem, Faixa 3, Década de 90).

Futuro do presente no modo indicativo

(60) *Possamos dizer* que ela seja até um pouco neutra, depende de como usar ela [...] (Inquérito N. 13/R, Mulher, Faixa 3, Década de 90).

Presente do modo subjuntivo

(61) [...] para o culto. Isso tanto em relação a qualquer uma das formas cristãs que **nós** aceitemos: tanto para a Igreja Católica como para as igrejas... as... as demais igrejas, não é? (Inquérito N. 94/R, Homem, Faixa 3, Década de 70).

Os índices percentuais encontram-se na Tabela 6:

Tabela 6 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o *tempo e modo verbal*

TEMPO E MODO VERBAL	N. DE OCOR./TOTAL	FREQUÊNCIA
Futuro do pretérito do indicativo	13/14	92%
Futuro do presente do indicativo	8/12	66%
Presente do subjuntivo	9/14	64%
Presente do indicativo	187/357	52%
Pretérito imperfeito do subjuntivo	2/4	50%
Particípio	2/4	50%
Gerúndio	9/18	50%
Pretérito perfeito do indicativo	16/33	48%
Pretérito imperfeito do indicativo	31/78	39%
Infinitivo	6/16	37%
Futuro do subjuntivo	0/0	-

Os resultados da Tabela 6 confirmam o que foi apontado em outros trabalhos como os de Fernandes e Gorski (1986) e Omena (1986) os quais mostram que formas mais salientes, ou seja, que apresentam mais marcas, são favorecedoras do uso de *nós*, enquanto as menos salientes propiciam o uso de *a gente*. Lopes (1993) também expõe que em seus dados houve favorecimento para o uso de *nós* com os futuros do indicativo e o presente do subjuntivo. Além desse aspecto, a autora acrescenta que o presente do indicativo, que pode ser usado para expressar ações excepcionais, equivaleria aos tempos não marcados, justificando um grande emprego com a forma *a gente*.

Com relação ao infinitivo, é possível observar maior utilização da forma *a gente*, o que está de acordo com os resultados de Lopes (1993). No entanto, no que se refere ao gerúndio, os resultados não estão em consonância com a autora a qual expõe que existe maior incidência no uso da forma *a gente*, ao passo que os resultados desta pesquisa demonstram um empate no índice de uso das formas *nós* e *a gente*. Esse mesmo empate também ocorre em relação ao particípio.

Quanto ao *tipo de oração*, os percentuais são bem próximos, evidenciando certa neutralidade, como mostram os dados da Tabela 7:

Tabela 7 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o *tipo de oração*

TIPO DE ORAÇÃO	N. DE OCOR./TOTAL	FREQUÊNCIA
Absoluta	37/65	56%
Principal	87/163	53%
Coordenada	101/200	50%
Subordinada	62/126	49%

Esses resultados não estão em consonância com os resultados de outros trabalhos sobre *nós* e *a gente* no português (Cf. LIRA, 1988 e LOPES, 1993), os quais evidenciam uma tendência ascendente de *nós* nas orações coordenadas. Por outro lado, os dados aqui apresentados ratificam-se com os resultados dos trabalhos citados no que diz respeito ao resultado, embora bem discreto, de *a gente* nas orações principais e subordinadas.

No que se refere ao *tipo de verbo*, os dados revelaram que o verbo de ligação desfavorece a ocorrência de *nós*, apontando uma frequência de apenas 20%, e que há certa neutralidade nos contextos em que os verbos são transitivos e intransitivos com 53% e 49%, respectivamente.

Tabela 8 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o *tipo de verbo*

TIPO DE VERBO	N. DE OCOR./TOTAL	FREQUÊNCIA
Transitivo	222/416	53%
Intransitivo	63/128	49%
Ligação	2/10	20%

Esses resultados não estão conforme os que apresenta Vianna (2006), pois, no trabalho realizado pela autora, o uso de *nós* é favorecido quando o verbo é de ligação. Talvez a explicação dessa diferença esteja no grau de escolaridade dos falantes do

corpus usado pela referida pesquisadora que analisou a fala de pessoas de menor escolaridade, enquanto aqui se utilizaram dados de falantes com formação universitária completa.

Com relação ao *tipo de texto*, os resultados revelam que o texto descritivo é o tipo textual que mais favorece a utilização de *nós*, com uma frequência de 72%, ao passo que os textos narrativos e argumentativos apresentam percentuais bem próximos 46% e 55%, respectivamente.

Tabela 9 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o *tipo de texto*

TIPO DE TEXTO	N. DE OCOR./TOTAL	FREQUÊNCIA
Descritivo	29/40	72%
Argumentativo	114/206	55%
Narrativo	144/308	46%

A partir dos dados da Tabela 9, é possível perceber que a predominância de *nós* ocorreu nos textos descritivos, mas que também está presente nos demais tipos de textos. Os exemplos a seguir dão uma pequena amostra dos dados quantitativos apresentados:

(62) *Nós* pedimos o livro e uma pessoa encarregada, que não tem profess... não tem bibliotecária, mas tem aquelas pessoas encarregadas que trabalham na biblioteca; elas então dizem o... são os armários. (Inquérito N. 320, Mulher, Faixa 3, década de 70).

(63) [...] (vo)cê vê(r) como são as coisas, então Salvador precisa de alargar suas praias e *nós* temos o banco da panela que fica bem defronte ali do farol, não é? Um banco de areia que atrapalha a navegação, inclusive todo o... todo o marítima tem que conhecer pra entrar no porto de Salvador, senão ele encalha [...]” (Inquérito N. 178, Homem, Faixa 3, década de 70).

(64) [...] Até hoje *nós* nos ressentimos de um cadastro, de um levantamento de propriedades, sejam elas rurais ou urbanas, e daí as dificuldades de fixar este, este ponto, não é, eu [...]. (Inquérito N. 12R, Homem, Faixa 3, década de 90).

(65) Porque, graças a Deus, *a gente* mora numa rua que nunca aconteceu caso assim, nenhum, mas assim um caso que pudesse assustar qualquer morador, tipo assim, ladrão invadir a casa pra tomar alguma coisa, sabe? Pra levar os objetos que pertencem às pessoas, não, isso não. Roubo existe em qualquer lugar, mas não dessa forma. Então, eu acho que é mais a nível de... pela planta da casa, estrutura como *a gente* queira a casa, do que a segurança. Então, até então, *a gente* ainda não pensou nesse lado, assim, como segurança apesar de que, um muro é uma segurança... né? (Inquérito N. 356, Mulher, Faixa 1, década de 90).

(66) [...] Nos EE.UU. e em algumas partes do Canadá vocês têm, *a gente* tem ônibus com sanitário [...]. (Inquérito N. 006 R, Homem, Faixa 3, década de 90).

(67) [...] Bom, tem o ônibus, que realmente é... é esse desastre que *a gente* vê aí todo dia; cheio de gente, abarrotado de gente, sem mínima condição de conforto, menor ainda de segurança [...]. (Inquérito N. 277, Homem, Faixa 1, década de 70).

Assim, há uma alta presença de *nós* na elaboração de situações hipotéticas que fundamentem a argumentação, esse aspecto também está de acordo com o resultado de Lopes (1993), e na descrição genérica de processos dos referidos tipos de texto. Já na narrativa, o uso de *a gente* é maior, embora com uma diferença pequena, apenas 4%, mostrando uma forte concorrência com o *nós* que também foi muito utilizado na narração de acontecimentos particulares com agentes específicos. Ao confrontar os resultados do uso de *nós* em relação ao texto descritivo e narrativo com o de Lopes, verifica-se que eles divergem, pois para pesquisadora houve o favorecimento de *nós* em narrativas e o maior uso de *a gente* na descrição.

4.2 AS CATEGORIAS *NÓS* E *A GENTE* E AS VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

Todos os grupos de fatores sociais testados foram considerados estatisticamente relevantes para o entendimento da variação em estudo. O *gênero* foi o primeiro grupo selecionado nas rodadas realizadas, como ilustram as ocorrências a seguir.

(68) [...] *Nós* temos aqui confecções que fazem os modelitos e esses... às vezes... eh...se exporta muito e as pessoas querem copiar, né, as pessoas que visitam a Bahia querem copiar, acham muito interessante e... e... divertido. (Inquérito N. 178, Homem, Faixa 3, Década de 70).

(69) *Nós* ficamos esperando que viesse o... o acompanhamento. (Inquérito N. 005/R, Mulher, Faixa 3, Década de 90).

(70) [...] Não, ele pode ter problema, porque a cabine não... não sendo pressurizada, quando ele desce, ou sobe, um pouco rápido demais, *a gente* sente o ouvido [...]. (Inquérito N. 277, Homem, Faixa 1, Década de 70).

(71) Pode ser curtos ou compridos, né, (inint) mas os pijamas de manga comprida e em forma de calça eh..., são os mais tradicionais, mas eles sofreram uma evolução muito grande, hoje, *a gente* já vê os pijaminhas de short e camiseta. (Inquérito N. 16/N, Mulher, Faixa 1, Década de 90).

Como mostram a Tabela 10 e o Gráfico 5, dos 554 dados, 291 ocorrências são das mulheres e 263 dos homens:

Tabela 10 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o *gênero*

GÊNERO	N. DE OCOR./TOTAL	FREQUÊNCIA	P.R.
Homem	175/263	66%	0,60
Mulher	112/291	38%	0,40

Significância ,003

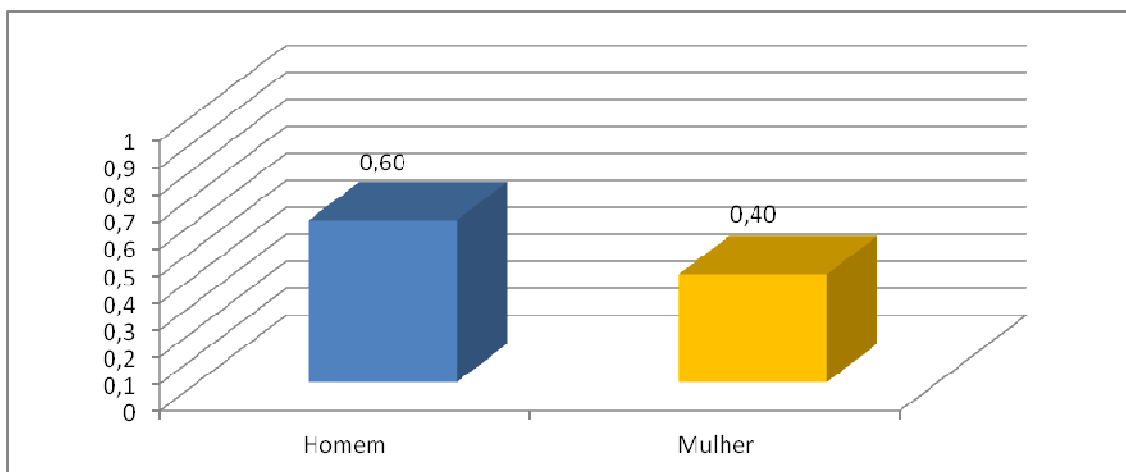


Gráfico 5 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o gênero

Os resultados quantitativos revelam que o uso de *nós* é mais intenso nos homens com peso relativo de 0,60. Os homens continuam preferindo o *nós*. Do mesmo modo, Lemos Monteiro (1991) também mostra em seu estudo, expondo que a incidência do uso de *a gente* entre as mulheres é maior, constatando que as mulheres cultas aceitam mais as formas inovadoras em relação aos homens. Esse aspecto é mencionado por Labov (1990) que aponta o princípio de que na maioria dos fenômenos de mudança linguística são as mulheres que inovam, usando formas não-padrão e, como apresentou o referido autor, por meio da escola básica e da família, levam os membros da sociedade aos primeiros contatos com a linguagem, dando encaminhamento aos indícios do processo de mudança linguística.

Quanto à *faixa etária*, foram encontrados os resultados que estão na Tabela 11 e no Gráfico 6:

Tabela 11 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo a *faixa etária*

FAIXA ETÁRIA	N. DE OCOR./TOTAL	FREQUÊNCIA	P.R.
Faixa 3	210/276	76%	0,69
Faixa 1	77/278	27%	0,31

Significância, 003

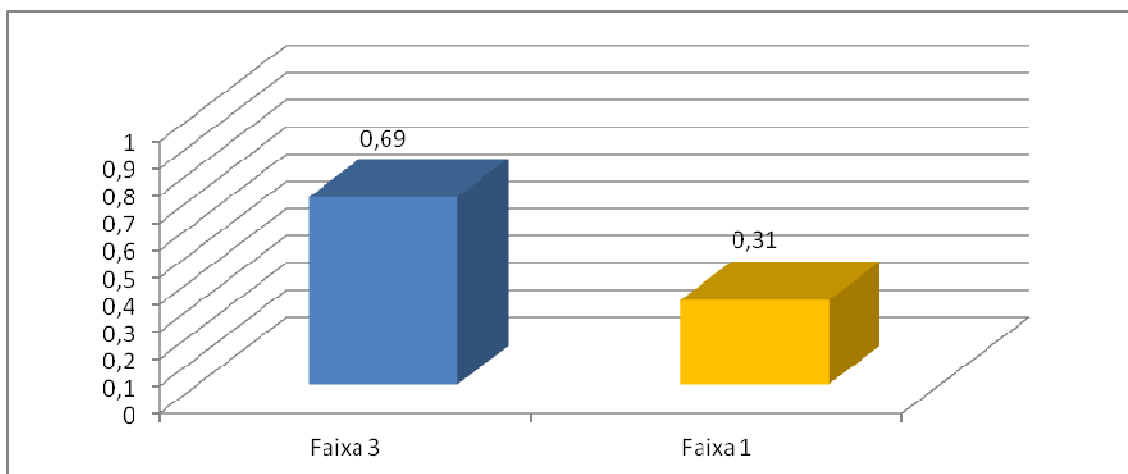


Gráfico 6 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo a *faixa etária*

O peso relativo, de modo geral (Tabela 11 e Gráfico 6), mostra o predomínio da forma *nós* na faixa 3, com peso relativo de 0,69 e peso relativo de 0,31 na faixa 1, o que significa apenas 76% e 27% de *nós*, respectivamente. As frequências e os pesos relativos revelam o aumento da utilização de *a gente*.

Tais dados estão em consonância com os apresentados por outros pesquisadores, como Omena (1986; 1996), Fernandes e Gorski (1986), Freitas e Albán (1991), Cunha (1993), Lopes (1993), Oliveira (2006), os quais revelam que a forma tradicional teve seu tempo de predomínio, atestado pelas faixas mais velhas, mas que a forma *a gente* é maior entre os falantes mais jovens, decaindo na medida em que se passa para os informantes de faixa mais avançada. Nesse sentido, os dados apontam indícios de encaminhamento para **mudança em curso**, de substituição da variante canônica *nós* pela variante *a gente* na amostra do Projeto NURC/SSA.

Esses resultados corroboram as afirmações de Omena (1996) de que, quanto mais jovem o falante, maior é o uso de *a gente* e quanto mais velho o falante, maior emprego de *nós*. A autora aborda que falantes nascidos a partir de 1960 utilizam bem mais a forma *a gente* e afirma que parece ser um fenômeno em mudança, principalmente considerando os fatores linguísticos. No estudo da fala culta, realizado por Lopes (1993), os dados também mostram que os falantes adultos com formação universitária completa usam tanto *nós* quanto *a gente*, os jovens falam mais *a gente* e os mais velhos utilizam mais *nós*.

O grupo *década da gravação do inquérito* foi selecionado em último lugar nas rodadas realizadas.

Tabela 12 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo a *década da gravação do inquérito*

DÉCADA DA GRAVAÇÃO DO INQUÉRITO	N. DE OCOR./TOTAL	FREQUÊNCIA	P.R.
Década de 70	202/280	72%	0,67
Década de 90	85/274	31%	0,33

Significância ,003

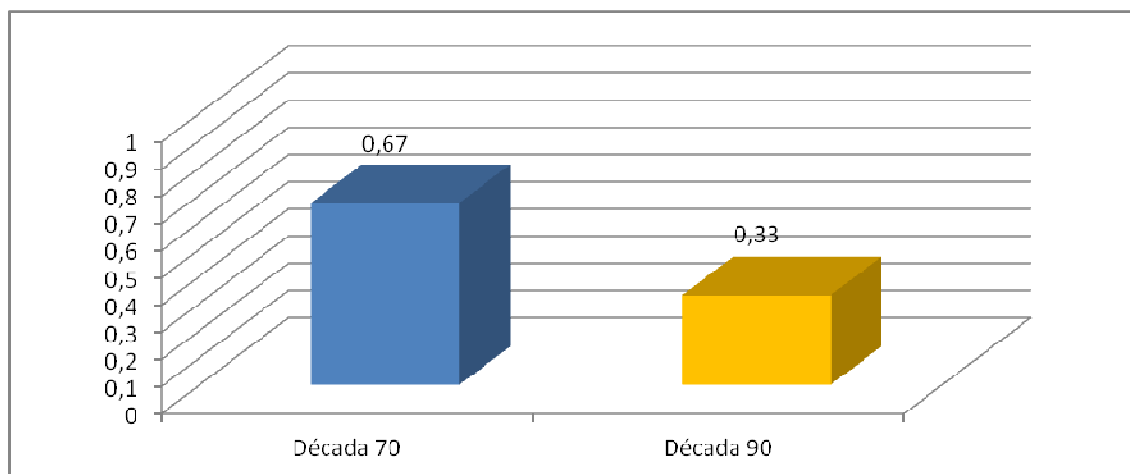


Gráfico 7 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo a *década da gravação do inquérito*

Dos 554 dados, 280, 50,54%, dados são da década de 70 e 274, 49,46%, da década de 90. Os exemplos seguintes ilustram algumas dessas ocorrências:

(72) Quarteirão. E exatamente a expressão quarteirão é um conjunto de casas separadas ou divididas pelas ruas, como, por exemplo, o nosso aqui; *nós* estamos num quarteirão, como é frequentemente conhecido, entre o Campo Grande e aqui esta divisória, a rua João das Botas. (Inquérito N. 094, Homem, Faixa 3, Década de 70).

(73) [...] inclusive *marcamos* os lugares aqui, só que quando chegamos nos lugares marcados por nós [...]” (Inquérito N. 006/R, Homem, Faixa 3, Década de 90).

(74) *Nós* só valorizamos assim tanto o veraneio, porque há férias escolares, de outro modo você poderia tirar férias quase que o ano todo e gozar desse... principalmente aqui, a gente fala mais em relação ao clima de Salvador é mais... completamente diferente se fosse em São Paulo ou mesmo no Rio. 256 (Inquérito N. 256, Mulher, Faixa 1, Década de 70).

(75) Que ela, ela tem poucos bolsos mais de prega, um corte mais reto, tem as calças que estão mais na moda agora que são as calças carbi que têm dois bolsos do lado, **a gente** já percebe mais que são dois bolsos ao lado, dois atrás, dois na frente, para colocar as mãos, têm as calças... as masculinas que você está se referindo, né? (Inquérito N. 16/N, Mulher, Faixa 1, Década de 90).

Os dados revelam, com relação aos inquéritos gravados na década de 70, um favorecimento ao uso de *nós*, com peso relativo de 0,67, enquanto os inquéritos gravados na década de 90 apresentam um favorecimento de *a gente* (0,33 peso relativo de *nós*).

Esse resultado também está presente no estudo de Lopes (1999, p. 165), uma vez que a referida pesquisadora observou em uma amostra do Projeto NURC, constituída no início da década de 1970, que a forma *a gente* corresponde a apenas 42% do total de ocorrências. Numa amostra de fala com os mesmos informantes do Projeto NURC colhida na década de 1990, a frequência do uso de *a gente* sobe para 54%, contra 46% de *nós*, revelando que o uso de *a gente* se torna mais evidente de uma década para outra.

Essa queda no uso de *nós*, segundo a pesquisadora, pode ser relacionada à redução nos paradigmas flexionais no português do Brasil. Tal constatação também está presente nos trabalhos de Lopes (1993), Lemos Monteiro (1991) e Menon (1995). Assim, ao confrontarmos os resultados desta pesquisa com a de outros estudos, com análise do *corpus* do Projeto NURC e de outros *corpora*, percebe-se que eles convergem, pois os referidos autores apresentam, em suas pesquisas, o reflexo redução de *nós* com referência determinada e sua crescente substituição por *a gente*.

Como se mencionou no início desse capítulo, foi feita uma rodada conjugando a década da gravação do inquérito com o gênero e a faixa etária do informante a fim de observar mais especificamente esses resultados. Quando se conjugou este grupo com a década em que o inquérito foi gravado vê-se que, na década de 70, o uso de *nós* é maior entre os informantes masculinos, com um peso relativo de 0,87, apresentando o maior número de ocorrências: 139 das 166 de *nós* no *corpus* (correspondendo a 83% deste total). No que se refere à década de 90, que existe maior ocorrência de *a gente*, as informantes femininas também apresentaram praticamente os mesmos índices, com uma diferença de apenas 0,03 de ocorrências de *nós* 36 das 97 de *nós* no *corpus*, (correspondendo a 0,23 de peso relativo), como mostram a Tabela 13 e o Gráfico 8:

Tabela 13 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o efeito do gênero e década de gravação no uso de *nós*

Gênero	Década de 1970			Década de 1990		
	N. de ocor./Total	Freq.	P.R.	N. de ocor./Total	Freq.	P.R.
Feminino	63/114	55%	0,43	49/177	27%	0,26
Masculino	139/166	83%	0,87	36/97	37%	0,23

Significância ,005

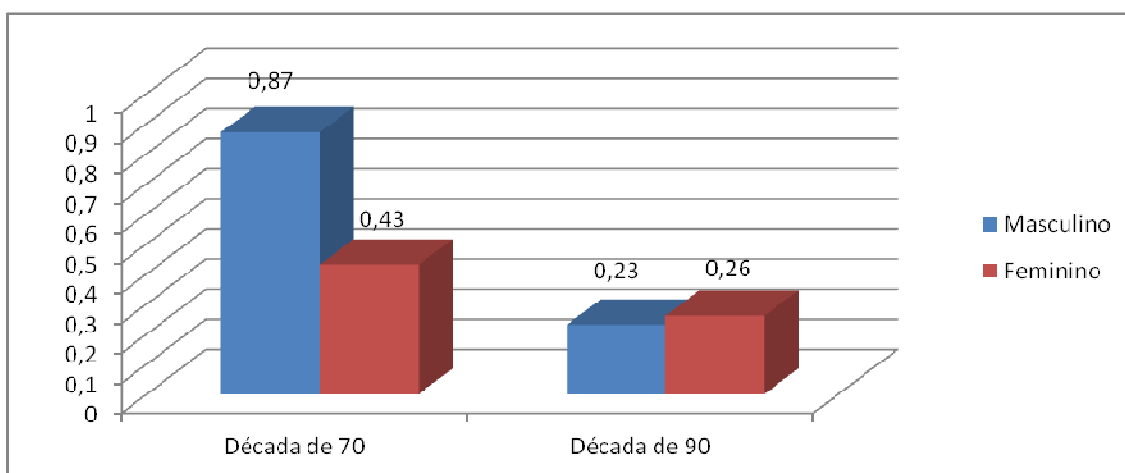


Gráfico 8 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o efeito do *gênero* e *década de gravação*

Na conjugação da década da gravação do inquérito com a faixa etária do informante, vê-se que, na década de 70, o uso de *nós* é maior entre os informantes da faixa 3, com um peso relativo de 0,76, correspondendo a 64% deste total. No que se refere à década de 90, que existe maior ocorrência de *a gente*, os informantes da faixa 3 também apresentaram maiores índices de ocorrências de *nós*, 156 das 192 de *nós* no *corpus* (correspondendo a 81% deste total), com um peso relativo de 0,66, como mostram Tabela 14 e Gráfico 9:

Tabela 14 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o efeito da *faixa etária* e *década de gravação*

Faixa etária	Década de 1970			Década de 1990		
	N. de ocor./Total	Freq.	P.R.	N. de ocor./Total	Freq.	P.R.
Faixa 3	54/84	64%	0,76	156/192	81%	0,66
Faixa 1	46/88	52%	0,36	31/190	16%	0,27

Significância ,005

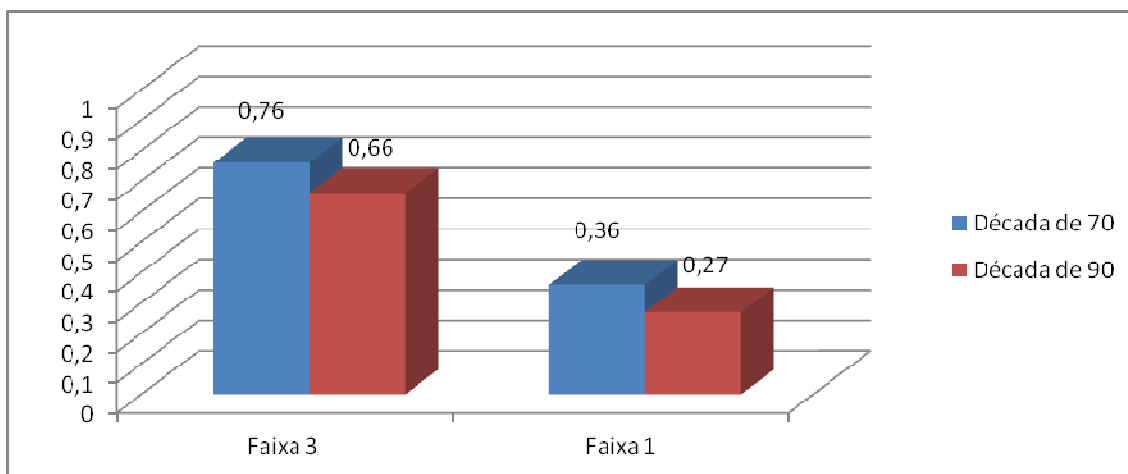


Gráfico 9 – O uso de *nós* no *corpus* do Projeto NURC-SSA segundo o efeito da *faixa etária* e *década de gravação*

Enfim, esses são os fatores que se mostraram favoráveis ao entendimento de aspectos que regem a variação de *nós* e *a gente* na função de sujeito no Projeto NURC/SSA e, com base em estudos sobre a temática, permitiram a comparação entre o comportamento das variáveis em outras amostras do português brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa realizada sobre a alternância nas formas *nós* e *a gente*, enquanto representação de sujeito na fala de informantes de primeira e terceira faixa etária dos inquiridos do Projeto Norma Linguística Urbana Culta da cidade de Salvador, reunimos dados que nos auxiliaram a chegar a conclusões sobre o estudo, o que confirma a maioria das hipóteses que afirma que a variação de *nós* e *a gente* é condicionada por fatores linguísticos e sociais.

Sobre o processo de variação e mudança da forma *a gente* no Português Brasileiro, foram traçadas nesta pesquisa respostas a partir de percentuais e pesos relativos estatisticamente significativos que evidenciaram constatações importantes sobre o processo, além de possibilitar outras interpretações a partir dos resultados da análise.

Considerando a referência à primeira pessoa do plural, o falante culto pode empregar estratégias formais: *nós* explícito ou não seguido de verbo com desinência – *mos* e *a gente* explícito ou não com desinência verbal zero.

Na análise de encaixamento estrutural das variáveis explanatórias, foram propostas inicialmente: preenchimento do sujeito, nível de referencialidade, paralelismo discursivo, tempo e modo verbal, tipo de oração, tipo de verbo, tipo de texto e classificação da frase. Sobre as variáveis sociais, analisaram-se: gênero, faixa etária e década da gravação do inquirido. Contudo, após as rodadas, o programa excluiu estatisticamente parte das variáveis inseridas para análise. Sendo assim, destacaremos as tendências do grupo selecionado como relevante estatisticamente: *preenchimento do sujeito*, *nível de referencialidade* e *polaridade da frase*, posteriormente o mesmo foco será dado as variáveis excluídas, com base em explicações a partir de estudos já realizados.

Em síntese, destacamos as tendências evidenciadas pelos grupos de variáveis selecionadas pelo programa *GoldVarb/2001*:

a) Quanto à variável dependente, foram submetidos 554 dados ao *GoldVarb/2001*, sendo 287 (51,80%) de *nós*, explícito ou não, e 267 (48,20%) de *a gente*, explícito ou não, no que diz respeito a este aspecto, os dados mostram uma concorrência entre as formas *nós* e *a gente*, contrapondo com os resultados de 63% total de preferências pela forma *nós* pelos falantes cultos de Salvador, revelados por Lopes (1993). Ao se comparar com outros trabalhos, tendo como amostra falantes com pouca

escolaridade (OMENA, 1986; 1996, MENDES, 2007; OLIVEIRA, 2008), temos um resultado mais elevado em relação à substituição de *nós* por *a gente*.

b) Quanto ao preenchimento do sujeito, observa-se o desfavorecimento do uso de *nós* como sujeito explícito com peso relativo 0.33, enquanto o sujeito implícito favorece *nós* 0,93. Este resultado pode ser interpretado da seguinte forma: quando o verbo está flexionado, a elipse de *nós* não causa dúvida quanto ao sujeito, logo, o uso implícito indica favorecimento ao pronome *nós*.

c) O pronome *nós* está presente em situações que remetem a coletividade e *a gente* está nos contextos de maior indeterminação, estando também presente no contexto de referência específica e no contexto de referência centrada no próprio falante.

d) As formas *nós* e *a gente* concorrem fortemente nas frases afirmativas e negativas.

e) O uso da forma *nós* como forma antecedente numa sequência discursiva, favorece o uso da mesma forma em orações posteriores, o mesmo ocorre quando se utiliza o *a gente*, constituindo, portanto, alto índice de aplicação do paralelismo discursivo. Observou-se que tanto o pronome *nós*, quanto a forma *a gente* continuaram no discurso quando na oração anterior figurava uma forma análoga.

Os resultados quantitativos evidenciam que o uso de *nós* é mais intenso nos homens, confirmando-se os resultados obtidos por Lopes (1993) e Oliveira (2008). Foi revelado também que a forma tradicional teve seu tempo de predomínio, atestado pelas faixas mais velhas, mas que a forma *a gente* é maior entre os falantes mais jovens, decaindo na medida em que se passa para os informantes de faixa mais avançada.

Sobre os grupos de fatores linguísticos excluídos pelo programa *GoldVarb/2001*, verificou-se que quanto ao *tempo e modo verbal*, nos tempos do futuro do pretérito e futuro do presente, no modo indicativo, e no presente do modo subjuntivo é que se encontram maiores ocorrências de *nós*, demonstrando que formas mais salientes, ou seja, que apresentam mais marcas, são favorecedoras do uso de *nós*, enquanto as menos salientes propiciam o uso de *a gente*.

Com relação ao infinitivo, é possível observar maior utilização da forma *a gente*. *No gerúndio e no particípio*, há um empate no índice de uso das formas *nós* e *a gente*. Como constatado em Lopes (1993), o falante, ao narrar o fato vivido, se compromete mais com o que está sendo transmitido, desta maneira, tende a utilizar mais o pronome *nós*, conseqüentemente fará referência mais específica, além disso há maior

probabilidade de usar pretérito perfeito. Ao passo que o falante, ao escolher a variável *a gente*, tenderá a usar o presente, infinitivo e gerúndio, já que são formas verbais relacionadas aos discursos que descrevem os atos habituais.

Quanto ao *tipo de oração*, os percentuais são bem próximos, evidenciando certa neutralidade no que se refere ao emprego de *nós* e *a gente*. No que se refere ao *tipo de verbo*, os dados revelaram que o verbo de ligação desfavorece a ocorrência de *nós* e que há certa neutralidade nos contextos em que os verbos são transitivos e intransitivos com 53% e 49%, respectivamente.

Na variável *tipo de texto*, os resultados revelam que o texto descritivo é o tipo textual que mais favorece a utilização de *nós*, com uma frequência de 72%, ao passo que os textos narrativos e argumentativos apresentam percentuais bem próximos. Contrapondo o estudo de Mendes (2007), que revela o predomínio da variável *a gente* nos textos descritivos, enquanto o pronome *nós* prevalecia nas narrativas, nos argumentativos apresentou-se um contexto de neutralidade.

Mendes (2007) considera que a tendência da escolha pela forma *a gente* seja mais evidente na comunidade urbana, que tende a se espalhar para a comunidade rural, por meio da mídia, no entanto, os estudos comprovam que há maior ocorrência pela variável em questão é pelos falantes não-escolarizados. O que é evidenciado também nos resultados obtidos na presente pesquisa.

Consideraram-se os estudos levantados para direcionar nas análises linguísticas que apontam a permanência no *nós* em nosso discurso, com base nos dados não há diferenças substanciais na alternância de *nós* e *a gente* enquanto representação do sujeito, como foi obtido por Lopes (1993), o que permite inferir que as amostras foram diferentes, Lopes analisou uma amostra menor, dois inquéritos por faixa etária, assim ela observou a faixa 2, considerada mais inovadora.

Os dados mostram, com relação aos inquéritos gravados na década de 70, um favorecimento ao uso de *nós*, com peso relativo de 0,67, enquanto os inquéritos gravados na década de 90 apresentam um favorecimento de *a gente*.

Na década de 70, o seu uso é maior entre os informantes masculinos, com um peso relativo de 0,87, apresentando o maior número de ocorrências: 139 das 166 de *nós* no *corpus* (correspondendo a 83% deste total). No que se refere à década de 90, que existe maior ocorrência de *a gente*, as informantes femininas também apresentaram praticamente os mesmos índices, com uma diferença de apenas 0,03 de ocorrências de *nós*.

Ao amalgamar a década da gravação do inquérito com a faixa etária do informante, vê-se que, na década de 70, o uso de *nós* é maior entre os informantes da faixa 3, com um peso relativo de 0,76, correspondendo a 64% deste total. No que se refere à década de 90, onde existe maior ocorrência de *a gente*, os informantes da faixa 3 também apresentaram maiores índices de ocorrências de *nós*. Inferindo-se que esses dados apontam para a mudança em curso no sentido da implementação da variável *a gente* na fala culta de Salvador.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955.

AMARAL, A. *A concordância verbal de segunda pessoa no singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*. Porto Alegre, Tese (Doutorado em Letras), Instituto de Letras, UFRGS, 2003.

ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 31. ed. São Paulo: Saraiva, 1982.

BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro?: um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola. 2001.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 27. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.

CÂMARA JR., J. M. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1979.

CASTILHO, A. T. de. A gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 19, p. 25-63, , mar. 1997.

CROFT, W. *Typology and universals*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 230-244, 1990.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

CUNHA, Cláudia de Souza. *Indeterminação pronominal do sujeito*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1993.

DIAS, A. E. da S. *Syntaxe histórica portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953.

DUARTE, M. E. L. Aspectos do sistema pronominal do português falado nas regiões sudeste e centro-oeste. In: *XI ENCONTRO Nacional da ANPOLL*, 1995. p.505 - 509.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. *Gramática*. 18. ed. São Paulo: Ática, 2003.

FERNANDES, Eulália; GORSKI, Edair. A concordância verbal com os sujeitos Nós e A gente: um mecanismo do discurso em mudança. In: *Atas do I Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, p. 175-183, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986.

FREITAS, Judith; ALBAN M. del Rosário. Nós ou a gente? In: *Estudos linguísticos e literários*. n.11. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1991.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

HEINE, B. Grammaticalization. In. JOSEPH, B.; JANDA, R. D. (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, p. 575-601, 2003.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2009.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

INFANTE; NICOLA, Ulisses. *Gramática*. 5.ed. São Paulo: Scipione. 1997.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. The intersection on the sex and social class in the course of linguistic change. In: *Language variation and change*. Editors: David Sankoff et alii, Cambridge, Univ. Press, vol. 2, n. 2, 1990.

LABOV, William *Principles of linguistic change: Social Factors*. Oxford: Blackwell, 2004.

LEHMANN, C. *Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change*. *Lingua e Stile*, n. 20, p. 303-318, 1985.

LEMOS MONTEIRO, José. *Os pronomes pessoais no português do Brasil*. Tese de Doutorado, UFRJ, 1991.

LEMOS MONTEIRO, José. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 2002.

LIRA, Solange de Azambuja. O sujeito pronominal no português falado e escrito. In: *Ilha do Desterro: Revista de Língua e Literatura – Sociolinguística*, 20, 2. Sem. Florianópolis, Editora da UFSC, 1988.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ, 1993.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *Nós por a gente: uma contribuição da pesquisa sociolinguística ao ensino*. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). *Diversidade Linguística e Ensino*. Salvador: EDUFBA, 1996, p. 115-123.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1999.

LUCCHESI, Dante. *A representação da primeira pessoa do plural*. LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan e RIBEIRO, Ilza (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

MEILLET, A. *L'évolution des formes grammaticales*. *Scientia* 12 (Milan). (Reprinted: *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: C. Klincksieck, p. 130-148, 1965.

MENDES, Rute. *O perfil da alternância do sujeito nós e a gente em Santo Antônio de Jesus: um recorte do português popular no interior da Bahia*. Dissertação em Letras e Linguística. Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia. UFBA, 2007.

MENON, O P. da S. *Analyse sociolinguistique de l'indetermination du sujet dans le portugais parle au Bresil, a partir des donnees du NURC/SP*. Paris, Tese (Doutorado em Linguística) – Département de Recherches Linguistiques. Universidade de Paris VII, 1994.

MENON, O. P. S. *A gente, eu e nós: sintomas de uma mudança em curso no português do Brasil*. II ENCONTRO NACIONAL SOBRE LÍNGUA FALADA E ESCRITA, 1995: MACEIÓ, *Anais*. Maceió: UFAL, 1995. p.01-06.

MENON, O. P. S.; LAMBACH, Jane Bernadete; LANDARIN, Noely R. X. Nazareno. *Alternância nós / a gente nos quadrinhos: análise em tempo real*. In: RONCARATI, Cláudia N.; ABRAÇADO, Jussara. (Orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio: 7 Letras, 2003. p. 96-105.

MOTA, Jacyra e ROLLEMBERG, Vera (Orgs.). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de Salvador*. Materiais para seu estudo. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, vol. I, Diálogos entre Informante e Documentador. 1994.

MOURA NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NARO, Anthony Julius. *Modelos quantitativos e tratamento estatístico*. In: MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luíza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 179-190.

NUNES, J. J. *Crestomatia arcaica*: excertos da literatura portuguesa desde o que mais antigo se conhece até ao século XVI. 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1967.

OLIVEIRA, Karine Rios de. *Nós, a gente e o clítico se* como estratégias de indeterminação do sujeito no português. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. UFU, 2006.

OLIVEIRA, Sandra. *Nós e A gente em Caimbongo*: aspectos sócio-históricos e sociolingüísticos de uma comunidade afro-brasileira. Dissertação em Estudo de Linguagens. Universidade do Estado da Bahia. UNEB, 2008.

OMENA, N. P. de. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: NARO, A. J. et al. *Relatório final de pesquisa: projeto subsídios do projeto censo à educação*. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 2, p. 286-319, 1986.

OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, G. M. de O. e SCHERRE, M. M. P. (Orgs.) *Padrões Sociolingüísticos*: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996. p. 185-215

PAIVA, Maria da Conceição de.; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Mudança lingüística: observações no tempo real. In: MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luíza (Orgs.). *Introdução à Sociolingüística*: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2006. p. 179-190.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2012.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Letras), UFRJ, 1988.

SCHERRE, Marta; NARO, Anthony. *Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil*. DELTA, São Paulo, v.9, n.1, p.1-14, 1993.

SCHERRE, Marta; NARO, Anthony. *Sobre as origens do português popular do Brasil*. DELTA, São Paulo, v.9, N° Especial, 1993. p. 437- 454.

SCHMITZ, J. R. The linguistic flexibility of “a gente” in Portuguese. *Hispania*. Notes, 2004.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo, Ática, 2004.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. Introduction. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B.(eds.), *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: J. Benjamins, V. 1, p. 1-14, 1991.

VASCONCELLOS, J. L..*Lições de filologia portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, UFRJ, 2006.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução Marcos Bagno. Revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

XIMENES, Sérgio. *Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Ediouro, 2000.

ZILLES, A. M. S. Grammaticalization of *a gente* in Brazilian Portuguese. In: JOHNSON, D. E.; SANCHES, T. (eds.). *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 8, n. 3, p. 297-310, 2002.

ANEXO A– LEVANTAMENTO DAS OCORRÊNCIAS ENCONTRADAS

Década de 70

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 277. INFORMANTE 354. TEMAS: Transportes. Viagens. DATA: 19/04/1977. DÉCADA: 70			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: homem • Faixa Etária 1 • NÓS • A GENTE
0	01	01	[...] o que eu me lembro mais de trem eram trens que passavam dentro da Usina e... carregados ou de minério ou de... como a gente chama normalmente –de pau-de-arara.
0	01	01	[...] e a gente pendurada de todo lado. Aqui na Bahia, por enquanto, ainda um péssimo meio de transporte. (risos)
0	01	01	Na de lá já era menos, porque praticamente a gente saltava quase que sozinho.
0	01	01	[...] Normalmente eu carrego sempre na ida; na volta não, porque, às vezes, a gente volta com a bagagem maior um pouquinho[...] (risos) (superp)
0	01	01	Bom, tem o ônibus, que realmente é...é esse desastre que a gente vê aí todo dia; cheio de gente, abarrotado de gente, sem mínima condição de conforto, menor ainda de segurança.
01	0	01	Já tivemos. E o ônibus eu me lembro bem, porque eu ia pra o colégio sempre de ônibus, e me lembro[...]
0	01	01	[...]O bonde que eu tomava era aquele bonde de um lado, aberto do outro. Era... era um transporte que a gente gostava de andar, porque ia pendurado no estribo.
0	01	01	Bom, (superp) aspecto que eu me lembro do bonde era uma barulheira infernal, porque o bonde fazia realmente barulho e... outra coisa que eu me lembro do bonde, e que hoje a gente pode raciocinar claramente e enxergar, é a parte de tráfego e de engarrafamento.
01	01	02	[...] Acho que a gente cometeu um erro de querer transportar tudo sobre caminhão. Outra grande opção pra...pra aqui pro Brasil seria a navegação. Nós temos nove mil quilômetros de pista na costa.
01	0	01	[...] que não custou nada. E temos vários rios que dão também navegação e que poderiam ser utilizados, mas do que são atualmente.
0	01	01	Bom, normalmente a gente abastece em... em posto de gasolina, que têm também outros serviços.
0	01	01	A gente sofre um bocadinho pra chegar aonde quer, mas eu acredito que seria um transporte bom, inclusive pra uma cidade grande, porque, normalmente, numa cidade grande não se faz exercício, não se pratica muito esporte, a vida é muito sedentária e a bicicleta seria um... uma maneira esportiva do cara andar.

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	01	01	A sinalização de trânsito... poderia que a gente tem de dois tipos: a sinalização vertical, que são aquelas placas colocadas em poste ou mesmo em... em locais próprios, e a sinalização horizontal, que seria a sinalização de rua, desenho de faixa contínua ou interrompida e desenho de faixas pra pedestres a... atravessarem.
0	01	01	Bom, pode acontecer é o que geralmente acontece. A rigor, deveria ser primeiro uma advertência, a depender do caso, pra depois, numa repetição, uma multa ou até outro tipo de providência como suspensão de carteira, etc. Mas, normalmente, eles multam a gente. E, às vezes, em dias e locais que a gente não estava .
0	01	01	Se bem que bem preguiçosos também. A gente passa na Bahia –Feira a maior parte dos tem... do tempo, em vez deles estarem no radar, fiscalizando, estão sentados no carro na beira da estrada, sem fazer nada. Se encontra... a cada vinte quilômetros, se encontra uma caminhonete da Polícia.
0	01	01	[...] Mas o avião, eu já... eu conheço, já por força de desempenho da profissão, do pequeno, do teço-teco ao jato. Eu gosto muito do pequeno, acho bem seguro um aviãozinho pequeno. Não sei se a gente vai ali ao lado do piloto, vê o que ele está fazendo, fica mais tranquilo, como também pela facilidade de pouso e decolagem.
0	02	02	Bom, primeiro... a primeira coisa que a gente percebe dentro de qualquer avião é de que todo comando é duplo; tanto os pedais como a parte de... do volante do avião, que acho que chamam manche, tudo é duplo; todos os instrumentos são duplos; sempre tem duas coisas pra fazer uma mesma coisa. Outra coisa que a gente observa é que na frente...por dentro, ele seria até semelhante a um automóvel, em tipo de ... de banco.
0	01	01	Bom, dos grandes, a gente nota que o pessoal a bordo é um pessoal bem treinado, bem educado e ...Tem as aeromoças, o comissário de bordo, que são elementos... que são destinados única e exclusivamente ao conforto e tranquilidade do passageiro, e que, realmente, desempenham bem as funções.Não tenho queixa do pessoal de bordo não. (rindo)
0	01	01	O processo normal (superp) seria saltar, pegar a bagagem e ir ao balcão da companhia que a gente está viajando , entregar a bagagem, marcar a passagem e pegar a ficha do embarque. Daí, então, aguardar a chamada pelo alto-falante.
01	0	01	Assim, viagens especiais acho que nenhuma Apenas uma viagem que eu fiz a Maceió e que, no pouso..., no retorno de Maceió, no pouso em Sergipe, nós tomamos um susto, porque estava chovendo e o avião comeu a pista toda, (rindo) foi parar no finzinho. (rindo) Nesse dia, o pessoal tomou um susto, (rindo) porque ninguém sabia mais o que é que estava acontecendo.
0	01	01	Não, ele pode ter problema, porque a cabine não...não sendo pressurizada, quando ele desce, ou sobre , um pouco rápido demais, a gente sente o ouvido. [...]
01	0	01	Espera aí. (superp) Vamos...vamos deixar um negócio bem claro: eu tenho preferência por avião em viagem longa...
0	01	01	...que a gente vai de (superp) casa a casa e fica totalmente independente, e se vai à hora que quer, volta à hora que quer.

LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 138. INFORMANTE 167. TEMAS: A televisão. DATA: 17/04/1985. DÉCADA: 70.			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: homem • Faixa Etária 1 • NÓS • A GENTE
OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
01	0	01	[...] vespéral, à tarde e soirée, à noite; mas isso usa-se muito... ah... dizer “Vou matinê”, e é à tarde, né; e, à noite, soirée, embora não usamos muito essa palavra, que é muito... eh... um... é língua francesa, né, da língua francesa.
0	01	01	Sessão da madrugada, não. (risos) Às vezes, o nome a gente cria, né? (rindo)
0	01	01	É, na hora. (rindo) Na saída, assim, a gente procura alguma coisa parecida, né? Sessão coruja, pode ser a sessão...(superp)
01	0	01	Bom. Quando o apare... Existem aparelhos, atualmente, muito bem... quase que automáticos. Mas, aquele tradicional, que nós conhecemos mais.
03	0	03	[...] nós temos o botão que liga e... volume também; temos o botão controle de vertical; o botão controle de horizontal; temos , também, o brilho e o de contraste.
01	0	01	Acho que sim. Há as tevereseducati... as tevês educativas e essas que nós conhecemos mais.
01	0	01	Não, via EMBRATEL nós usamos . (superp)

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
<p>LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 45. INFORMANTE 107. TEMAS: A cidade. O comércio. DATA: 14/05/74. DÉCADA: 70.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Gênero: homem • Faixa Etária 1 • NÓS • A GENTE 			
01	0	01	Antes de tudo a escolha de um bom terreno, depois, um bom arquiteto, um bom engenheiro e uma boa supervisão, porque tem que planejar antes, ver as condições socioeconômicas, quanto nós vamos ter de investir em capital, mais provavelmente em despesas extras são as que podem ocorrer.
05	0	05	Temos vários tipos de construções, nós não temos experiência em construção de casa, ehhh tipo construção de madeira, pré-fabricada ainda não estamos tão bem, muito bem, é adotados, ou melhor, dizendo educados, poderia ser outro em termos de construções a alto escala de nível populacional de casas pré-fabricadas. Eu acho que isso seria bem importante, mas que o povo fosse gradativamente educado para isso. Construções aqui, nós temos de vários tipos com ou sem fiscalização da prefeitura e com isso nós temos vários tipos de casas.
03	0	03	Bom, os que já existiam, milhares de século passado, igrejas, eu acho que deve ficar como está, mas qualquer construção, tipo educacional religiosa tem que ser mais simples possível, eu acho. Não haver muita exuberância, não haver é bens materiais, pois a finalidade principal é deixar paz tranquilidade, ser um oráculo do ser superior a todos nós, que nós chamamos de Deus. Contudo, se nós olharmos para o passado, esse tipo de construções de igrejas, muito bonitas que Salvador é bastante rica neste ponto, havia uma finalidade básica da religião é trazer os indivíduos que ainda são, ainda existe muito na população de místicos, trazer aquele que eram místicos para o culto religioso. Acho que a religião ainda é necessária, porque torna-se um freio para determinadas atitudes dentro da sociedade, nós não deixamos de ser ainda animais.
02	0	02	Bom, construções todos fazemos , agora mais simples possível, como nós vemos a escola Luís Viana Filho, construções de tijolo aparente sem muito delonga, são construções objetivas para população, para que dê educação de imediato.
01	0	01	Geralmente o que nós observamos , é que o centro é um bairro muito populoso, se concentra as escolas.

LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 094. INFORMANTE 109. TEMAS: A cidade. O comércio. DATA: 15/10/1974. DÉCADAS: 70.			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: homem • Faixa Etária 3 • NÓS • A GENTE
OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
04	0	04	[...] na parte comercial seriam... na zona residencial... não somente na zona residencial como também na zona comercial, a exemplo do que existe em Salvador –bairros, bairros comerciais, que nós podíamos chamar ou assim denominar; como, por exemplo, nós vemos aqui o nosso comércio, aqui em Salvador, localizados em zonas ou áreas que podíamos chamar ou denominar, se quiséssemos , naturalmente por extensão.
02	0	02	[...] por exemplo, o bairro da calçada, que tem comércio muito extenso, a zona – ou o que nós poderíamos denominar ... Baixa dos Sapateiros, também como o seu comércio típico, e aqui no centro da cidade e nas outras áreas também, o bairro comercial, como é chamado, a Cidade Baixa, compreendeu, e na cidade alta seria o ... aí é que escapa um pouco, não há, por exemplo, aqui entre nós, o...o costume de se denominar a Rua Chile toda essa faixa de São Pedro um bairro, não se diria um bairro comercial; mas para a zona residencial o processo também é usado nas mesmas condições.
03	0	03	Bom, essas partes mais afastadas do centro da cidade são... podíamos chamar ... as mais afastadas são aquelas que nós chamamos normalmente de subúrbios. É a denominação, digamos , até um certo modo, a habitual, a comum, a freqüente --, os subúrbios, naturalmente ligados à parte central, por certo, pertos meios de comunicação já conhecidos.
01	0	01	Quarteirão. E exatamente a expressão quarteirão é um conjunto de casas separadas ou divididas pelas ruas, como, por exemplo, o nosso aqui; nós estamos num quarteirão, como é frequentemente conhecido, entre o Campo Grande e aqui esta divisória, a rua João das Botas.
03	0	03	Na nossa casa antiga havia uma expressão, francesa por sinal, <i>terrace</i> – nós aportuguesávamos para terraço – que era onde nós brincávamos normalmente; era uma área muita grande, toda ela ladrilhada, de maneira que aí nós brincávamos soltos. Nos colégios, naturalmente, já muda a denominação, que é o receio, que é a denominação usual, não é?

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
02	0	02	Jardins, seriam? Jardins públicos ou... ou poderíamos dar...esses jardins públicos seriam justamente áreas destinadas... por exemplo, eu não sei se caberia, a resposta a essa pergunta seria exata; mas eu estou me lembrando agora, existe uma expressão que nós usamos assim, ainda que se adapte; seriam terraços, adaptados para o uso do público, os belvederes.
02	0	02	[...] usando os paralelepípedos ou então usando-se o asfalto para o seu revestimento, embora tenhamos conhecido, por exemplo. Colômbia, não foi, L? vimos ruas calçadas. Não foi em Bogotá? – calçadas de madeira.
01	0	01	[...] quer dizer, todas ruas. Algumas ruas com calçamento todo de madeira; achamos , assim, interessantíssimo. Como também já tenho visto de ladrilhos... de... de ladrilhos de ladrilhos. Mas o habitual, evidentemente, é o paralelepípedo e é o...e é o... o asfalto, são as duas... Todas essas ruas, naturalmente variando de cidade pra cidade, têm maior ou menor largura e têm maior ou menor extensão, etc., não?
04	0	04	Normalmente há uma nomenclatura específica que é aquela que distingue, digamos , a avenida, que seriam aquelas ruas maiores, naturalmente com um tráfego mais intenso e também de maior importância nas cidades respectivas; então, geralmente, são ruas de onde irradiam ou para o qual... ou para as quais também se irradia o ... o tráfego, ou são partes onde o tráfego mais intenso se faz ou se desenvolve. Ao lado disso, temos as ruas propriamente ditas, seria a... a... a denominação comumente dada, e também temos outras às quais damos também outras denominações como a... a travessa e o beco.
03	0	03	Bom, essas ruas, podíamos chamar perpendiculares a essas, seria a principal, né seria a rua principal em função dessas transversais, ou aliás, as transversais estariam em função dessa principal, não é? podíamos assim denominar; porque...por exemplo, aqui vamos tomar, no caso de Salvador, Avenida Sete; a Avenida Sete tem uma série de ruas transversais, todas elas, evidentemente, afluindo para a Avenida Sete, ou partindo da Avenida Sete para atingir o seu fim, o seu... o objetivo final, que seria o final daquela rua ou o fim daquela rua, compreendeu; seria a rua principal em relação a elas.
03	0	03	O cruzamento de ruas entre si, como nós temos aí... como nós temos aqui vários casos; por exemplo, aqui em Salvador nós temos várias ruas que se cruzam, né isso, que se cruzam.

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
04	0	04	Ah... aí nós teríamos as ladeiras, as chamadas... as que têm inclinação tomam o nome de ladeiras, não é, é o nome frequentemente usado; e desse tipo de rua nós temos uma série muito grande aqui em Salvador, como nós conhecemos , e temos encontrado em outras...em outras cidades e talvez até numa proporção maior do que a nossa; por exemplo, o Rio de Janeiro, na minha opinião, tem muito mais ladeiras e muito piores do que Salvador; eu todo dia digo isso aos cariocas, toda vez que estou por lá, viu? (risos) Portanto, seriam as ladeiras em contraposição às ruas planas, né isso?
01	0	01	[...] as finalidades da saúde pública; as repartições públicas destinadas... naturalmente tomariam denominações de acordo com a especificação ou com a função dessa repartição, digamos , as... secretaria da saúde, secretaria de educação, secretaria.
01	0	01	[...] de cultos, mas também associações, (superp) não é, associações religiosas, destinadas...colégios, também, religiosos que mantêm, compreendeu, e mais ainda, poderíamos dizer , as capelas para...destinadas também a [...]
01	0	01	...para o culto. Isso tanto em relação a qualquer uma das formas cristãs que nós aceitamos : tanto para a Igreja Católica como para as igrejas ... as ... as demais igrejas, não é?
03	0	03	Teríamos as faculdades, essas faculdades destinadas naturalmente ao ensino das atividades de natureza superior...de ensino superior, não é? [...] Quando nós chamávamos de faculdade, era o local ou o centro de toda atividade de ensino superior. Por exemplo, na minha carreira. Eu sou bacharel em Direito, estudei na Faculdade de Direito ali na Piedade, e ali nós fizemos todo o curso durante cinco anos.
02	0	02	[...] embora normalmente nós não conheçamos ...ou não denominemos o... o... a prefeitura de palácio, mas poderia ser chamado assim por extensão, evidentemente.
05	0	05	[...] como no caso, por exemplo, aqui de Salvador, de Castro Alves, que está por inteiro, do Barão de Rio Branco, que também... que está por inteiro, e teríamos outros, os bustos, por exemplo, temos a cabeça de Castelo Branco, presidente Castelo Branco, todos eles representativos ou indicativos; temos vários outros... eh... na Praça Deodoro, temos o busto do Marechal Deodoro; lá na Barra, ali no Farol, também temos , e assim por diante; temos váriostipos, através dos quais são consagradas essas figuras, consagradas e lembradas.
02	0	02	É. São os obeliscos. São os obeliscos que consagram as datas, em geral os fatos; os fatos ou as datas, não é isso? Nós temos aqui... próximo mesmo, nós temos um, bem em frente aqui ao Palácio da Aclamação, temos um obelisco.

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
01	0	01	Através as lâmpadas, não é isso? As lâmpadas são os instrumentos através as quais a l... a luz chega até nós (risos). Ela pode estar como o fio plenamente carregado, mas sem a lâmpada, evidentemente, nós não teríamos condições. (rindo)
01	0	01	[...] hoje a iluminação pode ser, inclusive, até subterrânea; podíamos seguir a sub [...] a iluminação aérea, dos meus tempos, e que hoje ainda predomina para a iluminação subterrânea, que está cada vez ganhando terreno [...].
01	0	01	Sim. Teríamos , então... seriam os instrumentos de utilização dessas lu... (superp)
03	0	03	[...] em contraposição à fluorescente, não é, seria essa luz comum, como nós chamamos , a comumente emitida ou originada pela utilização desse tipo de lâmpadas; ou, melhor dizendo, o tipo de iluminação variará de acordo com o tipo de lâmpadas, também, que nós usemos , não é isso? Então, seria fluorescente, quando nós usamos aquelas lâmpadas chamadas fluorescentes ou o tipo comum, através essas [...].
04	0	04	Bom, numa instalação elétrica nós teríamos aquilo que nós chamamos normalmente de lustres; pode ser a forma de globos... eh... muito comum; a forma que não sei se poderíamos denominar diferentemente, mas seriam o...o...os braços, que é muito freqüente, que é muito comum na iluminação pública, sob a forma de posteação, es...esses postes usando aqueles braços mais longos ou muitos curtos, evidentemente; usaríamos também os... nas cabeceiras, principalmente nas cabeceiras de cama, nas... nas mesas, seriam os abajures, e lâmpadas de cabeceira, também, que seriam sempre braçadeiras destinadas ao... à aplicação da... da luz, à utilização da luz.
01	0	01	[...] Eu agora, por exemplo, a...a sua... com a sua pergunta cabe, porque e...eu estou com um problema do lado... naquela subida do lado de lá, que a área externa, onde nós mantemos uma lâmpada... ultimamente eu perdi [...].
02	0	02	[...] Nós temos também aqui um exemplo; nós temos um...um chuveiro elétrico lá no nosso banheiro que, apesar do electricista que colocou dizer que não tinha nenhum problema, que ele tinha feito uma ligação direta da...da chave geral, pá-rá-rá [...].
01	0	01	Bom, eles...hoje nós temos (superp) um aparelho, que esse aparelho tem a função de estabelecer o equilíbrio, de manter o equilíbrio [...].

LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 283. INFORMANTE 360. Temas: Sindicatos. Cooperativas. Data: 28/04/1977. Década: 70.			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: homem • Faixa Etária 3 • ■ NÓS • ■ A GENTE
OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
01	0	01	Bom, asso... as associações que tem aí...eu teria que pensar na...pelo fato d'eu (rindo) exercer ou ter exercido dois ramos da...dos ramos da engenharia... Nós temos , por exemplo, o Clube de Engenharia, aqui na Bahia, que congrega, sobretudo, o... as pessoas liga... os profissionais ligados mais a... à Engenharia Civil, não é?
02	0	02	E nós temos uma outra associação de classe também, que nós ... eh... pertencemos , que é a Sociedade Brasileira de Química, não é? (superp)
01	0	01	[...] Existe uma...uma Seção Regional da Associação Brasileira de Química. Funciona inclusive aqui também na... na escola, não é, e nós pertencemos a isso também.
01	0	01	Não, (superp) o... o... o... nós temos , por exemplo, o Sindicato dos Engenheiros.
01	0	01	Mas nós temos o... o Sindicato do... o Sindicato de Engenheiros, né?
01	0	01	[...] há uma... uma... uma obrigatoriedade de participação... são o... os conselhos federais, não é, de áreas profissionais. Nós temos , por exemplo, o Conselho Federal de Engenharia.
01	0	01	Aqui, por exemplo, nós temos , se não engano, é o INOCOOP.
01	0	01	[...] a capacidade que cada grupo tem de realizar determinado objetivo, determinada tarefa, aquilo que chamamos de <i>know-how</i> , não é?
01	0	01	É. Nós ouvimos falar de vez em quando nisso, né? Geralmente, é preciso que haja... que haja um líder que funcione pra essas.

LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 179. INFORMANTE 106. TEMAS: O tempo. DATA: 26/09/75. DÉCADA: 70.			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: homem • Faixa Etária 3 • NÓS • A GENTE
OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
23	0	0	<p>No momento que as duas coordenadas de tempo e espaço se encontram nós temos, então, a existência. A existência está dentro do tempo e do espaço, mas no momento que desaparece o tempo e espaço, nós temos o ser. Ora, o estudo do ser é um estudo muito interessante, o estudo particularizado do ser, constitui que se chama de ontologia. A ontologia é um dos ramos da celebre e a chamada metafísica, da celebre e a chamada metafísica, mas continuando a falar sobre o tempo. E perguntaria naturalmente: qual a relação do tempo com os estudos anatómicos? Eu diria em primeiro lugar, eu gostaria de mostrar a relação do espaço com os estudos anatómicos. Nós vemos que a ciência chamada de dissomação, ciência dissomação. Na física podemos fazer a somação. A somação consiste [falha no audio] no aumento de partícula, no aumento de substância, ela aumenta numericamente, mas nada se produz, nada se modifica, eu simplificarei. Se nós tivermos um monte de areia e juntarmos este monte de areia a mais areia, continuaria um monte de areia, um monte maior de areia. Então houve exclusivamente a somação, houve exclusivamente a somação, porque, neste caso, estamos exclusivamente no espaço, mas no momento que surge o tempo, no momento que surge o tempo, surge uma coisa interessante, surge um elemento mais interessante o que se chama a orientação, a orientação. Então, da somação que é apenas considerada no espaço nós podemos passar ao processo no momento em que entra o tempo. Então, nós podemos passar o processo, podemos passar a orientação, enquanto nós temos a somação, nós não temos orientação, mas no momento em que nós entramos no processo, ah nós temos orientação. É por isso que se diz processo, processo, portanto passa a ser uma sucessão, porque o processo faz-se no tempo, no momento em que nós temos o tempo, nós temos a sucessão, no momento em que nós temos o tempo, nós temos exatamente um momento, após momento. A sucessão é justamente um momento após momento. No momento em que nós temos o tempo, nós temos o processo, no momento em que nós temos o processo, nós temos a mudança. Nós temos a modificação, no momento em que temos o processo, nós temos o desenvolvimento.</p> <p>[...] Aos poucos, desde Gregoar, ou antes de Gregoar, RemonGregoar, antes mesmo de Gregoar já se via combatendo esta anatomia cadavérica, porque era uma anatomia puramente espacial, porque de fato se é espacial é uma anatomia de somação. Eu estou estabelecendo uma relação entre o exemplo que eu dei do montico de areia e o cadáver, então passa a ser o cadáver para estudos</p>

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
14	0	0	<p>anatômicos, passa a ser uma um elemento que nos traz uma anatomia de somação. Olhe, já fizemos, já demos o exemplo montico de areia, e com cadáver? Claro, na anatomia de somação, se nós serrarmos o braço do cadáver em três ou quatro pedaços, nós podemos separar e depois podemos ir juntando, podemos ir somando e não passamos disso. Agora vejamos a diferença de uma anatomia mais moderna é chamada anatomia viva, a anatomia de somação está puramente no espaço, eu quero chamar atenção que não estou me afastando do tema, que é o tempo, mas ninguém pode falar no tempo, sem falar no espaço, então a anatomia de somação é puramente de espaço.[...] Nas teorias das estruturas nós temos a relação entre o ponto e o todo, uma estrutura é aquilo que quando varia o ponto, varia o todo. Ora, conseqüentemente a recíproca é altamente verdadeira, verdadeira variando um ponto, varia o todo. Oh, na teoria das estruturas, variando um ponto, varia o todo, então nós vemos que essa teoria é aplicável ao corpo humano. [...] Agora vamos estabelecer uma relação entre essa variação do ponto com a variação do todo, teria de estrutura, realmente nessa teoria de estrutura que se baseia a anatomia moderna, vamos estabelecer uma relação com a somação, já chamamos a atenção anteriormente. Ora somação, junção de partes, então se temos um montico de areia tanto faz tirar um grão, vinte grãos ou trinta grãos, a areia continua da mesma maneira não há modificação do todo.</p>
01	0	01	<p>Dentro do espaço, nós temos apenas, o corpo, a forma e a sua magnitude. Isso é o domínio da física de maneira geral, mas como dizia, depois entrou o tempo, quando entrou o tempo, entrou uns cálculos. Portanto, uns cálculos dos deslocamentos, das distâncias, deslocamentos das matérias e das distâncias. São os cálculos da mecânica.</p>
02	0	02	<p>Bem, mas acontece o seguinte, a impressão que se tem é que o verão é a estação muito seca, o inverno uma estação muito chuvosa, a primavera que é uma estação das flores, entendeu? Naturalmente com o sol brilhando, o outono, mais ou menos da mesma maneira que é quando as árvores perdem as suas folhas etc. Mas não é nada disso, nós temos chuva no verão, pelo menos aqui na Bahia, sol no inverno e não temos uma distinção muito grande de primavera para outono.</p>
03	0	03	<p>Mais de 100 mil planetas que há possibilidade de vida, agora, sempre se exagera que essas vidas extraterrenas são indivíduos mais inteligentes do que o homem aqui da terra. Eu aceito, mas nem todas, se há tanta vida por aí a fora, é claro que, há vidas mais inteligentes e menos inteligentes. Existe também inteligências rudimentares. Isso não temos qualquer dúvida, mas de qualquer maneira, são coisas que fica assim em suspenso, e não se tem uma confiança, uma segurança muito grande nessas declarações, nessas afirmações, embora o documentário fosse, um documentário muito bom, muito perfeito, o melhor que eu já vi, porque eu conheci o livro, mas eu vi o documentário, digamos assim, ao vivo. Aquilo foi feito de avião, ah e me impressionou bastante, mas com tudo isso, ainda preciso de qualquer coisa que é para chegarmos numa conclusão muito segura sobre se há vida extraterrena ou não.</p>

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
03	0	03	Eles dão sempre nomes de animais, agora é certo, nós temos essas reuniões esses conglomerados de estrelas que formam as constelações, mas há uma coisa muito mais séria nesse universo a fora, são tais galáxias. E as galáxias é um cortejo muito grande de astros, tendo um central, tendo um dominador, como nós temos o nosso sistema solar. Então há vários sois por aí, há várias galáxias e nós não sabemos afinal de contas, olha só a questão de tempo e espaço, a final de contas nós não sabemos onde estamos, nem para onde vamos. Tudo isso se movimenta, não há nada parado. O mundo consiste em movimento.
04	0	04	Não, não, não tem pelo seguinte, por causa do movimento, aí já se vem a coisa toda relativa, por causa da posição relativa com a terra e com o sol, de sorte que durante o dia nós não podemos vê-la, entendeu? Mas durante a noite ela reflete a luz do sol. Agora de acordo com a posição dela, a terra e o sol, nós temos quartos, a lua mais cheia, a lua minguante, o quarto crescente, que cheia quarto minguante, em seguida quarto crescente. São fases de transição da lua cheia paraaa para lua minguante. De sorte que isso depende da posição da terra e da posição do sol, mas às vezes nós vemos que há uma interposição, interposição, de acordo com essa interposição, nós temos o fenômeno do eclipse.
01	0	01	A parte correspondente a aurora que é justamente o momento que nós começamos a perceber os primeiros raios do sol.

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 241 original 206. INFORMANTE 206. TEMAS: Tempo. DATA: 22/09/76. DÉCADA: 70.			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: mulher • Faixa Etária 1 • NÓS • A GENTE
01	0	01	Realmente o horário da enfermagem é ruim, porque temos 8h corridas e para uma dona de casa que exerce, de 7h horas, não, mas você tem o horário fixo. De 7h até às 4h ou às 16h, tem 1h de intervalo, é duro.
0	02	02	Não tenha dúvida que em termo de tempo, o amanhã é o hoje de cada um. Entendeu como é? A gente faz hoje, pelo menos em termo de consciência, existem outros fatores que não dependem do homem. Em termo de consciência, o que a gente faz hoje comumente é o alicerce do amanhã.
01	04	05	Eles sabem se já passou da meia-noite, se é antes da meia-noite, a observação do homem é um negócio incrível. O indivíduo pode ser um leigo, mas a observação do homem é um negócio, ele sabe, sabe perfeitamente, sabe perfeitamente. Eu acho espetacular, e a gente não atina nesses pequenos detalhes, mas eles atinam e atinam bem. O horário é de acordo com o mar, de acordo com o vento, eles sabem o horário. Não é só problema de localização com o mar, com as estrelas etc É tempo, o horário, Nós devemos estar mais ou menos neste horário. Porque no nosso tempo assim, a gente já se acostumou a tal ponto com as horas que a gente calcula estar em torno de 3h ou 4h, mas a gente calcula , sobretudo pelas atividades que desenvolve, mas eles não é pelo local que está.

LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 125. INFORMANTE 151. TEMAS: Vida social. Diversões. Data: 14.03.1975. DÉCADA:70.			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: mulher • Faixa Etária 1 • NÓS • A GENTE
OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	02	02	[...]Quando é uma pessoa, assim, que a gente tem mais respeito, geralmente, a gente diz “Como vai o Senhor? “Como está?”
01	02	03	Bom, se é uma ausência prolongada, mas de alguém que a gente quer ver , a gente diz que “Tomara que nos vejamos em breve”. Se não, é um “Até mais”.
01	0	01	Bom, há termos prefixados, que normalmente eu não tenho necessidade de usar e o único padre, assim, que eu falo, que tenho amizade e intimidade é, assim, muito liberal e de jeito nenhum nós o enxergamos como padre; então, o tratamento não difere dos demais.
01	0	01	Bom. Há o clássico “Parabéns”, há...como é que se diz, expressões como: “Infelizmente ficou ma... ficamos mais velho um ano” ou Você ficou...” ou coisas assim, “Bom, gostaria que não lembrasse da data, em termos de ser mais um ano, mas me lembrei”, coisas desse tipo.
04	0	04	...quando criança, todos de minha casa aprenderam um instrumento. Nós éramos quatro, quer dizer, atualmente somos cinco, e, então...Bom, o quinto foi o único que nunca aprendeu nenhum instrumento musical. [...] Não foi, assim, uma experiência que tivesse partido de nós, quer dizer, foi uma vanta...uma vontade de meus pais, e, como é evidente, nenhum de nós seguiu a carreira, ou mesmo abandonamos sem mesmo termos construí...eh...concluído.[...] Mas, por outras cir...questões, todos nós deixamos . Bom, eu pessoalmente não acho que tivesse grandes aptidões, mas gosto, aprecio e, realmente, o instrumento que eu acho mais bonito é o violino.
01	0	01	Hum. Bom, eu acho dançar uma das boas coisas que nós temos , assim, a oportunidade de fazer [...].
01	0	01	Vamos às lojas, às butiques, aos supermercados, às vezes em butiques, mas não essas butiques registradas, quer dizer, pessoas que vendem em casa mesmo. Creio que só.
02	0	02	Outro jogo que envolve animais é um quarteto, que pode ser de animais. Eu tive um sobre os compositores e que era super difícil nós dizemos aqueles nomes todos, quando nós nem falávamos português correto, imagine dizer os nomes em alemão; mas existe com animais. Que me lembre, só.

LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 256. INFORMANTE 332. TEMAS: Sindicatos. Clima. Data: 04/11/76. DÉCADA: 70.			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: mulher • Faixa Etária: 1 • NÓS • A GENTE
OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
01	01	02	Nós só valorizamos assim tanto o veraneio, porque há férias escolares, de outro modo você poderia tirar férias quase que o ano todo e gozar desse...principalmente aqui, a gente fala mais em relação ao clima de Salvador é mais...completamente diferente se fosse em São Paulo ou mesmo no Rio.
02	0	02	Enquanto no verão, aqui no Brasil, nós não atentamos muito porque nós não trocamos de moda neste sentido durante... no verão americano, eu digo americano, porque é onde eu tive experiência maior, há necessidade de usar roupas floridas.
02	0	02	Acho muito bonito o fim da tarde, se houver sol, se tiver um clima, um dia nublado, por exemplo, acho muito melancólico, muito triste, até depressivo, mas o mais comum é nós termos um dia bonito desde o amanhecer até o anoitecer. Aquela chuva que nós chamamos aqui de chuva miúda, aquela chuva intermitente, aquilo é tremendamente desagradável.
01	0	01	Dos que nós usamos, sei o pluviômetro e o psiquitrômetro.

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
<p>LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 159. INFORMANTE 203. TEMAS: O VESTUÁRIO. DATA: 11/06/1975. DÉCADA: 70.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Gênero: mulher • Faixa Etária 3 • NÓS • A GENTE 			
02	0	02	Eu ainda me lembro, quando eu era bem menina e que nós precisávamos de um médico e ele aparecia em minha casa, em nossa casa, assim... era casaca que usavam naquele tempo, imagine, em plena rua, em pleno dia. (rindo) E nós achávamos aquilo tão natural, nem...Hoje, é...quando eu penso, assim, é que acho aquilo (inint) esquisita, né?
0	01	01	[...] porque a minha roupa dura, eu não saio muito. Então, quando a gente faz uma roupa ou compra uma tecido, assim, muito <i>up-to-date</i> . (rindo)
0	01	01	...e então, aquilo fica visto, e a gente não pode conservar aquela roupa. Eu gosto de tudo muito discreto; pode ser um listado, pode ser um quadriculado, pode ser um estampado, pode uma fazenda lisa, contanto que seja uma cor discreta, não...
01	0	01	Mas impraticável hoje, porque não se encontra quem conserve uma roupa, isto é, quem lave e passe bem; então, não é mais prático. Temos que ir pro tergal, pra...pra esses tecidos sintéticos, né?
01	0	01	Mas, se eu vou falar com uma lavadeira, eu digo: “Olha o terno do doutor fulano, etc”, (rindo) porque, muitas vezes, se disser duque, elas não sabem do que nós estamos falando.
01	0	01	Bom, nós temos a camisa social, a camisa esporte e a camiseta, não é, que eles usam, às vezes, por baixo da... da... da camisa social.
01	0	01	Ah, o material variava muito; podia ser de ouro, alguns até eram cravejados, tinha... u... u... Nós conhecemos , há muito tempo, um... uma família mesmo... os senhores que usavam botões de punho com algumas pedras preciosas até.
02	0	02	É, para cerimônias. Essa parte da frente, esse peitilho, vamos dizer, era pregueado, ou então de fustão e, se nós voltarmos ao século passado, teríamos cola...ah.. Como é que chama? O que foi que eu falei? [...].
01	0	01	Agora, nós podemos ter eclair ou aquele fechozinho magnético [...].
01	0	01	Eles variam de comprimento: em geral eles são folgados, mangas relativamente largas, independentes da moda, porque nós estamos usando m... mangas largas, mas por uma questão somente de... de moda.

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	CONTEXTOS
NÓS	A GENTE		
0	01	01	É, acredito. É mesmo. A figura do pianista, a gente vendo assim por aí... o fraque eu não achava bonito, acho a casaca mais alinhada.
0	01	01	[...] o smoking é bonito preto, né, não sei se é porque a gente já se habituou com aquela imagem do smoking preto.
01	0	01	E a mulher, cham... nós chamamos um casaco ou mantô, né? Antigamente, quando eu era menina, se chamava capote. (rindo)
02	0	02	Então, na hora de colocar na cabeça, nós desfazemos as pregas, pela parte do meio, colocamos na cabeça. Aquilo é transparente, protege muito o cabelo.
01	0	01	O mais comum é o chapéu. E agora nós vamos retornando à moda do boné. (risos)
01	0	01	[...] é um chapéu pequeno, feito, de uma maneira geral, de um...uma série de pedacinhos de pano, todos iguais, que são unidos todos no centro, onde se coloca um botão, agora, na superfície externa, então, nós colocamos uma... uma parte em forma de meia-lua.
0	02	02	Agora mesmo, eu trago, na minha bolsa, um guarda-chuva muito bonzinho, muito funcional, enquanto ele está dentro da bolsa. Mas, quando começa a chover. (risos) Daqui que se desdobre tudo aquilo... Ele vira um pedaço pelo avesso e a gente luta, se molha . (rindo)
0	01	01	Não sei. É um... um... uma partezinha metálica aí que a gente calça [...].

LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 356 INFORMANTE 452 TEMAS: Comércio exterior. Política nacional. DATA: 25/07/1978. DÉCADA: 70.			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: mulher • Faixa Etária 3 • NÓS • A GENTE
OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	01	01	Bom, (superp) a gente ouve falar muito no cacau [...].
0	04	04	[...] ouve falar no café, então... a gente ouve falar no petróleo também. Agora, o cacau é o assunto... geralmente, assunto do dia. E você falou aí que a gente associar isso com Serviço Social é difícil. De fato é difícil, se a gente considerar apenas o produto cacau; mas não é difícil se a gente considerar os que trabalham para a produção do cacau [...].
0	01	01	[...] Então, há também aspectos sócias aí, que a gente também poderia considerar.
0	02	02	Bom, a gente fala de gêneros de primeira necessidade; atualmente mesmo a carne, não é, se fala tanto, na...na importação; artigos de luxo, também [...].
0	01	01	Bom, a gente sente que há contaminação, não é? As praias...por exemplo, voltando a Madre de Deus, que foi onde estive, as praias contaminadas, não é, deixando de ser um prazer se permanecer lá, porque se saía com as marcas de petróleo, né?
02	0	02	Mesmo agora com todo esse progresso, com as indústrias que estão sendo implantadas...então, se vê muito a importação de pessoal qualificado, porque nós não temos [...].
0	01	01	Bom, tem os problemas com a alfândega, né, os problemas, também, de seleção do material que se vem t... trazer, da quantidade [...].
01	0	01	Vamos ficar pelo Brasil. (rindo) (superp)
04	01	05	[...] o que não é específico do Brasil, também de outros países, mas que, infelizmente, ainda não chegamos a isso, a uma estrutura, embora tenhamos um regime democrático, tenhamos liberdade, tenhamos muitas outras compensações que países totalitários não têm, mas que a gente sente que ainda precisa um conjunto de coisas para que se chegue, realmente, a desfrutar esse bem-estar, que só uma estrutura democrática pode dar, independente de o... do regime ser democrático ou ser monárquico, não é?
01	0	01	É, nós temos um Poder Executivo, o Poder Legislativos e o Poder Judiciário, não é?
0	02	02	[...] imprensa, falada e escrita, dos comícios em praça pública, que já houve muitos, não é, das promessas (risos) e ouço dizer, não tive vivência, mas a gente lê e ouve falar , no interior, as dissidências que separam muitas vezes até famílias inteiras, não é?

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	01	01	A gente sente que os preços sobrem dia a dia, não é? Os supermercados, as remarcações são constantes, diárias. Os transportes aumentando os custos, mas sem melhoria [...].
0	01	01	...não é? Então, a gente vê que é um custo de vida onde o... a pessoa que está numa faixa de salário mínimo, ou abaixo desse mínimo, é um heroísmo viver.
0	03	03	Então, a gente sente isso, a gente sente que, realmente, há muito poucos gozando de uma vida [...]Então, a gente sente esse desnível, principalmente quem trabalha, assim, nos bastidores da vida.
01	0	01	Trabalhamos, e.. e as consequências de tudo isso, o grande número de crianças deficientes mentais, como consequência da subnutrição, que é uma das consequências.
0	01	01	Está muito ligada à subnutrição, embora a deficiência visual também esteja; mas, de uma maneira mais dominante, a gente sente isso.
01	0	01	[...] É um trabalho que se vem começando d'agora, de setenta e cinco, setenta e seis...vem se começando a fazer mas nós ainda não temos... não existe um censo de excepcionais entre nós.
01	0	01	[...] porque nós não sabemos, assim, precisamente, quantos deficientes mentais existem no Brasil, nem quantos deficientes visuais – tudo é por estimativa, né --, quantos deficientes auditivos.
01	0	01	...da subnutrição, um problema de nível de vida, mesmo. Nós tivemos – foi há dois anos atrás– também uma aluna...eh...a família não tinha realmente habitação, e eles também não podiam comprar o café, que é muito caro, não é, e se alimentavam de infusões, que eles iam [...].
01	0	01	Sim. Nós temos uma seção de educação de excepcionais, onde funcionam classes especiais nas escolas públicas para crianças deficientes mentais e classes...as classes regulares, que são freqüentadas por crianças deficientes visuais, porque elas podem, perfeitamente, acompanhar, desde que uma professora, num serviço itinerante, ela transcreva para o Braille a ... os... as leituras, os deveres [...].
01	0	01	[...] Então, nós podemos imaginar como essas crianças vivem. E os colegas também já vão chamando assim, porque já ouvem... ouvem as conversas de alguns professores.
01	0	01	É. A começar pela rejeição dos próprios pais, não é, maioria dos pais, e aí em qualquer escala, porque nós atendemos de qualquer nível social.
0	01	01	A gente nota aqueles que realmente são ignorantes e que não sabem o que o filho tem, acham que é preguiçoso, que não quer nada, etc [...].
0	01	01	Ah, bom (superp) isso a gente sente. Pelos encaminhamentos [...].
02	0	02	Sim. (superp) O Estado mantém, e nós temos, na comunidade...eh...estabelecimentos que oferecem. Os Salesianos, por exemplo, nós estamos lá com trinta e quatro alunos, a maioria deficientes mentais e outros deficientes auditivos.
01	0	01	[...] Eles estão trabalhando, e é justamente a deficiência que está... eh... que t... contando com mais recursos, porque temos, no SENAI, um Serviço de Adaptação Profissional de Cegos.

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
01	0	01	Então, (superp) já temos vários trabalhando na indústria, com a sua vida normalizada, dentro dos padrões de...uns de salário mínim... mínimo, outros um pouco acima do salário mínimo.
01	0	01	E além da indústria, nós já estamos com alguns frequentando as faculdades... oh... no próprio SENAI, um fez... foi o primeiro cego brasileiro que fez o curso de eletricidade [...].
01	0	01	Temos na... eh... Escola Eletromecânica... eh... com computadores eletrônicos, como telefonistas [...].

LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 320. INFORMANTE 404. TEMAS: Instituições. O ensino. DATA: 26/10/77. DÉCADA: 70.			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: mulher • Faixa Etária 3 • NÓS • A GENTE
OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	01	01	Porque tudo sem porta, o... o SOE mesmo não tem porta, (risos) os armários tinham cadeados, roubaram os cadeados; não se pode deixar nada de... assim... de responsabilidade, a gente tem que levar e trazer pra... lá pra casa e trazer.
01	0	01	Nós pedimos o livro e uma pessoa encarregada, que não tem profess... não tem bibliotecária, mas tem aquelas pessoas encarregadas que trabalham na biblioteca; elas então dizem o... são os armários.
0	01	01	Ela diz, por exemplo, se eu vou procurar um livro de história, ela diz: “ Naquela estante ali.” Agora, a gente ali é que procura o livro.
0	01	01	[...] A pessoa quer um livro de história, ela vem: “ Na estante de história”; agora, a gente é que vai procurar, ver, tudo isso, não tem um serviço de biblioteca, assim, completa, não tem. (superp)
0	01	01	Normal? Geralmente a gente preenche, assim, uma ficha, né, e ali, de acordo com a ficha...nos entregam o livro; vão procurar e nos entregam o livro em mão.
01	0	01	Nós apresentamos a identidade [...].
02	0	02	[...] recebemos o livro em mão e depois devolvemos através de uma ficha.

Década de 90

LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 006/N. INFORMANTE 027. TEMAS: Educação. DATA: 16/10/98. DÉCADA: 90.			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: homem • Faixa Etária 1 • NÓS • A GENTE
OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	01	01	Hum, hum. Não, achou bastante, não é? Em relação a... eh... a forma de diversão, não é? O que a criança, hoje, os valores que as crianças hoje, têm. Eh... a influência da mídia que totalmente da... da minha fase, a gente já vê uma diferença grande em relação ao tipo de... de brincadeira, em relação... esse tipo de coisa, não é? Que com o tempo veio... tá? Alterou, alterou bastante.
0	02	02	É, na minha época era mais assim...era mais na rua, era mais livre, eh... a gente criava mais as nossas brincadeiras, não é? Hoje em dia tem mais vídeo game, tem mais coisas relacionadas com o que a televisão mostra, não é? Na minha época era muito assim... na minha época era para jogar bola, era mais, a gente criava mais as nossas brincadeiras, não é? Era coisa mais livre, era coisa...de ter mais contato, não é? Hoje a coisas é mais controlada, coisa mais... tudo vai eh... leva do para ter o "lance" da informática também o surgimento da informática, não é? A pessoa fica muito... muito limitado, assim...
0	01	01	A gente brincava até tarde, até tarde sim, não é?
0	06	06	Não, eh... nunca teve essa (inint) para gente, claro eles tinham os valores, não é? Mas não, em termos de rigor, não. Eles sempre foram...o rigor lá deles em relação a estudo, mas tanto eu, como meus irmãos, a gente sempre soube aproveitar a oportunidade que meus pais deram a gente estudar , não é? Sempre estudou em colégio particular, sempre teve todo um acompanhamento mesmo, não é? Uma relação não que a gente precisava em termos de estudo, e o rigor maior deles é em relação a isso, não é? Eles sempre eh... quiseram que a gente estudasse , chegasse a faculdade e a gente nunca deu trabalho em relação a estudo.
0	02	02	Cobrar, eu acho que cobrava o... necessário. e como a gente nunca deu trabalho para estudar, então a medida que o tempo foi passando eles foram relaxando mais, não é? Tanto eu, como minha irmã, como meu irmão, sempre soube da responsabilidade de ter que estudar mesmo. E estudar na hora certa, brincar na hora certa, a gente nunca teve problema quanto a isso não. Então no início meus pais eram bastante rigorosos quanto a isso, não é? Mas com o tempo.

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	02	02	Eh...não, não. Nunca insistiu, não. E a gente sempre gostou também do colégio que a gente estudou, não é? Sempre foi uma relação muito boa em relação a isso, não é?
0	01	01	Mercês. Quer dizer, meu irmão estudou no co...nas mercês até...nossa até o ginásio, até acho que a quinta, quarta-série, não estou bem lembrado, depois foi para o Colégio Militar e aí passou o resto do...até o segundo grau no Colégio Militar. Agora, eu e minha irmã, não. A gente sempre estudou nas Mercês. A vida toda, não é? Eu acho que isso também é bom, isso é interessante para a formação da pessoa, eu acho. Que você estando em um colégio a vida toda.
0	04	04	Não, não. Não eram frequentes não, era mais quando a gente brigava, entre a gente, não é? Que meu irmão era mais velho, então ele gostava... principalmente quando ele foi para o colégio Militar, então se achou o máximo, não é? Então eu gostava muito de dominar, não é? E ele nunca foi de se deixar ser dominado, então a gente brincava, brincava muito, assim. Mas geralmente, por causa de... de jogo. A gente ia brincar de alguma coisa, aí acabava em discussão e tal.
0	01	01	Não, não, não. Tomei boas surras, mas eh... mas nada que chegasse a traumatizar a cabeça, não. Que a gente também, aprontava.
0	02	02	Para assim... meus pais no caso para...Não, não, não. A gente mereceu, a gente mereceu.
0	01	01	Em relação a ...a professor, não é? A...a metodologia, dedicação. Mas a gente já sabe que é assim, não é? Infelizmente, principalmente no final. É...eu estou falando meu curso, não é?
0	02	02	Nem por meu, nem pela minha mãe. É um ponto que eu vejo falho na educação deles em relação a gente, mas isso a gente vai puxando, vai descobrindo, da criação que eles tiveram dos avós.
0	01	01	Eu acho que sim. Acho que é verdadeiro, porque tudo que...que leva a criança a uma atividade saudável, no caso...no caso ai do esporte, eu acho que é positivo para...para afastar desse... desse mundo de drogas. Apesar de que, a gente sabe também que vários fatores colaboram para isso, não é? Sabe que é importante, ajuda, mas se não tiver toda uma formação por trás [...].
0	01	01	De que a gente tinha que lê, que... para escrever melhor, para entender melhor.

LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 009/N. INFORMANTE 037. TEMAS: Infância. DATA: 29/10/98. DÉCADA: 90.			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: homem • Faixa Etária 1 • ■ NÓS • ■ A GENTE
OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	02	02	Bom. Eu sou filho único com minha mãe, com meu pai eu tenho mais alguns irmãos, mas eu não tenho nenhum tipo de aproximação, assim com meus irmãos, assim uma coisa mesmo muito formal, a gente se fala por telefone, mas não tem nenhum relacionamento realmente fraterno.
01	0	01	Porque nós não vivemos juntos.
0	02	02	Olhe. O controle, como eu já disse, eu... eu era assim muito responsável, então assim, as...as regras estabelecidas eram... são... eram regras, eh... eh... do tipo, você deve chegar às 8:00h, e eu chegava às 8:00h, você deve chegar às 10:00h, e eu chegava às 10:00h, então essas coisas assim, essas...essas regras que eram estabelecidas eu procurava cumprir, então eu tinha essa responsabilidade, talvez por isso, assim, às vezes a gente eh... eh... termina extrapolando , fugindo a regra e é penalizado .
0	02	02	Amadurecidas, não é? E eu acho que estão realmente amadurecidas até, até porque a gente tem observado que eh... de certa forma o produto que se tem feito para...para a criança, principalmente pela televisão é produto que não é o mesmo, que... que a gente consumia , eh... na minha época, não é?
0	05	05	Olha, as brincadeiras, a gente procurava, valorizava o coletivo, não é? A gente tinha umas brincadeiras realmente, eh... ciranda cirandinha, a gente brincava de corda, a gente brincava eh... eh... de esconde-esconde, essas brincadeiras que eu realmente não tenho observado se elas ainda existem, mas eu não vejo ninguém brincar, nem comentar sobre, não é?
0	01	01	[...] E hoje não, hoje a gente sente que até a violência social, assim eu... eu falo porque hoje você sente ameaçada a toda hora não é?
0	01	01	É. Cheguei a conhecer a praça da Piedade, cheguei eh... eh... hoje vejo a praça da Piedade com gradio, hoje eu tenho até assim umas sérias críticas a isso, por causa, por causa que a gente não consegue compreender, um espaço, uma extensão do espaço numa praça com grade.
0	03	03	Essas praças, elas passam a ser a... a... utilizada por um outro perfil, uma outra leva, não é? A gente tem o ... é... os mendigos, tem os meninos de rua, e tem os... os vagabundos de uma forma geral, não é?

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	01	01	Os desocupados, então, aí isso aí, gera de uma certa forma esse público que passa a utilizar a praça, é um público diferente do que do... do público original. Ele não tem a mais preocupação, Enem a preocupação na manutenção dessa praças, não é? Então o que acontece, a gente passa a ter, eh... eh... uma praça que começa a se degradar normalmente, aí existe uma coisa do... do reinvestimento do... do setor público, não é?
01	02	03	Ela passa... ela passa a não existir, um exemplo disso está a praça eh... defronte ao Iguatemi, que ao que me parece, aquela praça defronte ao Iguatemi é uma sobra do tecido... do tecido viário, não é? Do tecido urbano, aquele... do sistema viário que foi feito ali, a...aquela sobra de terreno, então o pessoal aproveitou, vamos fazer aqui uma praça que a gente não vê ocupada, nenhum momento a gente vê aquela praça ocupada.
0	01	01	Qualquer hora despenca um carro ali na sua cabeça, então tem esse fator também, não é? Aí a gente faz esse questionamento, será que essa praça realmente, ela tem cabimento de estar ali?
0	01	01	[...] Hoje eu... eu mais tímido fico assim, surpreendido com... com as coisas que estão acontecendo aí com as escolas públicas é realmente assim é lamentável, mas na minha época eu tenho hoje amigos meus, também saíram do ICEIA e estão eh...eh..., a pouco eu falava como um que a gente sempre mantém contato, que está prestes a ser um engenheiro elétrico, eu tenho uma amiga que ela está fazendo Direito na Universidade Católica [...].
0	01	01	Que eu tive essa experiência de ensinar, estive em contato com alunos de 7ª e 8ª série e...assim, eles tinham poucas informações, pouco conhecimento, de todas as áreas e olhe que eu conversava sobre isso na sala de aula e vi realmente que é assim a dificuldade, a gente sabe eu a... existe assim, a coisa da base, não é?
0	02	02	Eu acho que eh...eh...um problema, assim de todos, não é? Existe problema do governo, a gente fala aqui sabe que o investimento do governo na construção, e revitalização do espaço da escola, mas não há nenhum investimento na área humana, a gente sabe que os professores eles realmente das escolas públicas eles são destratados.
0	01	01	Gostei também do trabalho de Getúlio Vargas, e é assim existia a... no Getúlio Vargas a atividade da leitura também, a gente... a gente ia para a biblioteca um dia pelos menos na semana para ler um livro de Monteiro Lobato fazer alguma coisa, era uma coisa assim que realmente fascinava, tinha atividades culturais importantes, não é?
0	04	04	A gente se discutia , na nossa época a gente discutia muita política, a gente discutia muito sobre poesia, sobre cultura de uma forma geral, sobre teatro, sobre a própria educação, a gente era (inint) era muita informação, não é?

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	06	06	[...] Os meus colegas a gente não citava , nem com a naturalidade que se tem hoje, não se... se citava maconha, por exemplo, a gente não ouvia falar de maconha, sabia que existia dentro da escola, sabia que (inint) mas não era tão natural quanto é hoje, assim eh, fulano é maconheiro, fulano é maconheiro, eu acho que até esse conceito de... de maconheiro tem se difundido assim tão depressa, que ... que qualquer dia desse a gente vai está achando que é... que é super normal.
0	01	01	[...] Na minha faculdade, que é o que eu posso falar, as... só falta realmente o teto cair em cima da cabeça da gente, isso eu estou falando a nível que realmente do espaço físico, não é? Fora os problemas que a gente já sabe , que é a fuga dos professores bons, dos professores mestres, dos professores doutores, do grupo docente, não se existe mais é um sujeito assim eh... raro na universidade.
0	01	01	Bom. A gente, a gente ainda ontem discutia sobre isso numa aula de prática (inint), que país, aliás quando eu digo o mundo inteiro tem passado assim, por problemas terríveis.
0	02	02	Realmente, você a pós-graduação para quem é professor universitário, ela realmente ela é mais facilitada, a gente sabe que eh... existem essas facilidades, mas a gente sabe também que é complicado, você sabe, o professor universitário ele também tem que se destacar.

LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 019/N. INFORMANTE H1. TEMAS: Profissões. DATA: 16/01/01. DÉCADA: 90.		<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: homem • Faixa Etária 1 • NÓS • A GENTE 	
OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
02	0	02	Da área de Comunicação temos o Jornalista que passa a informação, temos o publicitário que publi... é... que faz publicidade.
01	0	01	É, vamos imaginar a Fonte Nova aqui é. Essa proximidade com o Dique, com a Vila Olímpica é... com o Tororó ali perto, com a quantidade que tem, que tem a ladeira que o metrô ta fazendo próximo da Fonte Nova.
02	0	02	Vamos chegar lá nos profissionais. Vamos chegar nos jogadores de futebol, nos, nos técnicos, nos preparadores físicos, nos gandulas, nos seguranças, o pessoal da limpeza que fica ali fazendo a manutenção do estádio, o pessoal que fica é... fazendo a manutenção do gramado, da, o material d abola, da chuteira, sei lá, que dão suporte ao jogo, os policiais que fazem a proteção do juiz e impede que as torcidas eh [...].
0	01	01	A gente chega a uma que nem sei falar muito sobre isso, porque primeiro que nunca coloquei meu sapato pra consertar, só sei comprar, acabou eu jogo fora.
0	01	01	Eu não sei, porque eu não vou em alfaiate assim, não sei, não tenho esse costume de, de...nunca procurei costureiro ou costureira. Se há diferença, deve existir, não é, de que a gente constituiu aquela imagem de costureira, do alfaiate, aquele homem não muito contrigentes assim tanto costureiro ou costureira, aquelas pessoas assim que quando eu via dez anos devia [...].
0	01	01	Não, eu... a gente falou antes de, da... Eu fui falando dos instrumentos, pra que serviam e você não entendeu o que eu falei, agora deu uma embolada.
0	01	01	Quem vende a carne, a gente diz açougueiro, mas... é açougueiro que vende, o balconista que, que ta ali que é o que, mas não tem nenhuma útil que vai atender que corte aquele, um, um cara sem prática.
0	01	01	É , na verdade, a gente fala corretor assim, se eu fosse comprar eu não procuraria um corretor. Eu procuraria no jornal e verificaria o que ia fazer, caso eu não abrisse o jornal seria me orientar nas opções e forma de pagamento e condições físicas do, do imóvel, mas eu não sei se corretor seria uma boa ajuda, porque você tem que considerar que ele recebe pra vender aquilo ali, então ele não ta te ajudando, ele ta, ele ta querendo ganhar em cima de você, então não tem porque eu procurar um corretor que ta ganhando pra (inint) alguma coisa que é bom pra ele, mas a pessoa tem que ter discernimento de escolher o que ele quer independente do que aquela pessoa ta querendo vender ou não.

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	01	01	É... é... a gente chega no carpinteiro, no marceneiro, no escultor. O que é que eles fazem? Você ia perguntar aí?
02	0	02	É, é... vamos falar do fazendeiro dono da, da... tem o vaqueiro, tem os animais, nós temos o fazendeiro, vaqueiro, veterinário que faz, veterinário que faz a... que faz não, que cuida da saúde dos animais.
01	0	01	[...] Falando em uma fazenda seria peões que fariam cercas açudes, colocariam fogo, fariam a manutenção da pastagem pra o alimento dos animais. Teríamos vaqueiro quem, é, é... que zela pelos animais, pelos bois, pelas vacas, os cavalos, tira o leite pra vender, pra fazer sei lá, queijo, doce, sei lá [...].
0	01	01	Há diferença. O que tem é assim tem fazendas, a gente fala assim é... pastagens e criação de animal e depois vai lá agricultura, criação de roças.
0	02	02	Não sei se teria um nome específico. A gente chama de, fazenda a gente chama de peão, na agricultura você chama de empregado rural ou alguma coisa assim.
01	01	02	Lembro, mas vamos falar de ônibus que é mais rápido, que eu pego todo dia ônibus. Navio, eu sei pouco de navio, a gente vai falar assim.

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 012-R. INFORMANTE 071. TEMAS: Terrenos. DATA: 19/06/1998. DÉCADA: 90.			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: homem • Faixa Etária 3 • NÓS • A GENTE
03	0	03	<p>Pois é, é um assunto complexo, muito grande, que compreende por sempre aspectos, sobretudo da Bahia, onde a história territorial da Bahia ainda não está escrita porque com essas dificuldades que nós temos em estabelecer a propriedade exata através da cadeia sucessória dos antigos donos determinados terrenos, isso não está definitivamente encerrado em Salvador. [...] Então por aí se vê que o tema de terrenos é muito complexo, ainda mais numa cidade que cresceu e se desenvolveu sem um cadastro territorial. Até hoje nós nos ressentimos de um cadastro, de um levantamento de propriedades, sejam elas rurais ou urbanas, e daí as dificuldades de fixar este, este ponto, não é, eu costumo sempre ensinar aos meus alunos que seria um passeio, quase que uma distração em consultar a história territorial do Brasil de Felisbelo Freire um grande autor brasileiro e por sinal sergipano [...] O problema territorial da, da prefeitura de Salvador é, é incontável a... a dificuldade que se enfrenta porque nós temos conhecimento de que antes de, de se constituir o município de Salvador alcançava até o litoral norte.</p>
01	0	01	<p>E isso aí ia dificultando o cadastramento das propriedades e... e até mesmo de escrever a história territorial da cidade de Salvador, porque a meu ver está completamente perdida a essa altura, né? Porque o que não é particular de forma terminantemente registrada nos cartórios de imóveis e hipotecas, no mais nós não sabemos onde é que começa a particular e termina o... o do poder público, seja ele prefeitura ou estado, né?</p>
02	0	02	<p>De alguma sorte é bom, mas nós temos também outras questões relacionadas com isso porque o desinteresse do estado pela sua área territorial levou, no caso do estado da Bahia, na região de Barreiras, Santa Maria da Vitória, Correntina, e... Formosa e Rio Preto, áreas de terra fértil aparentemente abandonadas mas propriedades do estado, e isto daí levou os estrangeiros, através de procuração passada para brasileiros, ocupassem essa área toda. Foi preciso o estado da Bahia, através do procurador geral, botou uma ação de anulação daquelas escrituras porque os estrangeiros estavam ocupando toda esta área aí, e em pouco tempo nós teríamos aqui um país estrangeiro aqui dentro, ou ao menos empresas poderosas que estavam atrás de minérios e também de... de área pra soja, não é?</p>

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	01	01	Essas ilhas ficavam aí sob o domínio dela e ela passava a escritura como proprietária da terra, porque depois do São Francisco, que aí a, o território todo da província continuava até encontrar o... a Serra do Espigão Mestre que separava a Bahia de Goiás, esta parte aí era devoluta, terra de quem chegasse primeiro, não é? Mas o estado chegou primeiro, pela lei de 1850 o governo fê, o governo imperial determinou que as terras do além São Francisco eram propriedade do, do, estado, ou seja, do império, respeitando os limites do Conde da Ponte e da Casa da Torre, que também tinham suas terras quase próximas ao estado de Sergipe hoje, vinha pelo litoral norte da Bahia 36 léguas de terra, a começar na Praça da Ponte que a gente chama da Mariquita aqui em Salvador.
02	0	02	Salvador nasceu ao deus dará, assim naturalmente, não é? E o crescimento de Salvador, é, se pode fixar de, de... duas décadas Salvador era uma cidade estacionária nos seus limites e quase conhecidos por todos nós, que nascemos aqui e acompanhamos a história dela e tudo mais, e o surto de crescimento fez-se todo no sentido do... do Litoral Norte.
01	01	02	É, as nossas ladeiras constituem um patrimônio não só histórico, como também cultural e folclórico, não é? Nas ladeiras de Salvador, conquistamos praticamente todas as histórias (inint) por Jorge Amado e todos os escritores que, que escrevessem o povo da Bahia, não é? O soteropolitano, não é? Que é também um povo inconfundível. Eu costumo até dizer aos meus alunos que eu distingo três situações do povo da Bahia, né? A baianidade, a baianitude e a baianada. A baianidade é o modo de ser baiano, inconfundível: o modo de ser, de agir, de pensar, de se expressar, de traduzir os sentimentos. O outro é a baianitude, a baianitude é esta admirável dádiva de Deus, que dá aos baianos uma inteligência fantástica que só a gente vê nos Mangabeiras, né? Vê nos, nos, nos grandes nomes de Rui, de Castro Alves, nos nossos escritores, em suma, isso é baianitude, só na Bahia sabe fazer essas coisas. E tem a baianada, esta é a galhofa, é o povão. (superp)
04	01	05	Eu vejo, eu vejo a vegetação num estado de pedir socorro, está pedindo socorro, não é? Nós estamos devastando a Mata Atlântica. Aqui mesmo vocês estão na frente de um restinho da Mata Atlântica, esse bosque que já foi queimado três vezes, e que ainda está assim porque eu acabei tomando a frente, criei uma associação que a gente chama AMI (associação dos moradores do Itaipara) não é? E a AMI é que fiscaliza isso aí, criamos essa guaritas, isso tudo é pago por nós pra que tenhamos o nosso bosque preservado [...]. Quando nós comemoramos aqui a, a, a, os quatrocentos anos da, da descoberta da América foi feito uma, uma réplica da, da Santa Maria, a caravela onde Colombo esteve, não é? [...].
02	0	02	(superp/inint) Condição de tirar uma prancha ou prancha para construir uma caravela. Agora nós estamos construindo também três, ou vamos construir três caravelas pra comemorar o descobrimento com a madeira que vem do Pará, é o mogno do Pará, já está acabando, né? [...].

LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 14/R. INFORMANTE 230. TEMAS: O vestuário. DATA: 28/05/2000. DÉCADA: 90.			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: homem • Faixa Etária 3 • NÓS • A GENTE
OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
01	0	01	[...] Eu fico chocado, muitas vezes... na(s) repartições exigirem as pessoas entrarem com roupas mais pesadas... como se estivéssemos em países mais tem... de clima temperado.
02	0	02	[...] eh... (inint) bermudão, roupa mais leve e solta? Em todos os lugares aqui da Bahia. Você já pode ir hoje ao cinema , ao teatro... não digo a um... uma... não é... uma ... uma noite de gala do Castro Alves, mas já temos a sala do coro, temos o... a Concha Acústica, temos o Teatro Jorde Amado e vários outros... no Pelourinho já se vai completamente despojado, todos nós a... e as moças baianas acredito que pela sua sensualidade, mais do que todas sempre se vestiram adequadamente e elas que fo... e as que fazem mais sucesso é que dão mais idéias para a população em geral, essas... ao morarem fora da Bahia, colocam também outras partes do Brasil em contato com essa... com essa cultura baiana, com essa sensualidade do povo baiano.
01	0	01	Eu acho que podemos usar camisa de manga aqui em Salvador nos... nos períodos mais frescos, a noite para uma... não é... para uma... um acontecimento social mais... a rigor, um coquetel... um... uma vernissage, eu acho que se deve usar uma camisa adequada para isso aí.
01	01	02	Não. As pessoas vão nesses lugares assim mais... mais abertos com a roupa informal, mesmo que alguns se trajam com mais distinção... mas a gente nota que o povo baiano é bastante... eh... despojado... no... no, nesses termos de esse ... essa... particular.[...] Nós temos aqui confecções que fazem os modelitos e esses... às vezes... eh... se exporta muito e as pessoas querem copiar, né, as pessoas que visitam a Bahia querem copiar, acham muito interessante e... e... divertido.
0	01	01	[...] Eu noto no vídeo, por exemplo, eles se vestem para apresentar o vídeo, né... É uma L. W., se apresenta bem vestida com um “tailleurzinho”... é a G., G., e outros que a gente nota não profissionais que se vestem para exercer bem a sua função.
01	01	01	Sim. Tem por exemplo profissionais da área mecânica, da área de... de jardinagem... Hoje já se vê esses profissionais vestindo trajes adequados também para o trabalho... macações de algodão, tecidos fáceis de manter limpos, as...enfermeiras, enfermeiras eu já falei na área de saúde... no campo, por exemplo... nós vemos nos filmes que nos Estados Unidos, na Europa... os fazendeiros e as pessoas que trabalham no campo se vestem com aquelas jardineira, aqui não é comum, na Bahia principalmente, o traje adequado para se trabalhar no campo [...].

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
01	01	02	[...] na cana-de-açúcar, por exemplo, se nota que esse tipo de traje não dá certo... corta muito as pessoas, então eles se vestem... apesar do calor na zona da mata de Pernambuco...aqui na Bahia, no Recôncavo Baiano, no Rio, na região de Campos, todas as regiões... a gente nota o trabalhador todo bem vestido pra evitar os cortes da da folha de cana.[...] e hoje parece que todos os dias... e o <i>today</i> não sei o quê... esqueci agora o termo (risos)... é o <i>today</i> ... então, né, de segunda a sexta em muitas empresas já se usa como no vale do silício já se usa o a vestimenta que nós usamos aqui na Bahia [...].
02	0	02	No... no meio rural, pelo que eu vi no Recôncavo Baiano, dei aula em Cruz das Almas, dei aula em Feira de Santana e fora da Bahia também..das...dos cursos que fizemos , quer dizer, fizemos porque foi um grupo grande que foi em fazendas – escola como Campinas, Mogi Mirim, esses lugares em São Paulo são diferentes da Bahia.
01	0	01	A mulher era plissada, né, saia plissada, blusa branca de organdi, era muito... sempre bem engomada... minha mulher, por exemplo, tinha que colocar a saia dela todos os dias embaixo do colchão pra no outro dia estar sempre estiradinha, né? (inint)... ela estudou no Sophia Costa Pinto... não ela estudou no Instituto Feminino ainda existe (pausa), as artes deix´eu ver pensar aqui... (superp) com relação ao vestuário, vocês imaginem que nós não podemos confiar o que a história muitas vezes...nos passam.
04	0	04	Salvador é uma coisa que atrai as pessoas e a Bahia podia muito bem oferecer isso a seus turistas porque nós temos condições de transformar as praias até da orla daqui do centro da cidade em praias para turistas frequentar e a população naturalmente, não é, e são praias que vocês vêem que a população quando vai as praias em peso aos domingos, as praias...quase que você não consegue transitar, não é... pois Copacabana, com aquela largura toda de cem metros, tem dias também que você não consegue transitar, (vo)cê vê(r) como são as coisas, então Salvador precisa de alargar suas praias e nós temos o banco da panela que fica bem defronte ali do farol, não é? Um banco de areia que atrapalha a nagegação, inclusive todo o ...todo o marítima tem que conhecer pra entrar no porto de Salvador, senão ele encalha.[...] eu do(u) valor a certas pessoas que têm o idealismo de pensar mais no povo do que neste tipo de coisa, mas se você só pensar no povo, nós tivemos um exemplo, há pouco tempo de L. M., e eu fico muito sentido por isso, eu propus até a ela fazer isso pra...não só isso como também o sistema de transporte coletivo que não ficasse de ponto em ponto, parando toda hora que aquilo é massacrante, não é? [...] Paris é uma cidade de...que tem metrô a mais de cem anos, no entanto Paris é uma cidade moderna...então você vai querer uma cidade do Salvador, uma cidade...só porque (es)ta pensando na população de baixa renda? Essa população vai ter influência muito grande no turismo porque vai crescer a oportunidade de negócio, vai crescer e o movimento e o dinheiro vai circular mais...então Salvador tem sido prejudicada muito por causa disso...Então voltando...voltando ao traje, não foi, nós estávamos falando.

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
01	0	01	Falando de dinheiro, é, falamos que a prefeitura precisa investir muito porque tem organismo internacional querendo investir no Brasil e na Bahia principalmente. Nós falamos nisso, não é?
01	0	01	Você falou uma coisa... falou uma coisa aí que é comum se vê(r) isso... No tempo mais atrás, não é...num tempo mais atrás o comportamento definia o trajar, não é...o traje definia o comportamento...então o jovem rebelde se trajava daquela maneira agressiva porque ele tinha comportamento assim mesmo, mas hoje nós vemos que o traje não mais o que ver com essa, não é... proporcional ali direto a essa... a essa coisa do... da agressividade, do querer se comportar diferente, já o mais um... eu digo que já se incorporou até a nossa cultura, né, do brasileiro, né, a querer usar sempre aquilo que está na moda, que está diferente o que está agra...o que está chamando a atenção mesmo [...].
01	02	03	É. A higiene eu acredito que o certo é que as pessoas troquem de roupa sempre... (inint)... eh... eh... já sabe como é que mas...no...no cotidiano a gente entra por exemplo no transporte coletivo e vê que muitas vezes a pessoa tem dificuldade disso...de se manter limpo, né...os idosos são...são às vezes...denunciam...as empregadas mesmos que freqüentam as vezes as casas de amigos, a gente tem que chegar, tomar banho e trocar de roupa, se não não serve, porque já vem já, não é? Já vem de uma labuta...às vezes (es) ta esperando um ônibus ...(inint)...naqueles ônibus e á chegam já suados, então pra manter essa higiene é tomar banho diário, coisa que não se usava, né, no tempo do descobrimento, nós ficamos sabendo ali, por E. C. ...não se viram a entrevista de E. C. ...gostei muito...eu não conhecia E. C., interessante, só por causa do descobrimento, esse cara já apareceu na tevê umas duas vezes, aí comprei o livro dele e achei formidável...leitura agradável...conta trecho da história do Brasil que muita gente não conhece. [...]
01	0	01	Eu acho que as unhas devem ser cortadas sempre, tá vendo... devem ser cortadas sempre...às vezes a pessoa esquece, deixa um pouco longa, mas outro dia me(s)mo na... na TV ficamos sabendo que (es)tavam pesquisando onde estava a cauã de uma infecção hospitalar e estava na unha de uma das enfermeiras.

LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 006-R. INFORMANTE 256. TEMAS: Meios de transporte. DATA: 17/07/1997. DÉCADA: 90.			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: homem • Faixa Etária 3 • NÓS • A GENTE
OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	01	01	Os aviões são muito vários. Eu tenho viajado, por exemplo, em avião de quatro passageiros, tem avião de doze passageiros, tem avião de cem passageiros, tem avião de trezentos passageiros, então é muito difícil a gente descrever o avião que é basicamente tudo igual, não é!
0	01	01	Sim, eu esqueci de mencionar aí, eu estive na África do Sul, África do Sul a gente tem favelas só que elas são horizontais, bem maiores que a do Brasil.
0	01	01	Nos EE.UU. e em algumas partes do Canadá vocês tem, a gente tem ônibus com sanitário.
0	01	01	Difícil a gente não gostar, não é mas [...].
04	01	05	Eles são absolutamente rigorosos nos horários, eu acho fora daí a mesma coisa, há uns cinco anos, seis, oito anos, eu não me lembro, eu saí com minha mulher de Genebra pra Paris no TGV. Compramos toda excursão aqui, inclusive marcamos os lugares aqui, só que quando chegamos nos lugares marcados por nós, não sabíamos , eram de costa e minha mulher enjoa. [...] E a gente carrega a mala uma distância razoável até chegar lá [...].
0	01	01	[...] Então era esse o trecho que eu fazia com muita frequência e nas férias Itapagipe, Barra, Amaralina era um passeio que a gente dava como você hoje vai a mar grande.
01	0	01	E era uma coisa curiosa nós todos sabíamos os números das linhas de bondes.
01	02	03	De vez em quando, as pessoas da minha geração, amigos de minha geração, a gente faz esse teste em bonde... A gente fazia esse teste mas era uma coisa curiosa [...]. [...] E porque ninguém tinha carro, carro era objeto de desejo, de curiosidade. Nós sabíamos as chapas dos carros hum.
01	0	01	E na época da guerra nós tivemos aqui muitas tropas americanas.
0	01	01	Agora já que a gente falou em transportes haviam os carregadores.
0	04	04	Hum... a gente saía de Paulo Afonso porque Glória distava de Paulo Afonso talvez uma hora... Aí a gente dormia hum, saía depois do almoço, dormia em Cícero Dantas, Itapicuru.

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	01	01	Não, de transporte propriamente, não. Eu não sei se a gente considera isso transporte.
0	01	01	Então a coisa é dita romântica não é, você passeia com os italianos cantando aquelas músicas: algumas horríveis que a gente já não aguenta mais o Sole mio.
0	01	01	Sim, eu não sei se isso, se a gente podia chamar de transporte, mas alguns lugares onde você chama, onde você chega sobre teleféricos.
01	0	01	Fora daí você em todas as partes anda de metrô, e foi o meio de transporte que todos nós não tínhamos falado não é?
0	01	01	É. Nesse aspecto. E os negros americanos são muito agressivo, hum. Você vai num metrô e se há um grupo deles, eles não lhe olham com a naturalidade com que a gente olha um para o outro.

LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 001/N INFORMANTE M1 Temas: Casa. Data: 11/1993. Década: 90.			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: mulher • Faixa Etária 1 • NÓS • A GENTE
OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
01	0	01	Não, não. Ainda na sala, antes do corredor, a mesinha com telefone... Depois do corredor, né?, tinha uma escadinha que descia uma sala, o nível de baixo... então tinha a cadeira do meu avô, a televisão... isso não era bem uma sala, aí eu não descrevo como uma sala, é como se fosse assim... fizesse parte de outra sala, que seria uma sala, mas que nós estudávamos , não é?
01	0	01	É o proprietário mora no pavimento de cima, no andar de cima e nós moramos no térreo, no caso, no primeiro pavimento.
01	0	01	Nós estamos pensando em fazer da entrada, tipo um jardinzinho da entrada, tem a sala, essa sala que é sala de estar, com a sala de...de almoço também, né? ; sala de jantar, tem o lavabo, tem o é...o lavabo, tem a cozinha com a copa, bom, mais para o fundo da casa tem o quarto da empregada, com a suíte, né?
0	01	01	Bom, os... pelo menos o que eu me lembre é isso aí em termos de acabamento, porque a pintura ainda não foi feita, né? Então a gente ainda (es)tá pra decidir, mas provavelmente vai ser gelo, branco.
01	03	04	Os outros quartos: bom, a começar da sala de som, eu imagino que seja um lugar assim bem à vontade. De preferência sem móveis, no máximo eh..uns módulos, né? Só pra pra... não só pra decorar, mas muitas vezes a gente está mais à vontade , mas chega mais alguém, quer sentar e tal... almofadas, não não colocamos carpete, né? Então talvez assim um tapete que que desse pra decorar e eu imagino que pudesse colocar na parede, uma um...uma peça onde pudesse por todos os ... a aparelhagem no caso, pra compor, porque o quarto de som que a gente pudesse unir e também além disso, pra compor, porque o quarto de som pode não servir só para quarto de som e televisão. É um quarto também onde a pessoa pode se isolar pra estudar, num horário, né? Ou fazer um trabalho, e tudo, então poderia ser também um estilo... poderia se aguardar no caso, livros... Então, uma estante onde a gente pudesse colocar, né? Som e livros e... todos os objetos assim [...].
0	03	03	Porque, graças a Deus, a gente mora numa rua que nunca aconteceu caso assim, nenhum, mas assim um caso que pudesse assustar qualquer morado, tipo assim, ladrão invadir a casa pra tomar alguma coisa, sabe? Pra levar os objetos que pertencem às pessoas, não, isso não. Roubo existe em qualquer lugar, mas não dessa forma. Então, eu acho que é mais a nível de... pela planta da casa, estrutura como a gente queira a casa, do que a segurança. Então, até então, a gente ainda não pensou nesse lado, assim, como segurança apesar de que, um muro é uma segurança... né?

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
01	0	01	Não. Talvez a segurança fosse um cachorro dentro de casa, né? Porque nós temos um cachorro, mas é um cachorro pequeno, assim, tipo cachorro de criança mesmo, que mal estranha as pessoas. Estranha, mas não é um cachorro talvez um cachorro, né? Que pelo espaço da casa, a casa é maior vai ter um espaço maior... inclusive, no fundo, é...da casa da gente já começa uma invasão... né?
02	0	02	Então, não se tem muitos casos, entendeu? Outra coisa: nós moramos numa rua – eu sei que isso não impede o acesso de pessoas estranhas e de ladrão, no caso, né? Mas nós moramos numa rua onde a maioria dos vizinhos já moram lá mais ou menos o mesmo tempo.
0	01	01	As construções modernas, as construções mais antigas também, porque Salvador é uma cidade onde a gente já tem ... ta tendo oportunidade de ver né, agora, um desenvolvimento maior, em termos de construção, não é?
0	02	02	O... O que eu gosto mais? O estilo mesmo o estilo das casas, tipo assim, aquele que lembre o passado de filmes e e... de histórias que a gente vê , e de livros que a gente lê , entendeu?
02	01	03	Bom. Não tinha elevador, porque eram três andares, o prédio, de três andares. Então nós morávamos no terceiro andar, né? Inclusive foi um dos fatores também que a gente saiu de lá porque minha mãe não se adaptou bem. Por... por a gente, não. Em termos de conforto, inclusive, o apartamento, na época, nos proporcionava um conforto muito melhor, do que a casa, porque já... nós estávamos ainda na casa dos meus avós, já crescidos, então já não tinha es...muito espaço pra gente, né?
0	01	01	Nós morávamos no terceiro andar, como eu já disse... então [...].
01	01	02	É, bastante escada, né? Porque até da garagem pra o terceiro andar são quatro andares, né? Então, foi um dos motivos que a gente saiu , também por falta de adaptação de minha mãe, porque foi uma experiência que eu acho que ela fez, que ela queria fazer pra tirar prova, que meu pai sempre morou em casa e ela também. Foram morar em apartamento. Meu pai se adaptou, mas ela não se adaptou de jeito nenhum, não é? Então nós passamos para uma casa, eu sempre gostei de ter morado em apartamento porque o que eu queria... por exem... o apartamento ela já... para mim estava bom [...].
01	0	01	Olha, na praia, eu conheço as construções da ilha, né? É... exato. Nós já tivemos uma casa na Ilha, que... meu pai já vendeu [...].

LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 002/N. INFORMANTE 002/N. Temas: Vida Social. Diversões. Data: 16/11/1993. Década: 90.			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: mulher • Faixa Etária 1 • NÓS • A GENTE
OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	05	05	Bom, bom... se a gente for fa... bom, de diversão à noite, né, eu não gosto muito de sair à noite não, eu prefiro ficar em casa, ver filme, gosto muito de receber, gosto muito duma... da coisa do grupinho dentro de casa, um vinhozinho, uma cervejinha, um tira-gosto e tal. Agora, pra sair de noite mesmo, eu gosto de barzinho simples, a gente, a... gosta muito, tanto eu como meu marido, a gente costuma ir muito pra boteco, né, descobrir aqueles botecos, aquelas portinhas, né como a gente descobriu o do... com L. o do Caminho de Areia, do mocotó. Então, a gente faz muito programa desse tipo, um barzinho mais simples, um peixinho, frutos do mar, caranguejo, uma cerveja.
0	10	10	[...] Eu não gosto de me arrumar pra sair eu gosto muito de sair depois do trabalho, sair depois do trabalho pra tomar uma cervejinha, já direto, não gosto dessa coisa de produção, muito raramente, a não ser quando eu vou dançar, eu gosto de dançar, então quando a gente pensa... quando a gente sai naquele dia a gente vai disposto pra dançar, aí a gente tem aquela coisa de produção de sair e tal, mais muito raro. Eu gosto muito de tomar cervejinha no boteco e tal. Bom, basicamente isso, jantar também, a gente quando sai para jantar é um lugar bem mais simples e geralmente é frutos do mar, né, e tem essa coisa, o dia-a-dia, a gente acaba não quere...no ritmo de comida de carne e frango, não sei o quê, não sei o quê, geralmente quando a gente sai, a gente sempre vai procurar um lugar de frutos do mar que mais difícil a gente fazer em casa, a gente vai... procura mais, né?
0	02	02	Bom, cinema... adoro filme, mas gosto mais ver em casa, né, a gente tem uma facilidade maior de ter filme em casa, porque a gente está botando uma locadora (superp).
0	04	04	É aí a gente tem sempre, já tem oito meses e a gente vem comprando fita, então a gente tem sempre filme em casa e eu prefiro assistir em casa (inint). Eu vou mais pro cinema assim quando tá... é um filme que lançou agora, não tem ainda em fi... em fita e... e eu estou a fim mesmo de ver gente, entendeu, aí a gente sai pra ver um cinema, mas eu gosto muito de ver filme em casa, joguinho em casa.
0	04	04	Questão de... de... do cinema, a gente u... u... uti... eh... une o útil ao agradável, então, por exemplo, geralmente filme a gente assistir em shopping porque no mesmo espaço você tem um lugar pra tomar chope, você tem um lugar pra comer pizza, e a gente tem costume disso, por morar aqui, eu morei a minha vida inteira na Pituba, então a gente tinha essa coisa dos... filme perto de casa, então ou eu ia no... no... no Iguatemi, né, ou no Itaigara que eram cinemas próximos de casa [...].

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	01	01	[...] Agora mesmo que a...uh...o Pelourinho ta em...em alta, né, todo mundo vai, a gente já acostumava, né, (superp).
0	02	02	Porque assim... é, novo em folha, porque já tem cinco anos que eu trabalho lá e a gente já costumava isso de ir pra um botequinho no Pelourinho pra tomar uma cerveja depois do trabalho e tal... Então é aquela coisa gostosa de você sentar, tomar uma cervejinha à beira de passeio mesmo, as cadeirinhas, as mesas armadas, né, aquela coisa gostosa que Salvador tem muito, a coisa do barzinho, né, a gente vê muito aqui. Eu gosto, gosto muito.
0	02	02	... É na... o Pelourinho antigamente, era... eh... que pelo menos o tempo que eu peguei...que tem essa coisa, tem muito preconceito com o Pelourinho, eu mesmo tinha, quando eu comecei a estagiar, que eu fui chamada pra estagiar na Fundação, a primeira vez que eu fui, eu marquei com uma colega no centro da cidade, no Relógio de São Pedro pra a gente ir junto porque eu não sabia andar por ali, eu não sabia como é que eu ia, porque eu tinha muito tempo que não ia pra lá, pro lado de lá, né, aquele lado. E eu me lembro que há alguns anos atrás, dez anos atrás fui num dia de domingo levando um... uma amiga nossa que ta...de São Paulo que tava aqui e... era um deserto só...dia de domingo e a gente foi até de... a... vidro fechado, aquele pessoal na ...mal encarado andando, muito...as casas fechadas, tudo muito deserto, então [...].
0	03	03	[...] E até a coisa do relógio dentro da bolsa, que hoje em dia a gente faz em qualquer lugar, né, o relógio dentro da bolsa, a gente não carrega nada e há cinco anos atrás eu fiz por causa... porque eu tava indo pro Pelourinho, tinha essa visão. Aí cheguei lá, aquele movimento todo, eu me senti muito dentro do cenário de Jorge Amado, já tinha lido muito Jorge Amado, então me senti d... me senti dentro do cenário mesmo dele, né, e uma coisa bem interessante, aí fui morrendo de medo e – besteira- , com o tempo a gente foi vendo que não tinha nada a ver, você pode andar ali no comércio aberto, quer dizer, teve essa mudança com Antonio... que Antonio Carlos fez [...].
0	10	10	Eu vou mais ao cinema do que o teatro, acho que é mais acomodação, a gente tem muito disso da cultura da gente que não vai muito ao teatro muito... tem muitas peças interessantes aqui até... são peças daqui mesmo, né, grupos daqui e a gente não costuma ir... a gente começou ouvir falar mais no teatro baiano, eu realmente, pode ser (rindo) até questão de ignorância mesmo, de cultura, mas eu passei a ouvir falar em teatro baiano, do pessoal frequentar mesmo, de um dois anos pra cá, né, eu conhecia alguma coisa de teatro muito por influência até de L. mesmo, né, quando J. fazia teatro, que a gente era, né, mais menina, a gente ouvia falar, mas frequentar eu não frequentava, e hoje em dia eu tenho muita vontade de frequentar e não frequento mais por falta de grana, né, inclusive agora mesmo eu tava falando que a... o teatro... a gente falava “Ah, o teatro fechado”, o teatro abriu tendo peça todo fim de semana. E quem disse que a gente tem dinheiro para ir? Todo dia a gente diz “Não, na próxima eu vou” mas quando vem que a gente vai ver o preço do ingresso, eu desisto, entendeu, não vou dá mesmo, não dá realmente.

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	01	01	Não, o... “Oficina Condensada” estou com vontade de ir, ta todo mundo falando demais da peça, eu tenho vontade de ir, não fui, agente va... é aquela coisa, mesmo, de não ter costume, mesmo, agente vai passando... (superp) o tempo vai passando.
0	02	02	O mundo todo ia , menos a... o... o baiano, então o que aconteci? A gente atent... atende pesquisador, lá no meu... no meu setor eu atendo a... a pesquisa, então o que acontecia? Você via muita... muito turista... Ah, mas eu posso ir aí não porque e união sei andar no Pelourinho, eu não sei nem como é que chega ai, eu não posso ir não que minha mãe não deixa, entendeu”, ela até reclamou e as mães que reclamavam na escola por ter passado o trabalho de pesquisa e que tinha que ir na Fundação visitar a casa, porque naquele lugar não poderia deixar o filho ir, então nesses cinco anos a gente viu muito isso e a coisa tá mudando né? Você vê, hoje em dia eu saio seis horas da tarde [...].
0	04	04	[...] Antonio Carlos estimulou toda...essa...essa vinda dessas...restaurantes e tal, mas o comércio sempre teve então a gente sabia que das oito da manhã às seis da tarde o comércio fervia e tur... e fervia de turista também, tinha o SENAC que atendia pra almoço até era o S... SENAC né, e alguns restaurantes da própria pó, população tanto que a gente frequentava, eu trabalho há cinco anos e a gente não ia almoçar no SENAC, a gente a... almoçava no barzinho, boteco da própria população do Pelourinho (superp), né?
0	02	02	Né, então, quer dizer tudo que hoje em dia a gente vai fazer a gente acaba... girando em torno de dinheiro, né, mas... eh... de ter grana pra fazer, mas eu gosto muito de praia e gosto de praia assim, de não ter hora pra voltar, de... chegar lá tomar uma cervejinha mesmo, comer caranguejo, bate papo e não gosto de sentar na praia e ficar ali prostrada no sol [...].
0	03	03	E gosto de praia mais afastada, então, ou a gente vai ali pra Itapuã já no finzinho de Itapuã ou então, a gente vai pra Ipitanga, né, e...eu gosto de praia mais afastada, agora, não gosto de praia deserta, eu gosto de praia onde tenha uma barraca que a gente possa tomar uma cervejinha essa coisa toda (superp).
0	01	01	É, aí ge...a gente geralmente vai pra lá pra Ipitanga...pro lado de lá mesmo.
0	09	09	Conheço, né, desde menina a gente passeava muito, meu pai sempre foi de pegar a gente dia de Domingo e sair rodando praias, então. Jauá, Itacimirim, Praia do Forte, né, todas essas pra...as praias do lado de lá eu conheço, Buraquinho, conheço tudo ali. A gente ia muito lá, desde menina, a gente pra fazer piquenique, né,? A criançada toda, esse tipo de coisa, então, eu sou [...] a gente veraneia, desde pequena a gente veraneia na Ilha, meu pai tinha costume de todo fim de ano alugar uma casa na Ilha e a gente passar as férias de fim de ano na Ilha, então, cada...cada ano a gente ia pra um lugarejo daqueles ali, né, então a gente circulou tudo ali, eu gosto muito, eu volto sempre à Ilha quando eu posso, há quinze dias atrás a ge... atrás a gente tava lá, que até nisso e... eh... eh... na Ilha você pode chegar n... n... numa época assim que não... p...

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	01	01	que não é período de férias, né, não é época de movimento [...] Eu faço muito isso, ir fim de semana pra Ilha, dar uma fugida, quando a gente pode .
0	01	01	[...] Dizia o que é que eu tinha que ler, né, aí (inint) engraçado que eh...revista em quadrinhos, não revista em quadrinhos infantil, não, a gente sempre teve em casa, ele costumava ler também, mas falou fotonovela, revista de fofoca, não sei o quê ou então, aqueles romances, né, água com açúcar que hoje em dia tem em banca de revista "Sabrina", "Julia" naquela época.
0	02	02	(superp) Fora da temporada, eu go... é ... não é tão alto, eu faço muito isso, a gente costuma tirar férias no período de baixa, né? Da temporada, justamente por isso você tem acesso aos hotéis [...] o movimento é menor então você é o melhor atendido, então, a gente costuma fazer muito isso, viajar nessa baixa estação.
0	02	02	[...] deixava, permitia muito essa coisa, então, a gente costumava fazer festinhas até de vender ingresso pra comprar bebida, essas coisas toda, eu costum... minha adolescência eu não fui muito essa coisa de [...] na rua, não sei se é por causa de criação, meu pai nunca foi de permitir a gente sair muito então eu ia muito pra festinha [...].
0	03	03	É também, é... hã hã, agora eu sempre fui muito caseira, tanto que... eh... quando... minha mãe mesmo conta que a gente era pequena, L. era uma pimenta e eu era muito quieta então L. ia lá pra casa pra brincar comigo, ou...ou a gente brincava... ou a gente inventava uma brincadeira que conciliava os dois , mas na maioria das vezes L.
0	08	08	[...] existia realmente o carnaval de bairro e no Uruguai todos os trios elétricos passavam por lá, era assim tradicional, então tinha aquela rua ladeira dos Mares que a gente... o carnaval da gente era descendo aquela ladeira, a gente vestia mortalha , né, na faixa de...de nove, dez anos, a mãe... a gente fazia... a mortalha não era como mortalha de bloco, todo mundo tinha...era os caretas na rua, todo mundo tinha mortalha com máscara que a gente comprava a...na loja de tecido, mandava fazer e a gente descia aquela ladeira dos Mares e a rua Direita do Uruguai, a gente descia e subia , era o carnaval da gente da gente, com os blocos, com os trios, era tradicional, todo trio passava por ali, então eu cresci realmente no carnaval de rua de correr atrás do trio elétrico [...] eu não saio mais, mas na pipoca a gente ainda vai , vou atrás do trio, me acabo (risos) [...].
06	02	08	O único carnaval que passei fora foi Fortaleza, aliás dois, um em Fortaleza que eu fui porque eu não tava a fim de brincar aqui s...fui com amigos pra lá pra Fortaleza, quando lá a gente... vendo na televisão e tudo. Ah vamos procurar ver o carnaval aqui, vamos pular um pouquinho, aí chega na (rindo) cidade e nada, né, não tinha carnaval nenhum, aí fomos... pagamos ingresso, fomos pro clube, quando chegou no clube, meu Deus que des... decepção, aquela... banda chupa catarro [...] aquele horror que não dava nem estímulo de pular, nós saímos , fomos embora, né, e em Maceió que também a gente foi pra brincar carnaval [...].

LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 016/N. INFORMANTE TEMAS: O vestuário. DATA: 02/09/2000. DÉCADA: 90.			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: mulher • Faixa Etária 1 • NÓS • A GENTE
OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	02	02	As de lycra. As de lycra, eh... as que são mais próprias, justas ao corpo porque quando... se você faz um movimento tem que mostrar uma parte sua, (inint) eles pedem que a gente use sempre as... quanto mais curta melhor, porque a gente não vai também com... mesmo de manga comprida pra lá porque não, não convém [...].
0	01	01	Que ela, ela tem poucos bolsos mais de prega, um corte mais reto, tem as calças que estão mais na moda agora que são as calças carbi que têm dois bolsos do lado, a gente já percebe mais que são dois bolsos ao lado, dois atrás, dois na frente, para colocar as mãos, têm as calças... as masculinas que você está se referindo, né?
0	01	01	Eh, pode ser de lindo que hoje a gente já vê muito pouco, linho e tecidos mais leves, tergal.
0	01	01	[...] Além de existir os jaquetões que são aqueles mais trançados, que têm os quatro botões, os paletós hoje, a gente já vê com os mais... eu estava vendo outro dia que os paletós mais, mais atuais têm três botões, mais ainda existem os paletós com seis, com cinco botões [...].
0	01	01	Ah, tem as gravatas de tecido mais grosso e tem as gravatas de seda, né, de seda que requer um paletó para que a gente possa usar . E as outras de tecido um pouco mais grosso que possa usar na diária de um trabalho, as pessoas que trabalham com uma roupa mais, mais alinhada.
0	03	03	Olha, (superp) as cuecas, assim, elas passaram por uma evolução grande, das... desde as samba-canção até as mais curtinhas que a gente vê hoje em dia, que a gente vê cueca mais larguinha do lado, a gente já vê as cuecas tipo short que é um pouco eh da samba-canção evoluída mais com um corte mais moderno porque ela tem um cós que tem o nomezinho da marca.
0	01	01	Sim, sungas e shorts, é... que as sungas ficou uma cueca que também passou por uma evolução, né, hoje a gente já vê mais grossinhas, mais largas, aliás, e os shots, sem camisa.[...]
0	01	01	Na praia, eles usam muito o boné, a gente vê muito na praia o uso do boné, proteger o rosto do sol e tem, assim, o chapéu, que é um chapéu mais esporte que eles têm usado muito que é um chapéu eh... com um cordão parecido de cowboy [...].
0	01	01	Pode ser curtos ou compridos, né, (inint) mas os pijamas de manga comprida e em forma de calça eh, são os mais tradicionais, mas eles sofreram uma evolução muito grande, hoje, a gente já vê os pijaminhas de short e camiseta.

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	01	01	[...] a sociedade culturalmente eh os homens isso que a gente já conversou, né, calça, bermuda, short, camisas das mais diversas formas, mais... mais diversos tipos.
0	01	01	Saia. Saia têm as saias compridas, que são os saíões, eh... as saias curtas e as mini-saias, as saias que agora a gente chama de saias secretárias que é uma saia abaixo do joelho, são as mais... é um meio termo; não são tão curtinhas mas também não são tão compridas [...].
0	01	01	A gente prefere usar as blusas mais lisas pra que mantenha um contraste com essas estampas, mas, geralmente, são camisas, camisas que vai variar muito de acordo com a saia.
01	01	02	Hum, hum. A gente não falou das calças. Vamos falar... (superp).
0	01	01	As calças. As mulheres usam as calças compridas e hoje, a gente já tem as calças carbi que é um pouco da evolução das antigas calças cortadas que são até a metade, o joelho, até a metade da perna.
0	04	04	Dependendo do local e dependendo da roupa em que você (es)ta vestida, a gente tem que ter cuidado com as bolsas, porque a bolsa é um grande acessório, não é? Então assim, uma bolsa é um tipo de muchilinha, a gente não pode ir em qualquer lugar, a não ser que seja um lugar mais informal, a ida a um shopping ou a uma festa mais informal. Mas assim as bolsas mais com... com... de couro, com as cores mais escuras, a gente usa em... com as roupas mais... mais... com mais cuidado nas roupas e pra locais que exijam um pouco mais da..., do... da roupa que a gente esteja vestido, né?
0	05	05	Eh, eh, tem as presilhas que são das mais diferentes formas, né, desde barrete, até as presilhas de plástico, as mais comuns, que prendem o cabelo todo ou parte dele, tem as passadeiras, as tiaras e hoje a gente já vê alguma, eh... várias formas de tiaras, algumas com elástico atrás, que tem continhas, que tem tecidos pra prender a frente do cabelo. Tem também ainda aqueles pentezinhos que a gente coloca no cabelo, ou então, aqueles, aquelas presilhinhas chamadas piranha, né? Que, que são pentezinhos também que tem uma mola que a gente aperta e abre , quando a gente solta prende o cabelo.
0	01	01	[...] Assim é precisa-se ter um cuidado muito grande com a lavagem dessas roupas, né, ao passar as roupas, e o uso do sabão em pó, dos amaciantes, do contato com o sol, eh, dentro dos armários quando são guardados, a gente precisa (es)tar sempre ventilando essas roupas, né, colocando no sol e usar alguns produtos dentro desse armário pra.. contra a ação do morfo, das traças, pra que não aconteça nada com as roupas.
0	02	02	Em relação à mulher. Assim, os sapatos fechados são sempre os mais usados no trabalho, apesar de que hoje a gente já tem muitas sandálias , que, que estão substituindo o que a gente usava antes como sapato fechado.
0	01	01	Não, acho que não, a gente falou dos vestuários , das roupas, acho que só.

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
<p>LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 005/R (antigo 323). INFORMANTE: 408. TEMAS: Alimentação. DATA: 03/07/1997. DÉCADA: 90.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Gênero: mulher • Faixa Etária 3 • NÓS • A GENTE 			
0	01	01	[...] Agora que estou aposentada e faço partes de uns clubes aí ou o <i>Internation woman club</i> e um clube... um clube de terceira idade, entendeu, então eh... todo dia tem um evento, tem um chá, tem um... Agora São João, por exemplo, foi chá forró, o diabo a quatorze ouviu? (risos) e então a gente sai daquela linha de... de regime, né? Mas eu não tenho o hábito de... de fazer lanche. Eu almoço, janto. Aliás, hoje já não janto mais. À noite, eu tomo um... um café, eu... às ve... às vezes uma sopa que é pra não engordar, manter a... a linha (risos) tem que... não é que tenha nenhuma esperança de... de arranjar um casamento não que esse eu nem quero (risos).
01	0	01	Ah! Eu, eu tenho hábito de tomar suco. Suco de...de...de laranja ou suco de lima, entendeu? E e tomo café preto porque não gosto de leite. Não gosto de leite, nem em pó, leite eh...condensado. Explico: quando criança eu tive coqueluche e alguém falou pra minha mãe que era bom dar o leite, como chama? O leite cru do peito de vaca, então nós morávamos ali no Tororó e no fundo, onde hoje é a Estação da Lapa, tinha várias hortas, inclusive com estábulo e... lá mamãe mandou a empregada me levar, comprar, tomar o leite só que leite não foi puro não, foi com mastruz. A partir daí eu nunca mais tomei leite, viu? (risos) não tolero leite (risos).
01	0	01	[...] Eh! Quando eu fui à primeira vez à Europa que foi pra estudar eu só tomava coca-cola e ainda briguei lá, na, por lá, porque queria coca-cola gelada e só me dava “ao tempo”, na temperatura ambiente, né? “não, eu quero com gelo”. Me olhavam assim. E...mas depois que eu fui para o Chile, aí então, eu tinha um...um namorado e chegamos a ficar noivos e aí aprendi a tomar vinho. Depois daí eu passei a tomar vinho e de vez em quando eu tomo um vinho, um licor, entendeu? Um campari, um Martini, uma caipirosca, uma caipirinha,também não passa de uma dose no máximo que até uísque eu tomo tipo refresco: com água tônica.
0	01	01	Bem... o... o... o que tiverem oferecendo na... na... no... no restaurante, entendeu? Geralmente a gente vai no... no restaurante tem casquinha de siri, eh... camarão frito, entendeu?e lulas fritas, eu gosto. Isso eu tomo e gosto, entendeu?
02	0	02	Bem, eu geralmente como peixe de moqueca escabeche ou então nós aqui chamamos de escaldado, entendeu? Na... em Manaus chamam a caldeirada. É um escaldado de peixe, mas que eles não fazem como nós fazemos com o pirão e tal, né?

OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	03	03	[...] Agora nós... se faz o efó tanto de... língua de vaca como a outra... outra folha... esqueci o nome... é uma folha grossa assim que parece com uma outra que se chama cocó, entendeu? A gente... cata a língua de vaca porque a língua de vaca tem umas...umas florzinhas com a que dá umas sementes aquilo ali a gente tira . [...] porque toda comida baiana se você botar bastante cebola a comida fica gostosa porque a alma da...da comida baiana é o camarão e a cebola, né? Não precisa outra coisa e aí a gente faz um senhor efó.
01	0	01	Defumados, nós já... eu já comi muito, entendeu? Mas eu tive um cunhado que morreu com um CA e nós estivemos lendo e tal que essas carnes defumados, entendeu? Contribuem muito pra... é... a discriminação do...do...do câncer no organismo, entendeu? [...]
0	02	02	Pastas... pastas em geral... bem... eu como, entendeu? É... patês e... pra fazer eh entradas, assim pra beliscar, quando a gente está conversando , tomando um drinque, entendeu, então, assim, como a gente come o... a ova de estrução que não é nosso, mas eu prefiro a ova dos nossos peixes aqui frita [...].
06	0	06	[...] um hotel, uma pensão que na época eu dizia uma pensão metida à besta que tinha o nome de hotel e era eu e mais três companheiras que nós fomos como bolsistas do Instituto de Cultura Hispânica. Então, ficamos hospedadas nesse...nesse hotel. [...] Um dia apareceu arroz aí uma colega, Solange, “Opa! Hoje tem arroz” e tal e tal e nós ficamos esperando que viesse o... o acompanhamento, quando veio a... a... a funcionária e tal pra ti ... (inint) “não, não, deixa aí” pensou que nós não queríamos o arroz, mas é que... e nós olhamos assim, vimos o resto do pessoal comendo.[...].
01	0	01	Bem, melancia, abacaxi, laranja, eh... bem... lima, também vamos entrar aí entendeu? Mamão que eu não gosto, não como, melão que eu não gosto, entendeu?
01	0	01	[...] Dessas frutas todas que nós temos aqui na... na... no estado e dentro do país quase todas elas se faz doce, ne?
01	01	01	Pra preparar os alimentos é como eu disse a você eh... se for um peixe... bem, se o peixe vem... mesmo que venha escamado, isto é, tirado as escamas, etc. a gente tem que fazer uma revisão [...].

LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 029/N TEMAS: Alimentação. DATA: 22/08/2012. DÉCADA: 90.			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: mulher • Faixa Etária 3 • NÓS • A GENTE
OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
02	0	02	Costumo ir, a universidade que eu trabalho fica próximo, ai às vezes nos reunimos , almoçamos lá dia de sábado.
01	0	01	A Bahia, no caso, a exemplo Salvador, nós temos característica de comida muito condimentada.
01	0	01	E hoje nós temos que buscar uma alimentação que você se sintam bem. Não é? Hoje eu não janto a noite, evito jantar, aos poucos eu vou me adaptando a esta nova mudança.
02	0	02	Interessante, eu já fiz muita extravagancia, eu e meu esposo, mas hoje nós mudamos totalmente, dificilmente... café, por exemplo, ele, ele hoje praticamente aboliu, refrigerante... hoje nós buscamos uma, uma alimentação saudável: frutas, suco de frutas natural.
01	0	01	Com esta riqueza que temos , as pessoas tem que se conscientizar que mudança de hábitos saudáveis, só vai contribuir para uma boa saúde.
01	0	01	Nós herdamos do africano, né? A comida muito condimentada, né? As pessoas cultuam esses hábitos, né? O baiano entre a comida baiana e uma pizza ele é mais a comida baiana, porque faz parte da nossa cultura, né?
0	01	01	Porque meu pai era muito farto dentro de casa, entendeu? Então a gente fica , você herda isso. Então as vezes você compra três mangas só, mas se você não vai usar, entendeu?

LEVANTAMENTO DE DADOS DID N. 013/R. INFORMANTE 184. TEMAS: A cidade. DATA: 20/12/1999. DÉCADA: 90.			<ul style="list-style-type: none"> • Gênero: mulher • Faixa Etária 3 • NÓS • A GENTE
OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE	DADOS
NÓS	A GENTE		
0	01	01	A gente sente naturalmente que as igrejas de agora não podem ter a pompa que tinha as igrejas né, mas são bonitas [...].
0	01	01	Não, eu acho o seguinte, eu acho que até guarda demais na rua, mas eu acho é mal distribuído porque por exemplo, você, em termos de trânsito primeiro, por exemplo, têm pequenos contra mãos, contra mão que a gente dá, pra não fazer um percurso enorme a pessoa dá uma contra mão, ali tem guarda e multa [...].
06	0	06	Heim? Seguríssimo, tranquilíssimo, os estudantes faziam as excursões, as embaixadas íamos todos de trem, quem ia pensar em avião, quem ia pensar de carro, porque hoje vai, todo mundo de carro era de trem, era gostoso, porque nos encontrávamos, cantávamos, brincávamos, fazíamos brincadeiras, namorávamos [...].
01	0	01	[...] ela, ela em si talvez po, possamos dizer que ela seja até um pouco neutra, depende de como usar ela [...].
01	0	01	Nós estamos numa situação de poder aquisitivo cada vez menor, eu penso né, eu, eu, economia é uma, o economês é uma língua difícil da gente entender.
02	0	02	Pobres que me dizem isso, fico admirada, mas é mesmo?, é mesmo, nós comemos, nunca comemos tão bem.
01	0	01	Eu sempre gosto de contribuir porque eu acho que isso é um dever que nós temos, um favor, o educador tem que conscientizar disso [...].

ANEXO B – CHAVE DE CODIFICAÇÃO

CHAVE DE CODIFICAÇÃO

Variável dependente

Nós (N)

A gente (G)

Variável(is) independente(s)

FATORES LINGUÍSTICOS

1 Explicitação do sujeito

1.1 Sujeito explícito (e)

1.2 Sujeito implícito (i)

2 Nível de referencialidade

2.1 eu + (você(s)) + (ele(s)) [+ específico] (T)

2.2 eu [+/- específico] = o próprio falante (F)

2.3 indeterminação universal [- específico] (U)

3 Paralelismo discursivo

3.1 primeira referência (P)

3.2 referência diferente em relação a imediatamente anterior (D)

4 Tempo e modo verbal

4.1 No modo indicativo

Presente (a)

Pretérito perfeito (b)

Pretérito imperfeito (c)

Futuro do presente (d)

Futuro do pretérito (e)

4.2 No modo subjuntivo

Presente (f)

Pretérito imperfeito (g)

4.3 Formas Nominais

Infinitivo (i)

Particípio (j)

Gerúndio (l)

5 Tipo de oração

5.1 Oração absoluta (1)

5.2 Oração principal (2)

5.3 Oração coordenada (3)

5.4 Oração subordinada (4)

6 Tipo de verbo

- 6.1 Verbo de ligação (l)
- 6.2 Verbo transitivo (t)
- 6.3 Verbo intransitivo (i)

7 Tipo de texto

- 7.1 Texto narrativo (N)
- 7.2 Texto descritivo (D)
- 7.3 Texto argumentativo (A)

8 Classificação da frase

- 8.1 Afirmativa F
- 8.2 Negativa N
- 8.3 Interrogativa I
- 8.4 Exclamativa E

FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

1- Gênero:

Homem (H)

Mulher (M)

2- Faixa etária:

Faixa 1: 25 a 35 anos. (1)

Faixa 3: 56 anos em diante. (3)

3- Década

70 (7)

90 (9)